Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23188 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA SEGUNDA-FEIRA 26 FEVEREIRO 90 60$00

Com 60 por cento de votos contados

Sandinistas vencidos nas urnas

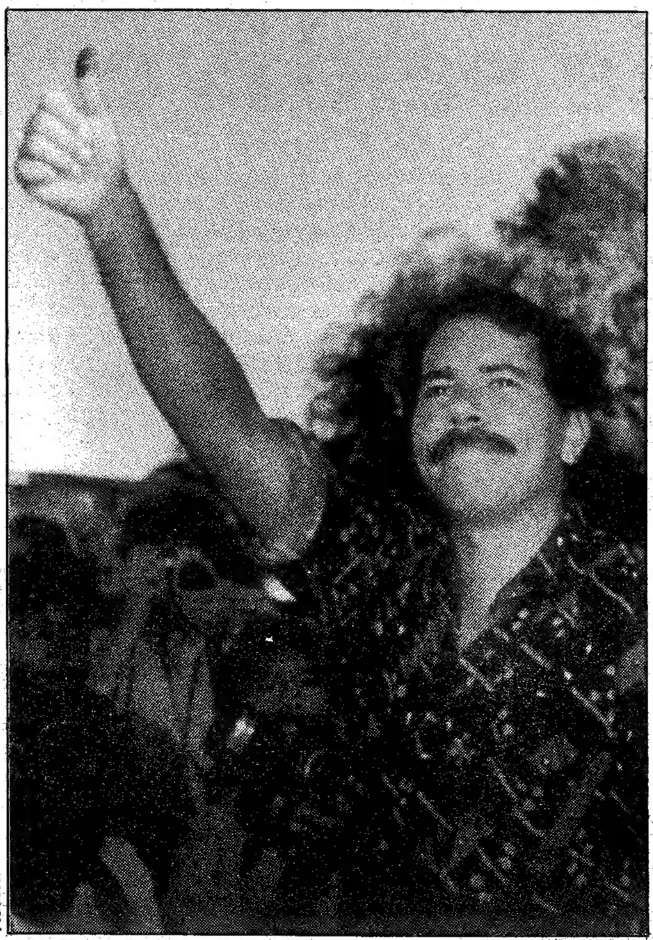
Contrariando todas as sondagens, inclusive as que nos últimos dias foram realizadas nos EUA, a candidata da União Nacional Opositora (UNO), Violeta Chamorro, é dada como a vencedora das eleições de ontem na Nicarágua, contra o líder sandinista Daniel Ortega.

Às 12 e 20 horas de Lisboa, e quando estavam apurados 60 por cento dos votos, a UNO contabilizava 54,8 por cento dos escrutínios, contra 41,5 por cento da Frente Sandinista.

Até ao princípio da tarde (hora de Lisboa), Ortega ainda não se havia pronunciado relativamente a estes resultados. Em Manágua, os seus apoiantes manifestavam-se nas ruas, aos gritos de "No pasarán", enquanto simpatizantes da UNO queimavam bandeiras vermelhas e negras dos sandinistas.

Ortega estava reunido desde a madrugada de hoje com nove comandantes sandinistas, para analisar a derrota.

Pág. 11



Reuter

France Press

Daniel Ortega e Violeta Chamorro na hora de votarem: ele mostrando o polegar sujo de tinta, ela acenando à multidão

Portistas agredidos

Jogo de Portimão acaba no tribunal

Hermenegildo dos Santos Salvador Costa, construtor civil, 59 anos, compareceu esta manhã perante o tribunal de Portimão acusado de ter agredido Pinto da Costa no final do encontro que opôs os portistas ao Portimonense. No entanto, o juíz Ezequiel Sanches Casanova não realizou o julgamento, remetendo o processo para a delegação da Procuradoria, a fim de proceder a exames médicos e efectuar um inquérito que será depois enviado a juízo. Entretanto, os dirigentes portistas agredidos solicitaram a urgente actuação do Governo, do comando da PSP e da FPF para se debruçarem sobre o comportamento da polícia que, em seu entender, "permitiu as agressões", agindo com "completa apatia" perante os incidentes de que foram vítimas.

Pág. 19

Lusa

Alberto João Jardim fez de Zé Pereira no Funchal, tocando bombo no desfile carnavalesco

Faltou garra ao Carnaval

Divertiu-se quem pôde, neste fim-de-semana radioso. Como pretexto, um Entrudo nem sempre folião

Há quem o dê por moribundo, carpindo pelos bons tempos que já não se repetem. Mas o Carnaval aí está, para grande gozo dos milhares de entusiastas que não abdicam de se divertir, um pouco por todo o País. «Negócio» que às vezes falha, tal como ressalta do nosso trabalho de reportagem na Grande Lisboa e no Rio de Janeiro. Ao contrário do Carnaval de Ovar, onde os ácidos remoques às figuras políticas foram, agora, abafados pela espectacularidade do desfile das escolas de samba.

Págs. 2, 3, 4, 5 e 6

DL

Despiste em Santa Comba Dão causa quinze feridos Pág. 13

Descarrilamento em Estarreja provoca atrasos Pág. 13

Deus Pinheiro: seis dias em oito países do Leste Pág. 10

Moscovo, Sofia e Praga estiveram na rua a manifestar-se Pág. 12

A permissividade das sociedades modernas há muito que alastrou pelo ano inteiro. O Carnaval já não é a oportunidade oferecida por uma condescendência anual, mas um ritual de calendário que sobrevive para que não morra a única alegria dos tristes

GRANDE ANGULAR

Carnaval: o Mundo cumpre o dever de se divertir

O Carnaval de 1990 está a decorrer aparentemente com uma única originalidade: ser muito menos participado do que os anteriores, na maioria dos locais onde tradicionalmente é festejado de foma mais espectacular. É esta, pelo menos, a conclusão permitida pela leitura dos noticiários de várias proveniências, que reflectem um desinteresse generalizado, no mínimo, aos meios de comunicação internacionais.

Excepção que contrasta com este panoramam geral continua a ser o Rio de Janeiro, onde a capacidade de *sassaricar* dos cariocas ou os interesses do turismo brasileiro não deixam o Carnaval morrer, apesar dos fantasmas que afugentam os visitantes, nomeadamente uma criminalidade que, sendo permanentemente assustadora, é, nestes dias, incontrolável.

Não constituindo novidade, o aproveitamento das figuras e dos acontecimentos políticos - que é, aliás, tradicional nas manifestações carnavalescas mais populares em todas as Latitudes, tem este ano à sua disposição uma temática particularmente variada. No Brasil, a figura da moda é, evidentemente, o estreante Collor de Mello, o presidente recem-eleito, enquanto, na Europa,a queda do muro de Berlim, a onda anti-comunista que tem varrido os países de Leste, e os separatismos na União Soviética têm sido os campos por onde mais se solta a imaginação caricatural de cenógrafos, letristas e costureiros.

Por cá, o Carnaval mastiga *slogans* nacionalistas, que falam do regresso ao carnaval português, sem brasileiros. Brasileiros, de facto, não vieram este ano. É, realmente mais económico, mas os festejos que se fazem por esse País fora continuam a copiar os esterótipos do Carnaval carioca, sem o mínimo traço de originalidade portuguesa.

Os Carnavais de Lisboa

Muitas alternativas e pouca convicção

Rui Vasco

Fafá: grande, exuberante, arrebatada e estentórea

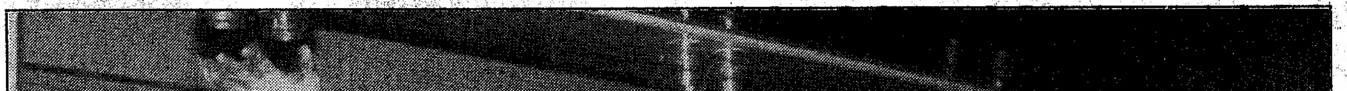
Há muitas maneiras de gozar o Carnaval. Tantas, pelo menos, como os escalões previstos nas declarações de impostos. Na zona de Lisboa, elas variam entre um Casino Estoril que cobra vinte contos por pessoa e colectividades populares que se dão por satisfeitas se aparecerem umas dezenas de sócios, a pagarem uns simbólicos cem escudos e a deixarem outro tanto no bufete. Em comum entre estas celebrações, só as serpentinas. E um mascarado ou outro que não disfarça uma generalizada falta de convicção.

No sábado à noite, no Casino, nem máscaras houve. Tratava-se da noite de gala. Mediante os tais vinte contos, 750 elegantes – de *smoking*, eles, vistosos atavios em que também dominava o negro, elas – ingeriram coisas como «laminado de lagosta com *kiwi*» e «lombo de vaca folhado», regados com vinhos caros, apreciaram um *ballet* de beldades sem-nuas e, finalmente, aplaudiram a brasileira Fafá de Belém, grande, exuberante, arrebatada e estentórea. Para os mais resistentes, a folia durou até às 4 da madrugada, com um «cacau à Ribeira» a rebater uma sopa castiça. Dançou-se. E houve muito quem não resistisse às *slot-machines* tentadoramente feitas deslocar pela gerência para a entrada da sala de espectáculos, que um Casino se existe é para que se jogue.

No outro extremo da escala dos custos, fica um Carnaval como o dos Alunos de Apolo, por exemplo. Nesta colectividade popular de Campo de Ourique, cuja actividade hoje se orienta em exclusivo para o ensino e os concursos de dança de salão, os associados pagam uma ninharia simbólica de cem escudos e os não sócios, pelo direito de acesso nos três dias de Entrudo em que ali há baile, sendo homens, 1200 escudos, mulheres, 500. Com os bilhetes, recebem uma proposta para ingressar na colectividade, sendo, se decidirem fazê-lo, aquela importância deduzida dos dois mil escudos da jóia.

Como se celebra o Carnaval num espaço popular como este? Os símbolos da quadra são modestos, restringidos às serpentinas entrelaçadas aos candelabros e a carantonhas de papelão penduradas das paredes. E a folia não diverge muito da que ali se vive todos os fins-de-semana, porque todos os fins-de -semana há ali baile. Conjuntos musicais semi-amadores fazem ouvir nos dois salões sambas e marchinhas brasileiros, tangos e melodias antiquadas; há mulheres a dançar com mulheres; as camisas vão-se colando aos corpos com o suor; no bufete, a cerveja fresca esgota-se depressa. A nota carnavalesca é dada por uns poucos mascarados trapalhões, cujo rosto é norma da casa que seja desvendado à meia noite.

Também nas discotecas da moda, ressalvadas as fantasias de uma pequena percentagem de foliões, o ambiente pouco difere do dos fins -de -semana. Os preços, sim, subiram. No Alcântara-Mar, por exemplo, em vez dos habituais 700 escudos com direito a uma bebida, 1500. Mas nem por isso, no sábado, a clientela deminuiu. Pelo contrário, duplicou. Mil e quinhentas almas no recinto à pinha, e bicha persistente à porta.De resto, tudo igual. A música de sempre: trepidante e ensurdecedora, com uma batida tão repetitiva que sugere uma cantoria de cuco enfrenesiado. A massa de gente a cabriolar na vasta pista, sob os clarões espasmódicos da luz intermitente, que incute aos gestos a aparência automática dos movimentos dos robots. Jovens a gesticular ao ritmo, solitários e ensimesmados, nas exíguas plataformas para a exibição de expontâneos. O *whisky* , os sumos com *vodka* , os olhos vidrados das grandes pedradas. Em suma, a noite da mocidade dos anos loucos do findar do século. A Lisboa fora de horas. Onde não há Carnaval nenhum, mas mesmo nenhum, é no Ritz Club, o velho *cabaret* de prostituição barata recém-convertido em ponto de encontro da geração de 60. Nem um punhado de *confetti* , nem uma só serpentina. Como todas as noites, trezentas ou 400 pessoas desembolsaram 1500 escudos para assistirem ao espectáculo, beber, dançar e dar à língua. Em exposição pública, não reclama muito mais, o lendário hedonismo da «esquerda festiva».



Rui Vasco

Uma poucas fantasias, mais ou menos irreverentes...

O pássaro branco tem um significado especial no carnaval suíço, que continua a ser a festa da anunciação da Primavera

Regresso às origens

Nos últimos anos, os carnavais portugueses têm mostrado uma acentuada tendência para se travestirem em carnavais cariocas. Não apenas pela importação massiça das vedetas televisivas, que para cá vêm concorrer com os seus compatriotas dentistas e jogadores de futebol na caça ao escudo, agora que o cruzado anda pelas horas da morte, depois da falência total do cruzeiro, como ainda pela importação acelerada dos sambas e das marchinhas, de apressadas escolas de samba, de reis momos a substituirem-se ao costumeiro Entrudo.

Este ano, algumas câmaras e comissões organizadoras dos festivais entenderam chegada a hora de regressar às origens do verdadeiro Carnaval português, «salvaguardando a nossa identidade cultural, preservando os seus traços, estudando a sua evolução ou desaparecimento, fomentando formas das manifestações culturais tradicionais se manterem», como, no exemplo mais significativo, o assinala o município de Loures.

Foi nesse sentido que aquela autarquia (e algumas outras lhe seguiram o exemplo ou foram concordantes na ideia) voltou a pôr nas suas ruas as cegadas, os encaraçados, a serração da velha,

o enterro do Entrudo, este só lá para quarta-feira.

As **cegadas**, de imemorial origem, constam, de maneira geral, de duas peças pequenas: um drama que pretendia comover tudo e todos; e uma comédia em que abertamente se criticava um facto local ou de carácter nacional. As cegadas, verdadeira manifestação de teatro popular, têm exclusivamente homens como actores, frequentemente em travesti feminino.

A peça é rematada por cantares à viola, ajudando a música ao desenrolar do entremês.

Os **encaraçados**, forma muito original e peculiar de Loures,, consistem em pequenos grupos trapalhões, de cara coberta por velhas meias, que batem à porta do pacato cidadão, se sentam e se amesendam quanto podem. Raparigas também ajudavam, enfarruscando, enfarinhando e fazendo «porreços».

Desde o século XVII que na quinta-feira da terceira semana da Quaresma se procedia à **Serração da Velha.** É uma velhíssima tradição que exprimia uma certa vingança dos cristãos contra os jejuns impostos pela «Velha Rabugenta» da Quaresma.

Tradicionalmente, esta Serração da Velha esta a cargo de grupos de rapazes que transportavam uma boneca, a «Maria Quaresma», num estrado e a passeavam pelas ruas, fazendo-se acompanhar pelo som de guizos, chocalhos e todo o possível barulho. Simulavam serrar a boneca e batiam às portas de casas onde havia velhotas que saudavam com versos brejeiros e ameaças de castigo pela abstinência imposta.

O **Enterro do Carnaval** é uma cerimónia característica da Quarta-feira de Cinzas, a dar por terminado o período festivo do Entrudo. Um boneco de palha era transportado à noite pelas ruas da terra, com grande choradeira dos «familiares» para, à meia-noite, um «padre» lhe ler o testamento, com um balanço da sua vida terrena e claras alusões a acontecimentos e personalidades locais.

Finalmente, o boneco era queimado, acabando-se o Carnaval e suprimindo-se os maus espíritos com o fogo purificador.

Eurico Vasconcelos

As criancinhas potuguesas continuam a brincar com bombinhas

Primeiro, prevenir

A legislação é confusa, por vezes inexistente, e, durante todo o Carnaval, as criancinhas portuguesas continuam a brincar com bombinhas, bichas de rabear, pós de espirrar e garrafinhas de mau cheiro.

Nada de muito grave, segundo um relatório do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor. Sérios acidentes, são praticamente desconhecidos, muito embora os pós de espirrar contenham substâncias cancerígenas, as garrafinhas de mau cheiro elementos corrosivos para a pele, as bombinhas explosivos.

O relatório pretende «desdramatizar» a situação que tem estado a criar alguma inquietação entre as famílias, afirmando que a perigosidade dos brinquedos de Carnaval, considerados isoladamente, «é muito limitada». «O problema, acrescenta aquele documento, está na tendência que as crianças têm para os utilizar em conjunto ou em grandes quantidades».

Seja como for, a relatora, Elisa Coragem, é de opinião que «o problema pode ser resolvido se os adultos ensinarem as crianças a utilizar os brinquedos de forma segura».

Prevenir, para não ter que remediar...

C O M E N T Á R I O

O Carnaval dos Pequeninos

Chamar ao Carnaval **jogral exânime** (exausto) é, sem dúvida, um remoque acertado. Pelo menos nos tempos que correm, já que apesar dos enormes investimentos que, nos últimos anos, as autarquias têm feito para ressuscitar (ou inventar) carnavaizinhos locais, eles parecem estar - apesar do recurso a vedetas da telenovela brasileira - votados ao insucesso comercial.

O caso mais flagrante de inépcia para este tipo de negócios parece ser o do Funchal onde, sem o mínimo de tradição carnavalesco-festiva, se continua a tentar, desde há meia dúzia de anos, criar um *Riozinho de Janeiro*. Só que a coisa não vingou, ainda que o próprio Alberto João Jardim persista em abrir o desfile a toque de bombo.

Aliás, queixam-se os hoteleiros do Rio de que, este ano, a turistada só ocupou 65 por cento da capacidade de alojamento local quando, em anos anteriores, esta se esgotava com várias semanas de antecedência. Por isso, há já quem fale em ... sinais de decadência.

Mas o que verdadeiramente me intriga não é, sinceramente, a maior ou menor aptidão das autarquias para criarem «factos» comerciais. Pelo contrário, o que atrai nestas lides é tentar compreender o porquê de uma nostalgia fortíssima por parte daqueles que em tempos contactaram com as delícias do Entrudo e hoje consideram que ele já não vale nada.

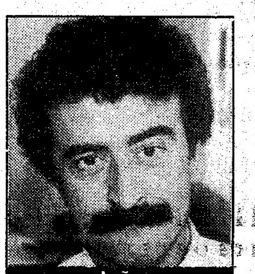
No fundo, parece a história dos meninos que se sentiram maravilhados com as suas primeiras idas ao Coliseu ou ao Jardim Zoológico e que, quando lá voltaram em adultos, foram confrontados com uma das maiores desilusões da vida: espaços e protagonistas à dimensão do seu mundo de criança.

Por isso, e porque de paradoxos azedos anda o mundo cheio, não esqueci a minha surpresa quando, já trintonamente desinteressado das folias carnavalescas, li numa revista «Occidente» ainda dos tempos da realeza (mil novecentos e picos...), um fogoso artigo de fundo a bramar contra as novas modas festivas do Entrudo, em termos tais que mais pareciam a condenação do regicídio e a apologia dos mascarados tempos da ditadura de João Franco. Em síntese, antes é que era bom!

No entanto, continuo a admitir que a pachorra de alguém se mascarar a preceito é directamente proporcional ao gozo que lhe dá vir a ser reconhecido, no fim da noite, como o rei da festa, do baile ou da cegada. Por que intrigou melhor, seduziu sem esforço e apalpou sem dor, ou seja, divertiu-se.

E como a diversão não se discute - ela é do foro íntimo de cada um - resulta disparatado criticar a forma e o conteúdo dos excessos ou sensaborias que, com maior ou menor tradição, revestem a folia carnavalesca. Tal como será patetice rotular de simplórios todos aqueles que se embasbacam com a pompa (para muitos duvidosa) dos corsozitos que por aí proliferam, mesmo sem *cachet* para pagar às televedetas brasileiras.

Daí, que se danem todos os saudosistas, estetas, energúmenos ou puritanos, ainda que o Carnaval tenha mesmo deixado de ser um grande espaço de transgressão e o mais «insensato e convencional de todos os seres».



João Galamba de Oliveira

No Jardim Zoológico

Domingo de Entrudo estaladiço

Eurico Vasconcelos

A infinita tristeza de um pequeno ser a passar o modelo do Carnaval

«Está ali no meio um menino vestido de menina. É o Miguel, faz hoje anos, e vamos todos cantar-lhe os parabéns a você. Levante-se o travesti!». No espaço acanhado do pavilhão infantil do Jardim Zoológico de Lisboa, o apresentador preenchia o tempo em que o júri classificava as meninas e os meninos com menos de oito anos de idade e as respectivas fantasias levadas a concurso. Antes, um grupo de crianças tinha cantado em «play-back», para dar tempo aos jurados, incumbidos de uma tarefa espinhosa e meritória.

O apresentador aproveitava os intervalos para dizer que gostava que todos ganhassem prémios e que não tinha prego nem estopa a ver com as decisões dos jurados soberanos.

Lá dentro, o ambiente era quente porque o dia esteve magnífico, não havia espaço para caber mais quem quer que fosse e os palhaços, damas antigas, coelhos e personagens vindas dos contos de fadas ou de aventuras transpiravam do alto dos respectivos palmos e meio, aproveitando o tempo em que se anunciavam os patrocínios do concurso para se escaparem da penumbra asfixiante para o sol, onde havia espaço para andar aos pulos.

Angústias para o lanche

A porta e lá dentro, papás e mamãs estavam bem longe de se alhearem do concurso. As fantasias dos dez seleccionados eram sem dúvida caras e ninguém estava ali para jogar a feijões, apesar de todos os prémios terem uma forte componente de batatas fritas do patrocinador.

A bicicleta saiu ao Ruben, que ia de Robin dos Bosques e que, como bom guerrilheiro não perdia a oportunidade de se escapulir de uma obrigação penosa, como a dos restantes: a de representar com brio o colectivo familiar.

Mesmo os adultos menos versados em Proust intuem que «a nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio» e, como é nos rebentos que se revêem, mostram-nos ao restante público com as máscaras favoritas.

Nas ruas, nas praças, nem sempre com concursos mas decerto para ilustração dos

Eurico Vasconcelos

Debora Carina não foi ao concurso. Estava feliz

Ovar: um corso sem brasileiros

Um remoque à família-Beleza e dois a Cavaco constituíram as três únicas alusões políticas do Carnaval de Ovar-90, cujo grande atractivo continua a ser as suas escolas de samba, que ontem desfilaram nas principais artérias desta cidade de Aveiro que deu novos povos às terras, como ontem dizia aos jornalistas o presidente da Câmara Municipal, Guedes da Costa, frisando os exemplos da Régua e de Vila Franca de Xira. No primeiro caso, grande parte da comunidade é vareira; no segundo, os vilafranquenses de hoje são, na sua maioria, descendentes ou de varinos (de Ovar) ou de aveiros (de Vieira de Leiria).

Seis escolas de samba desfilaram neste Carnaval, tantas como as de 1989, uma delas nova: «Mocidade de São Cristóvão», em lugar de uma outra que desistiu. São os trajes, é o estilo, são as maneiras dengosas do seu corpo de dança que encantam.

Um brasileiro a nosso lado, na tribuna montada na Avenida Ferreira de Castro (homenagem ao autor de «A Selva» e «A Lã e a Neve», nascido neste distrito), garantia que muitas das brasileiras que já viu desfilarem no Rio de Janeiro não eram tão «brotinhos» como estas, de Ovar.

Não sabemos até que ponto isso corresponderá à imagem: o que se sabe é que, sem atracções brasileiras, este Carnaval de Ovar tem em Cleo, um antigo jogador do Beira-Mar e do Ovarense, brasileiro aqui radicado, um dos seus principais artistas na dança.

Ele é figura de «Charanguinha», uma escola de samba criada em 1 de Maio de 1985, com dois discos gravados e uma aparição, por sinal bem recente, no Casino do Estoril, que lhe davam, à partida, todas as possibilidades de vencer este Carnaval - porque o Carnaval de Ovar reserva um prémio aliciante para a melhor escola de samba, a votar por um doutro júri formado pelas forças vivas locais.

Alegria, ritmo, samba e suspense assinalam este Carnaval de Ovar que a gente vareira vive com indiscritível alegria estes dias, mas para o qual trabalha desde Setembro, logo que as férias gozadas no Areínho, Torreira e Furadouro, acabaram. E se ontem, com o tempo a ameaçar (receou-se pela chuva, que felizmente não caiu), as ruas da cidade encheram-se, o mesmo se espera para amanhã, porque a aposta da Câmara deste famoso corso nortenho não murcha, segundo o presidente Guedes da Costa.

Há grande expectativa em torno do prémio em disputa pela seis escolas de samba deste Carnaval tipicamente vareiro - Costa de Prata, vencedora em 1989, Charanguinha, Juventude Vareira, Mangueiras, Kankans e Mocidade de São Cristóvão - , porque os quatro primeiros agrupamentos reúnem todos, segundo os observadores, qualidades e condições para aspirarem ao triunfo, que se traduz numa medalha e em facilidades de representação do Cranaval de Ovar no País.

O corso de ontem abriu com a fanfarra e majoretes de Alcobaça, que aqui gozam de especial simpatia, como disse ao «DL» o presidente Guedes da Costa, e fechou com os «Zumbidos de Válega», precedendo o Rei do Corso.

Um momento importante do desfile foi a homenagem que a escola de samba Juventude Vareira prestou a uma das mais importantes figuras vareiras de sempre, José Santa, que o boxe imortalizou como «Santa Camarão».

Júlio Rodrigues

Danças e batalhas de água nos Açores

Agremiações populares da Terceira organizaram uma saída à rua de danças tradicionais, marcando uma nova faceta do Carnaval nos Açores, regra geral assinalado mais pelos bailes em discotecas e colectividades. Na Terceira, as danças teatralizam a vida social e política da ilha, ao passo que, em S. Miguel, o que se impõe é a grandiosidade dos bailes no Coliseu, batalhas de água e corsos.

O terreno favorito das batalhas de água situa-se na Avenida Marginal de Ponta Delgada, com os transeuntes a sofrerem o cruzamento dos «tiros» de grupos de jovens que se defrontam.

Dentro de cada ilha açoriana, a rivalidade entre as localidades centra-se na organização de corsos.

O anticiclone ajudou e o tempo tem estado bom. Mesmo na Quarta-Feira de Cinzas, a previsão não vai além do vento fraco.

GRANDE ANGULAR

transeuntes, mamãs e papás juntaram-se aos deuses meteorológicos da Primavera e aliaram ao tempo quente um suadouro para os infantes.

À boca de cena, apesar de tudo, Soraia estava bem na sua pele de dama antiga, ainda que preferisse a plateia aos *flashes*. O mesmo sucedia, por exemplo, com Marisol, essa fantasiada de Sissi, da Raquel, que ia de holandesa, ou da Mónica, de Charlot.

Cá fora, tudo os chamava, a começar pelo sol, pelo espaço aberto, pelos gritos das brincadeiras dos outros que, ao ar livre, não tinham ido a concurso. E a par de angústias levadas para o lanche pelos progenitores de crianças perdedoras, nem sempre de semblante e palavras folionas, como convinha à época, eles, os miúdos, tinham na mão os sacos de batatas fritas distribuídos no fim.

E comiam e ofereciam à volta, porque a glória dos Carnavais sabe melhor estaladiça.

Eles que o digam.

J. I.

Eurico Vasconcelos

Foi preciso chamar o João Filipe para ir receber o prémio.

Torres de Vedras e Sesimbra

Ironia e folia ao sol

Um pouco por todo o País, o Carnaval retoma, este ano, novo entusiasmo. A ironia, o pudor, a alegria assumidos de formas diferentes em cada região, permitem que durante alguns dias se brinque de forma autorizada.

Escolhemos Torres Vedras e Sesimbra para colher um pouco do «cheirinho cultural» com que o nosso Povo faz esta festa. Os torrienses reivindicaram, desta vez, o estatuto do Carnaval mais português de Portugal. O nacionalismo serviu para uma enorme paródia em volta da CEE e diz a gente da terra há muitos anos que a cidade não assistia a um corso tão criativo e, por certo, tão dispendioso.

João Maria Brandão de Melo, o tradicional rei da festa, escolheu, este ano, a figura do rei Saloio. Mais precisamente sua majestage o rei «ECU 12». E nada mais irreverente do que escolher, como rainhas, para a batalha das flores, duas fantasias de *travesti*. Valeu praticamente «tudo menos tirar olhos», porque como ouvimos, sábado, em Sesimbra, é Carnaval e ninguém leva a mal. Apesar de um número desusado de torrienses ter escolhido a figura de mulher para se mascarar vão lá os sociólogos explicar porquê a verdade é que a organização do corso tratou o poder de forma equilibrada. Ou seja, o carro de Portugal entre os muitos, alusivos a países da Comunidade, como a França, Inglaterra, Bélgica, Itália e outros, acabava por ser o mais ponderado: apresentava as figuras de Sampaio e Cavaco na proa. Referência sugestiva para dois pormenores. A viatura que caracterizava a Alemanha representava o muro de Berlim aberto, enquanto uma outra, sobre a Berlenga, exibia uma enorme cabeça de burro. A ampliação sonora explicava que a ilha tinha declarado a independência.

Romão Ferreira, da comissão organizadora, acredita que as receitas do corso deste ano possam ser significativas e, à semelhança de anos anteriores, será entregue a uma instituição de solidariedade social. A mais favorecida o ano passado foi a associação regional de crianças deficientes. De acordo com aquele responsável estima-se que possam estar na cidade, nos dois dias de corso cerca de 150 mil pessoas. Amanhã, há um novo desfile e, na quarta-feira à noite, é o enterro do Entrudo.

Samba virado para o mar

Em Sesimbra, sábado foi dia de cegadas e de eleição do rei Momo, mas o ponto alto das festas é, amanhã com o desfile das Escolas de Samba, que, desde 1976, têm vindo a tornar-se cada vez mais participadas no Carnaval. Estivemos com os «Sambinhas no Horizonte» que se esmeravam, ontem, por concluir os seus fatos. O mote para o passeio dos seus 95 participantes é realmente bonito e trabalhoso: «no mundo fantasmagórico das aranhas». Menos *tenebroso* é o enredo da «Juventude na Baía». A «natureza é o nosso Mundo», vão cantar os jovens e pescadores de Sesimbra que, continua, aliás, virada pera o turismo. Simpáticos jovens distribuiam prospectos aos forasteiros convidadando-os para um *cocktail* de apresentação de um novo *aparthotel* de quatro estrelas que alargará, bastante, a capacidade turística da região. Tirando a festa, a vila continua igual a ela própria. Tranquila porque virada para o mar tão nacionalista, afinal como a alegria contagiante do rei Saloio eleito pelos homens de Torres Vedras por serem, este ano, «os mais portugueses de todos os portugueses».

Pereira de Almeida

Eurico Vasconcelos

O rei do corso deste ano em Torres Vedras

S. Vicente de Cabo Verde

Carnaval, futebol e milho

Da nossa enviada especial

Domingo Gordo, São Vicente divide-se entre as tácticas a utilizar como prova de resistência de acesso à evasão. Há um jogo importante de futebol: Mindelense-Académica. Os que resolveram optar pela «operação recarregar energias», ou seja, passar o dia em casa à espera da primeira grande noite do «Non Stop».

Carnavalesco, esses ouvem o relato radiofónico do desafio.

Pelas janelas abertas entre o som, em directo, do «uhahah» de entusiasmo espectante da multidão no estádio, contrastando com a ambiência musical da noite passada.

Nos bairros dos subúrbios do Mindelo, ao longe, ouviam-se simultaneamente três músicas diferentes, vindas dos dois ou três grandes bailes que se realizaram na cidade. Nas ruas de acesso ao centro, à Praça Nova (local de encontro obrigatório), agora com mais volume, escutam-se outras tantas músicas, de outros tantos bailes, ganhando, por fim, esta agradável batalha sonora, no Hotel Porto Grande, a actuação dos ex-Kings, longe dos seus tempos áureos, de há cerca de 15 anos, o que deixa vivamente irritado outro tipo de gente, que se não tiver o seu próprio «som», de grandes dimensões, foge rapidamente.

Começa a debandada, opta-se ou por uma «tralha» (baile organizado por uma das escolas de samba) ou uma discoteca. Estas são iguais a todas as outras, em qualquer parte do mundo. Só faz impressão o pouco que passam da música de Cabo Verde, e aos poucos constata-se que em Portugal se vive muito mais a caboverdionidade do que em S. Vicente. Malhas que o império teceu... A única diferença reside no facto de que nas *boîtes* de cabo-verdianos, em Lisboa, bebe-se grogue, aqui considerado bebida pouco digna de tão respeitáveis locais. Mas, claro, é normal, também não se encontra um caldo de peixe ou catchupa na maior parte dos restaurantes. Só na memória de um disco antigo, de Marino Silva.

Mas, lá para o fim da cidade, a imagem do lamentavelmente encerrado por Tom, lá o «Padjinha Bar» não é frequentado por gente tão perfumada como o «Je t'aime» ou o «Pimm's», as discotecas do centro do Mindelo. A música que o *disc jockey* escolhe é, principalmente, africana. Bebe-se grogue ou ponche, e não se assiste a desfiles de moda, que não se desejam.

A tempo também é de contrastes: de noite frio e vento e de dia, transpira-se.

Ganhar o direito à rua

Desde sempre, o mindelense ocupa e usa as ruas como suas. Agora, no Carnaval, assina a escritura anual da sua propriedade, não importando se mora no subúrbio ou no centro da cidade. Embora haja espectativa no ar, devido à espera do grande dia e das surpresas e encontros que trará, o ambiente é de euforia.

Sábado à noite, começaram a aprecer as primeiras de quatro fantasias que serão usadas diariamente e foram imaginadas o ano inteiro. Saem também para a rua, exibindo-se, os solidários, aqueles que, não se fantasiando, fazem pinturas no rosto, nalguns casos deslumbrantes de cor e forma. Usam-se roupas novas com um toque carnavalesco. Nas montras das lojas, estão expostos: tules, cabeleiras de ráfia brilhante, mascarilhas bordadas a lantejoulas, etc.

É difícil conseguir a atenção das pessoas e ganhar-lhes dois minutos do seu tempo, está-se em cima da hora e faltam os últimos preparativos. A maior parte delas ou vai desfilar, ou preparar as fantasias e estruturas alegóricas do seu grupo de animação, havendo ainda as costureiras e alfaiates, a braços com fantasias que têm que estar prontas a tempo. O convívio só é possível com uma certa camada da população, de alguma forma ligada às artes, que vive o Carnaval de forma diferente: comungando da mesma euforia, falo de forma mais contemplativa. Ou os que não gostam da quadra e, pura e simplesmente, respeitam e bebem da alegria dos outros.

Domingo Gordo, à noite, começou a maratona. Desfilando, dançando, fantasiando-se ou só observando, toda a gente está a postos para a grande festa colectiva, que dura até terça-feira.

Maria José Belo Marques

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, António José Teixeira, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias de Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), José Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa ,Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alves Henriques, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
José António Carvalho, Jorge Santos e Óscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretária de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

GRANDE ANGULAR

No país do Carnaval

Os foliões estão por todo o lado . Às vezes é difícil fugir-lhes

Da nossa correspondente no Brasil

Ainda ontem estava eu, qual D. Inês, posta em sossego, ouvindo o flap-flap-flap das pás do ventilador e jogando xadrez com o computador, quando o prédio foi sacudido de alto a baixo por um barulho estrondoso. Corri para a janela. Dilúvio? Terremoto? Hiperinflação? Nenhuma das respostas acima? Exacto: apenas um simpático bloco carnavalesco que, não contente em escolher o nosso estacionamento para aquecer a bateria, promovia uma pequena queima de fogos para animar a moçada.

Fechei a janela, desliguei o computador, e me espichei em frente à televisão para me refazer do susto. E o que é que a televisão mostrava ao vivo, em cores, e com um barulho ainda maior? Isso mesmo: o bloco lá debaixo. Desliguei a televisão, desci, peguei o carro e fui dar uma voltinha até as coisas serenarem. O pessoal do bloco foi muito legal e compreensivo, e passou todas as latas de cerveja para o capot do carro ao lado.

Rodei meio quarteirão, e fiquei presa num engarrafamento descomunal. Havia outro bloco logo ali, brincando no meio da rua. Encostei o carro, e fui passear na praia: fim de tarde, bater de ondas, umas gaivotas pescando — e, numa contagem superficial, 67 bumbos, 89 taróis, 105 reco-recos e 93 tamborins, estrategicamente espalhados pela orla marítima. Sou teimosa, mas sei avaliar as minhas chances. Em total inferioridade numérica, comprei um capote de confete e umas serpentinas, dei alguns gritos e três pulos, e fui embora para casa. Voltei para o computador, tentei retomar a partida de xadrez, mas não consegui me concentrar com o baticum que, agora, vinha da praça - e redobrado. Era a Banda de Ipanema, que comemora os seus 25 anos muito equipada, com carros de som e alto-falantes de último tipo.

Abri o jornal, mas nem por escrito é possível escapar do Carnaval, que ocupa quase tanto espaço nas manchetes quanto a política.

Há entrevistas com presidentes de escolas de samba, queixas contra os cambistas que tomaram conta dos ingressos para a passarela, roteiro para os bailes populares. A secção de economia compara preços de pandeiros e lantejoulas, e informa onde encontrar fantasias mais baratas; os sambistas retribuem a gentileza, cantando a inflação e a carestia. Os donos de hotéis também estão cantando, mas têm preferido o God Save America: os seis mil tripulantes do porta-aviões americano Enterprise, que chegou providencialmente à cidade, ocuparam os quartos que os turistas estrangeiros, assustados com as notícias de violência, deixaram vagos.

Então liguei a televisão novamente, e caí em pleno baile do Scala que, segundo uma rede de São Paulo, é o que há de mais animado no Carnaval do Rio. Os foliões se arrastavam pelo salão, enxugavam o suor da testa e, com o entusiasmo contagiante de uma convenção de tartarugas, levantavam os braços cada vez que as câmeras os focalizavam; uma pasmaceira só! É verdade que, respeitando o acordo de cavalheiros feito no ano passado, as emissoras estão evitando as transmissões francamente pornográficas - aquelas que, nos velhos Carnavais, davam tanta audiência mas, helás!, geravam tantos protestos. Agora, quem quiser maiores ousadias que compre as fitas de vídeo, anunciadas à exaustão, 24 horas por dia, com as «cenas inéditas do Carnaval 90» e «tudo o que você não está vendo na televisão».

As emissoras são camaradas, atendem pelo telefone, cobram barato, e entregam o material em casa.

Cora Ronai

Itália mascarada de bota

Da nossa correspondente em Itália

Apesar de serem muitos, na Itália, a dizerem que o Carnaval dura todo o ano, os cronistas registaram com lacónicos comunicados as primeiras manifestações desta festividade, já um pouco por toda a parte entregue aos interesses do comércio e do turismo. Nas grandes cidades outrora centros de celebração das mais antigas tradições carnavalescas, as únicas notas que mereceram o destaque nas páginas dos diários da península foram as crianças.

Em Roma, como em Milão ou em Napoles, à parodística e risonha organização de festas, bailes e desfiles ,ricos, entre outras coisas, de verdadeiros festivais gastronómicos, substituiu-se a simples exibição de máscaras num passeio até ao centro da cidade.

Sob um céu limpo e uma temperatura de 22 graus, que atraiu já muitos alemães às praias da Sicília, as objectivas e as penas dos jornalistas e dos simples visitantes, apenas tiveram a registar a inflação de Batma, Rambos e outras personagens guerreiras, que se bateram nas praças contra alguns, ainda fiéis, Zorros.

Bem diferente é o Carnaval nos pequenos centros onde a dimensão e o ambiente dos aglomerados ainda permitem um mínimo de organização colectiva, elemento essencial para restituir ao Carnaval a sua original significação.

Aí houve quem pensasse num severo Carnaval das Valquírias; quem , numa tentativa de imitação da louca aventura carioca, fizesse desfilar escolas de samba e quem, mais corajosamente, voltasse a propor antigas tradições já esquecidas, como a luta, na praça principal da cidade, entre os anjos e os demónios.

Veneza, o santuário do carnaval italiano, apesar dos esforços das autoridades locais em conter a avalanche humana , com a proibição de focos de luz e som ambiente na Praça São Marcos, não conseguiu salvar-se do abalroamento.

Comboios especiais , provenientes sobretudo de Paris, mas também de outras cidades da Europa , encheram Veneza de uma multidão de 100 mil pessoas, chegadas, na sua maior parte, já mascaradas. As forças da ordem tiveram que estabelecer sentidos proibidos nos tradicionais canais para evitar ulteriores «engondolamentos».

Animada, este ano, pelo renascer das festas mascaradas com tema obrigatório e realizadas nos grandes palácios, onde despontam os melhores nomes da política e do *jet set* nacional e internacional, Veneza, em alternativa, apela para a sua tradição cultural, oferecendo aos visitantes menos in uma variedade de espectáculos e iniciativas que vão desde o teatro de rua no mais puro estilo setecentista até à esperadíssima exposição do mestre da Pop Art, Andy Warhol.

Em Viareggio, perto de Florença, pátria do Carnaval da sátira política e social personificada pelos carros alegóricos, as vedetas foram sem dúvida as gigantescas caricaturas do presidente do Conselho, Giulio Andreotti, e a do secretário-geral do PSI, Bettino Craxi.

Giulio Andreotti foi representado por um enorme boneco de 20 metros de altura, que, além de reproduzir a sua mais conhecida máscara caricatural, quase homologada pelas páginas de «La Repubblica», contou ainda, e no lugar da sua já lendária corcunda, com um polvo que estende ameaçador e insinuante os seus poderosos tentáculos.

Bettino Craxi também não desmentindo a pena do caricaturista mais famoso na Imprensa italiana, apareceu em toda a envergadura de 20 metros de estrutura de madeira e papelão, com duas caras - a sua e aquela da personagem que desde sempre foi o seu alter-ego caricatural — a de Benito Mussolini.

Apesar do clima de irreverência que usualmente caracteriza este Carnaval , dois foram os carros censurados e que não entraram no desfile por terem sido considerados obscenos pelos organizadores do corso.

Mais abertos às evoluções do clima político e social particularmente agitado nestas últimas semanas , do que às obscenidades, os organizadores da festa incluíram porém no corso um grupo de estudantes que ocupam a Universidade de Pisa, bem como carros alusivos aos problemas ecológicos e à posição da mulher na sociedade italiana.

Turismo de massa, consumismo, cultura e algumas tradições ainda não completamente esquecidas mas sobretudo uma grande vontade de gozar com tudo e apesar de tudo, parecem ser os ingredientes de mais um Carnaval deste país, desde sempre mascarado de bota.

Alessandra Balsamo

FORUM

FIGUEIRA DO FAZ

Figueira da Foz, Fevereiro de 1990.

O sr. prof. Cavaco Silva faz, com os presidentes de distritais e concelhias, com autarcas, com bases do PSD uma reflexão forte.

Diz-lhes:

– Penso que é errado fazer um debate local sobre as questões governamentais. É errado porque dá a ideia de que o PSD vive só do Governo e de que para o PSD não há mais nada a não ser o Governo!

À saída, parece que os dirigentes e os autarcas do PSD vinham satisfeitos.

Alegadamente, um membro do Governo declarou:

– O discurso de hoje de Cavaco Silva é, de longe, o melhor dos seus últimos anos. É uma grande peça política!

Com efeito, é.

Vejamos porquê.

1) O Governo é exclusivamente PSD;

2) O PSD identifica-se fortissimamente com o Governo;

3) O presidente do PSD é o chefe do Governo;

4) O PSD sofre derrotas em duas eleições sucessivas, a eleição para o Parlamento Europeu e as eleições autárquicas, em larguíssima medida justamente por causa dessa identificação;

5) O chefe do Governo é o primeiro responsável:

a) pela fortíssima identificação entre o PSD e o Governo; b) pelas duas derrotas sucessivas.

É interessante que seja o prof. Cavaco Silva, que em nenhuma circunstância admitiu, com clareza, ser o responsável por nenhuma destas coisas, a vir acusar os dirigentes locais e regionais e os autarcas do PSD de viverem só do Governo, de viverem como se para eles não houvesse mais nada a não ser o Governo.

Dizendo o prof. Cavaco Silva, ao dizer o que disse: discutam o fontanário, discutam a junta de freguesia, discutam o pelourinho, discutam, se quiserem, o distrito — não discutam o Governo.

Não discutam as reformas do Governo.

Não discutam as reformas que o Governo deve fazer.

Designadamente, para se reformar, a si próprio.

Isto é, não discutam o Estado.

Isto é, não discutam a Nação.

Isto é, não discutam o PSD.

Isto é, não me discutam a mim.

Eu tenho 99 mil quilómetros quadrados.

Sou o todo.

Vocês têm 5, 6, 10 mil quilómetros quadrados.

São partes.

Que sabem, do todo, ou seja, de mim, ou seja, do Governo, ou seja, do PSD, essas partes?

Melhor: não sendo o PSD local se não local, e não tendo o local uma perspectiva nacional, e sendo eu, não apenas presidente do PSD, mas chefe do Governo, é absurdo que discutam o Governo, porque o Governo é o PSD e sou eu, é absurdo que me discutam a mim e às minhas reformas, porque eu sou o Governo e sou o PSD, e é absurdo que discutam o partido, porque o partido é o Governo e sou eu, sendo o Governo eu e sendo eu o Governo.

É democrática, comunitária, continentalmente interessante, esta reflexão.

Um partido democrático que é localmente convidado a não discutir — o Governo constituído por esse partido.

Que é convidado a não discutir — as reformas a executar pelo Governo desse partido.

E que é convidado a não discutir — o presidente do partido porque esse presidente do partido é o chefe do Governo e porque esse chefe do Governo é o presidente do partido.

Ou seja, que é convidado a — não discutir.

À saída, os dirigentes e autarcas do PSD vinham satisfeitos.

Não admira.

Sabem agora que o PSD não vive só do Governo.

O PSD vive só do prof. Cavaco Silva.

Perguntam-se, metodologicamente:

– Podemos nós viver só do prof. Cavaco Silva?

E respondem-se, satisfeitos:

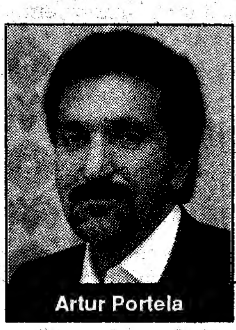
– Não podemos! E não podemos porque vivendo o Governo só do prof. Cavaco Silva, vivendo o prof. Cavaco Silva só do Governo e vivendo o Governo só do PSD, nós não podemos viver só do prof. Cavaco Silva, porque, se vivêssemos só do prof. Cavaco Silva, vivíamos só do Governo, que vive só do PSD. Ora, como nós não podemos viver só do Governo e o Governo vive só do prof. Cavaco Silva, não podemos viver só do prof. Cavaco Silva nem só do PSD, porque o PSD vive só do prof. Cavaco Silva e o prof. Cavaco Silva vive só do Governo!

Um, menos rápido, terá perguntado:

– Mas, no PSD, assim, vivemos de quê?

E outro, mais filosófico:

– Vivemos?



Artur Portela

CARTAS NA MESA

Do sono e do silêncio

A emergência do sono nunca se fez sentir tanto como nos nossos dias. Assiste-se a uma discussão interminável de temas e ideias, que se querem todas originais e válidas. Mas o que ninguém parece querer ver, é que de vez em quando a palavra deve dar o seu lugar ao silêncio e à reflexão. Ou então, qual Bela Adormecida, poderíamos mergulhar num sono profundo, acordando talvez depois refeitos de toda esta agitação e cansaço gratuitos, na promessa de talvez vivermos então, felizes para sempre. Não acredite em contos de fadas.

Os tempos mudaram e já ninguém nos permite tanto sonhar. Pelo menos tentemos o silêncio, que não custa nada... Só por uns tempos, pode ser salutar! Como disse o pintor alemão, G. Merz, em entrevista dada recentemente a um conhecido semanário. «É porque se julga que a arte é livre, que há tanta gente estúpida e ignorante a fazer coisas que se apresentam como arte.»

E porque a palavra está aí, passo a expressão, também à mão de semear e são tantos os que querem colher, nunca esteve ela tanto à mercê da estupidez e ignorância, como hoje, e como a estas, sempre se ligou prontamente, outra das muito numerosas «qualidades» humanas, a arrogância, diria então, que não há nada a fazer. Se não consegue calar-se... então tente dormir. Mas por quanto tempo, não saberei dizer-lhe.

Seja paciente, sem calma não se ganham príncipes encantados! Poderia completar este desabafo, com alguns exemplos e por que não, os muitas vezes transportados, por alguns dos órgãos da nossa comunicação social, mas não gostaria, ainda que me sirva deles, de dar exemplos demasiado concretos, pois de maledicência e calúnia, estamos já fartos... mas esse poderia ser outro tema, longamente a desenvolver.

No entanto, e voltando à comunicação social, foi enorme a surpresa e devo dizer também desilusão, que senti, num dos últimos fins-de-semana, ao ler o editorial, de um conhecido e muito conceituado jornalista, sobre os males da tão em moda, (felizmente que as há e pertinentes), destruição da natureza. Referia-se-lhe de uma forma quase obscena, entrando na mesquinhez dos discursos xenófobos, provincianos, desprovido de imaginação. Culpava-se o poder e para além disso, velhos amigos, novos amigos e benfeitores. A arrogância e a linguagem desonestamente utilizada, em nome da liberdade da escrita e da velha ideia, de que o hábito faz o monge, dão direito sem limites, a se poder escrever sobre tudo, utilizando-se todos os meios, para alcançar apenas, um pequeno e efémero lugar ao sol. É lamentável a tudo isto assistirmos mudos, cegos e surdos (as escolhas não são muitas, resta talvez só um lugar numa instituição mental).

É inconcebível que, numa época em que de novo se assiste a nacionalismos exacerbados, membros «responsáveis da nossa comunicação social, se possam dar a luxos deste tipo. E se nessas benditas nações, que tanto quiseram por nós fazer no passado e que agora apenas nos utilizam como seu balde de dejectos, os modernos nacionalismos já são bem mais velhos... é bom não esquecer, que aqui (aliás, como sempre), é agora que eles reaparecem e os rapazes de crâneo rapado estão aí para nos lembrar.

Não porque julgue, que todos os que o lêem se sintam deslumbrados com tanto hedonismo barato. Mas o pior e talvez por isso prolifere tão desmesuradamente «a classe de tão versados e versáteis amadores da escrita», é que também cresce e sem parar, o número daqueles, que tudo aceitam e mesmo pensando como D. Tremlett, que «as pessoas que aceitam qualquer coisa não me interessam absolutamente nada»... no fundo, talvez seja melhor não dormir de mais. Príncipe, para quê tanta demora?

Maria Paula dos Santos Serra, leitora em Coimbra.

O BURACO DOS

Lisboa está cheia de buracos. Tão cheia, tão cheia que se pode dizer com toda a propriedade: Lisboa está toda escavacada. Dar uma volta por Lisboa e verificar os milhentos buracos que existem por todo o sítio, desde as avenidas mais rasgadas como a Avenida da Liberdade às ruelas mais recônditas, é a forma mais flagrante para sentir a diferença que dista entre as promessas dos políticos e a realidade das coisas. Acabar com as barracas e com os buracos não tinha sido uma das promessas mais vezes repetidas nos jornais pelo presidente Nuno Abecassis? Vejam, vejam, senhores, dêem uma volta por Lisboa.

É verdade que ele fez muitas outras obras, que nos deixou as Amoreiras, o labiríntico trânsito das Avenidas Novas, as enormes faixas de rodagem do Rato, com eléctricos por baixo e carros por cima, as imensas torres espalhadas pelas sete colinas a «arranhar», e de que maneira, os céus de Lisboa, o edifício inteligente da Caixa Geral de Depósitos que tornou «estúpida» a Avenida João XXI, o Chiado «desventrado» e sem aqueles banquinhos, assim como há nos pelourinhos dessas aldeias por aí fora, enfim um ror de coisas, que vicissitudes à parte, até devem constituir um balanço positivo.

Mas, os buracos, com franqueza, até parece que lhe rogaram pragas, pois foi exactamente no ano que nos abandonou que mais buracos se abriram por toda esta maravilhosa cidade.

Lisboa tem dois problemas a que os nossos governantes maiores não podem estar sensíveis: os buracos e o trânsito. Primeiro, por puras razões de sensibilidade pessoal, calibrada na experiência vivencial do rotineiro quotidiano. Depois, por superiores questões de Estado. Os buracos, efectivamente, não são muito sentidos em automóveis com sistemas de molas bem flexíveis e preparados para todo o terreno. O caos do trânsito lisboeta, que é capaz de permitir fazer aí uns três quilómetros em trinta minutos, conforme as horas e os dias, não pode ser notado, por quem habitualmente viaja com o seu automóvel precedido por aquelas lindas «bombas» dos batedores da GNR que, a serpentear com uma destreza que faz inveja, mandam parar os carros em sentido inverso e ralentar aqueles que vão pela frente. Assim, chega-se da Gomes Teixeira ao Terreito do Paço ou de São Bento a Belém, num abrir e fechar de olhos.

Quanto às questões de Estado, é evidente que, num país que na sua máquina administrativa, o horário de entradas é flexível e isso de «picar» o ponto é um simples pró-forma e a produtividade em cada serviço não está minimamente calculada, ninguém sabe quanto é que custa ao Estado as duas, três ou quatro horas que cada português gasta a chegar ao trabalho ou no retorno a casa. É, aliás, uma questão de somenos importância. Por outro lado, para um país que praticamente não tem matérias-primas, não tem petróleo, e não fabrica automóveis, mas como tudo isso está bem taxado em impostos (gasolina e carros), é claro que quanto mais se consumir em gasolina nas longas bichas de trânsito e mais automóveis se estragar com as «crateras» dos buracos das vielas, mais dinheiro entra nos cofres de um Estado que tem nos impostos uma das grandes fontes de rendas. E lá isso de fazer aumentar as nossas «pagas» ao exterior em petróleos e «popós» — desculpem os economistas esta minha leitura leiga — deve ser compensado por níveis de consumo mais padronizáveis com a Europa desenvolvida dos outros onze. Faz aumentar o consumo de gasolina «per capite» e o índice de parque automóvel por agregado familiar.

Uma coisa, porém, é certa: Quando vagueio por essa Lisboa linda, a mostrá-la, com orgulho, a alguns amigos ou colegas estrangeiros, coro de vergonha com os sobressaltos dos buracos das ruas

O FIM DA

Creio que não se repara muito nisso, mas surpreendeu-me a modificação do registo musical das multidões que, nestas últimas semanas, começaram a desfilar nas ruas das principais cidades da Europa de Leste: não se ouviu uma única nota da Internacional, tal como se não pode ouvir ou a Bandera Rossa ou, mais modestamente, a Marselhesa.

O espaço musical das manifestações de massas mudou radicalmente, e não é sem uma certa nostalgia que me dou conta dessa alteração. Como tantos contemporâneos meus, aprendi as notas austeras da Internacional na prisão, na velha e arcaica Rua do Heroísmo. Outros tiveram de as aprender na discreção, quando não na clandestinidade.

Lembro-me de a ter cantado em pelo menos três continentes, e num número importante de cidades e não é sem um frémito comovido a Oeste que me revejo na grande fraternidade das manifestações de Maio de 1968, ou em alguns grandes anfiteatros onde a voz do futuro se ia elevando, drapeada na alta dignidade das estrofes que queriam apenas anunciar que não só se tratava da «luta final», mas de anunciar o fim da alienação: o género humano seria o objectivo final.

É certo que as desgraças da Internacional já vinham de longe, pois que, ainda durante a vigência do poder leninista, já a União Soviética a tinha substituído por um «hino nacional» paupérrimo, que continua ainda hoje a ouvir-se e que desonra o génio musical russo.

Acrescento que a substituição não foi nada fácil: o processo graças ao qual a operação pôde ser levada a cabo, pesa um pouco mais de dez quilos e concentra centenas e centenas de páginas: eliminar a Internacional correspondia a uma má acção, tanto mais que só o nacionalismo «grande-russo» a justificava. No fim de contas, o hino era de autoria francesa, e a Leste nem sempre os franceses tiveram boa reputação.

Afredo Margarido

Mau grado esta brutal eliminação, a Internacional desempenhou, no plano musical, uma função primordial, pois que o hino anunciava a fraternidade universal o que pressupunha, ou antes exigia a dissolução das fronteiras e a redução da importância das nacionalidades. De certa maneira, a Internacional nunca repeliu os ingredientes anarquizantes que tão profundamente caracterizaram a cultura política francesa e europeia, que preferiu Proudhon a Marx.

Talvez tenha sido essa a razão que levou os soviéticos, quer dizer os dois dirigentes já então desgraçadamente associados, Lenine e Estaline, a deitar o hino às urtigas.

Deixava ele aparecer em todas as costuras da estrofe, a pulsão anarquizante, que recusava nacionalidades, fronteiras e Estados.

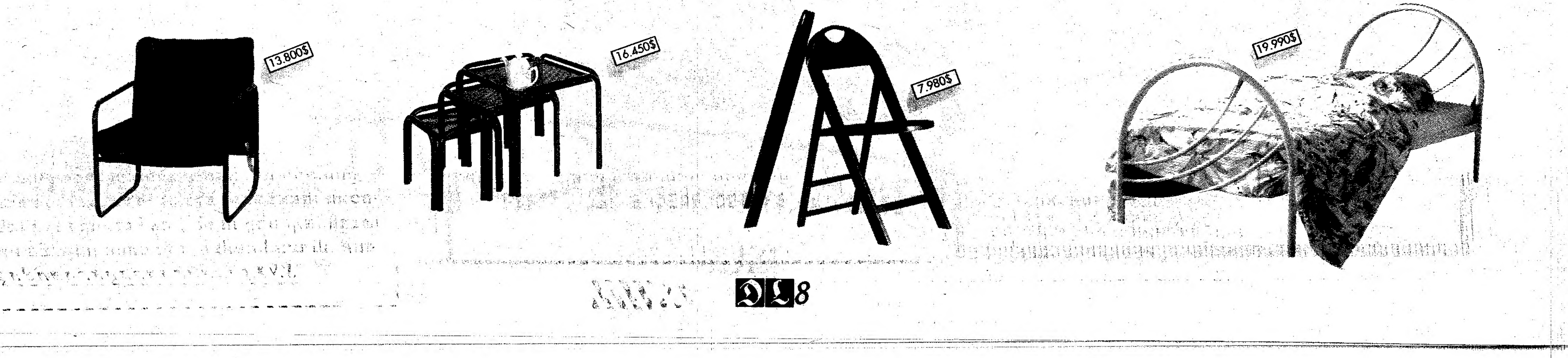
O que convinha muito pouco aos homens que, pouco a pouco, iam enriquecendo o Estado soviético com as mil e duas perversões da burocracia estatal.

O percurso das últimas gerações que pretenderam ser, ou foram até revolucionárias, recorreu constantemente à Internacional para dar ao espaço musical o sentido colectivo exigido pela fraternidade mobilizada, vivida, amada. Se a Internacional conseguiu, no curto armazém dos hinos revolucionários, reduzir a Marselhesa a um papel secundário, tal se deveu não só ao facto de não se tratar de um hino nacional, mas essencialmente à sua condição interna.

Se pudéssemos projectar as actualidades que, desde os anos 1900, nos mostram as massas concentradas, decididas, marcadas pela veemência da sua decisão de afrontar Estado e forças da repressão, podemos pressentir e ler nas bocas abertas dos manifestantes a rudeza fraterna do hino, que a partir dos anos 30 invade de maneira absoluta a banda-som.

Como se o mundo revolucionário fosse obrigado a recorrer a este instrumento musical para fornecer a espessura dos seus sentimentos, dos seus desejos, das suas aspirações. E aquele que, ao levantar-se para ir para o trabalho, ou ao regressar a casa ia trauteando os versos sonoros - ainda que nem sempre muito equilibrados -, dava a conhecer os seus sentimentos, evidentemente, mas sobretudo a sua aspiração fraternal à mudança.

Distribuiu-se o hino entre nós em pequenas pagelas, em edições modestíssimas, cuja função pedagógica era trans-



FORUM

BURACOS

de uma urbe que parece uma zona de guerra do conflito israelo-árabe.

Aliás, há dias, sarcasticamente, um deles dizia-me: É muito difícil conduzir em Lisboa.

Tem-se de tomar cuidado com o trânsito, com os peões que não sabem ler aquelas indicações que vocês têm gravadas no chão, em lusitana pedra, «olhe à esquerda»-«olhe à direita», (e ele nem sabe dos nossos 23 por cento de analfabetos), tem-se de ter a noção de que alguns sentidos únicos são contínuos sinais de voltar sempre ao lugar de partida (veja-se o que acontece na zona de 5 de Outubro ou na Defensores de Chaves), e de, ainda por cima, estar atentos aos buracos. Devo dizer que já andei em África, e prefiro; é terra batida, mas não há buracos. Quem vive em Lisboa já se habituou a viver com os buracos. A nossa indiferença é enorme e o nosso civismo é tão grande que caimos nos buracos, mandamos consertar o carro, pagamos ao mecânico, à Câmara e aos seguros, e gostamos de viver em Lisboa, para nós, a mais bela cidade do Mundo.

José Manuel Paquete de Oliveira

Mas, se de alguma maneira, os buracos de Lisboa, são já um «símbolo» ou um indicador desta «ingestionável» cidade, cujo crescimento para o ar, em palmos de terrenos pagos, em forte especulação, que dão para construir prédios altos, mas ruas estreitas, eu estou em crer que, em breve, eles se tornarão um problema-chave às alternativas democráticas no governo do País. Veio a Primavera. Os buracos estão a ser tapados, mas do modo como estão a ser tapados, para o próximo Inverno de 90/91 eles aí estarão outra vez.

Entretanto, o Governo maioritário PSD gere o País. E a coligação «Por Lisboa» (PS/CDU-PCP) gere a capital. O Governo tem várias «benesses» a fazer nos diferentes campos em que pode jogar. A «esquerda» tem a cidade de Lisboa e as outras que «ganhou» na recente onda psiana para gerir.

O Governo tem grandes meios de comunicação «nacionais» e as autarquias psianas grandes rádios locais. Quer dizer, eu era capaz de não enfileirar tanto em dinâmicas de venturas de esquerda em 90/91. Há buracos por todo o sítio. Eles até já aparecem em Macau.

A questão da gestão dos buracos será decisiva em 1991, ou por outras palavras, pode vir a ser o buraco dos buracos.

TELEGRAMAS

Direitos da verdade ou destino nacional?

«A Igreja tem receio de que os comunicadores a não entendam» - confessou perante as câmaras da RTP um bispo católico. Melhor argumento não poderia ter encontrado para justificar a reivindicação do canal televisivo próprio e singular.

Humaníssimo receio - teremos de convir. Salvo os ditadores na área das respectivas ditaduras, quem não partilhará de sentimento idêntico ou análogo? A Igreja Católica de Lisboa não aceita correr o risco de que a Comunicação Social a não entenda? Não aceita correr o risco que todos corremos? Não aceita correr o risco que todas as Igrejas Católicas correm em todo o Mundo? Não aceita correr o risco que a própria Santa Sé corre em Roma?

Moral do raciocínio: a «verdade» tem direitos próprios que lhe advêm do facto de ser «verdade». Ora a verdade - já ensinava João Ameal - é só *uma*. E a nação portuguesa há-de voltar a ser, em toda a Cristandade, a mais zelosa dos direitos da «verdade». Ou teremos definitivamente renunciado ao destino nacional de evangelizar todos os povos da Terra?

Direitos da verdade ou destino nacional? Não há disjunção. Como disse alguém - cito de memória - «servir os direitos da verdade é cumprir destino nacional».

Sottomayor Cardia

INTERNACIONAL

parente. E não poucos puderam aprender o hino fraternal nessas edições, que durante muito tempo foram apanágio dos anarquistas. A manifestação exigia uma arma capaz de permitir que todos se identificassem: como o «slogan» não chegasse, abria-se o amplo canto que, de um lado a outro do mundo, dizia que os homens deviam ser iguais.

A queda dos socialismos de Leste veio pôr termo a essa bela unanimidade musical, o que talvez queira dizer que se despedaçou para sempre a força das utopias socialistas que começaram com a Revolução francesa e que marcaram a evolução não só das ideologias ou das teorias, mas também das práticas revolucionárias.

Hoje, estamos colocados perante um terrível vazio musical provocado, pelo menos em parte, pela liquidação dos regimes que, desgraçadamente, se autodefiniram como «socialistas».

As teorias socialistas, e não só o pobre velho Marx, são vítimas dessa auto-identificação, embora não poucos socialistas, e muitíssimos marxistas, procurem travar a onda dissolvente que pretende eliminar da cena teórica e política, a possibilidade das soluções socialistas. A Internacional, como a Bandera Rossa, são vítimas da conjuntura. Pretendo apenas, e melancolicamente, mostrar a importância, assim como a gravidade, das modificações que já começaram a intervir nas práticas colectivas das manifestações.

Assistir, mesmo se por meio dos relatos da televisão, a uma manifestação onde não se ouve uma única nota dos grandes hinos ou canções revolucionárias não só indica uma mutação no vocabulário específico das reuniões de massas, mas sublinha a importância deste corte musical. Com ele termina mais de um século de história política, uma vez que não haverá regresso da Internacional enquanto não houver uma substituição dos objectivos das esquerdas europeias, hoje doentes do falso «soocialismo» da Europa de Leste.

Não será caso, naturalmente, para substituir a Internacional por um hino qualquer: o sopro interno e veemente do hino provinha do seu impulso profético-messiânico, que depositava uma confiança profunda na espécie humana. É esse elemento que começou a dissolver-se já em 1920 na União Soviética e que alcançou nos dias de hoje o seu ponto absoluto de maturação. Os falsos socialismos acabam de desaparecer: talvez tenha chegado o momento de rever os dados internos do problema, se admitirmos que só a esquerda pode fazer propostas políticas e civilizacionais capazes de corrigir aquilo que, na humanidade, revela uma tendência perversa para desprezar os valores fundamentais da sociedade.

Também não quero substituir a alegria interna da Internacional pelo som do «augusto bronze» do Soares de Passos, que marcou de maneira horrivelmente necrofílica a poesia que, no liceu, se ia ensinando aos futuros trabalhadores portugueses.

Penso que os extremos poético-musicais da minha geração podem ser apresentados pelo «noivado do sepulcro», o poema necrofílico por excelência - que não hesita de resto em infringir o código penal - e pelas estrofes heróico-populares, ou heróico-revolucionárias da Internacional.

É com profunda melancolia que me vejo obrigado a pôr o disco no gira-discos para, quase a sós, poder largar de novo os pulmões no que foi e continua a ser a minha esperança no futuro. O disco começa a ficar um pouco baço, ou talvez seja a minha sensibilidade revolucionária que está a ficar embotada. Mas não se passa pelos grandes desgostos existenciais sem um choque que nem sequer pretendo dissimular. Acharia de resto profundamente hipócrita esconder a importância do choque.

Não pretendo dizer que a Internacional constituía o eixo fundamental da necessidade de transformar o Mundo, mas não deixa de ser desolador verificar que a liquidação da esperança socialista nos próximos anos só poderá revitalizar-se quando nos dermos conta da inoperância dramática do liberalismo, que só pode ser da direita, mesmo se há entre nós alguns teóricos de meia-tijela que sonham com o liberalismo de esquerda!

Ao ouvir, no silêncio desolador das mabifestações da Europa de Leste, a dureza do vazio musical, pensei que só as grandes manifestações que mobilizam as pulsões mais profundas do homem conseguem sair desta atonia desfilante para falar do futuro. Cantando, naturalmente. Quem pode sonhar com um futuro de lágrimas? Era outra coisa o que queria a Internacional: a freternidade alegre. Mas há-de haver um dia em que a «luta final» será a de todos nós.

KIT-MARKET
Casa Comigo

CENTRO COMERCIAL PÃO DE AÇÚCAR · ALMADA • JUMBO PÃO DE AÇÚCAR · ALFRAGIDE • HIPER FEIRA NOVA · BRAGA
ENCOSTA DAS OLAIAS · LISBOA • ESTRADA 125 · ALBUFEIRA

grupo dimensão

POLÍTICA

Deus Pinheiro vai em digressão ao Centro e Leste europeu

Durante seis dias, o ministro visita oito países, sendo acompanhado por Catherine Lalumière, secretária-geral do Conselho da Europa

O ministro português dos Negócios Estrangeiros inicia na quinta-feira, em Berlim, uma viagem de seis dias por oito países do Centro e Leste da Europa para conversações com os governos e forças da oposição. João de Deus Pinheiro, que não se demorará um dia, em média, em cada país, visitará sucessivamente a República Democrática Alemã, Polónia, União Soviética, Roménia, Bulgária, Hungria e Checoslováquia.

A viagem do ministro português por aqueles seis países estava há mais de um mês na sua agenda, na qualidade de presidente do Comité de Ministros do Conselho da Europa, cargo que Portugal ocupa - no quadro da rotatividade de seis meses para cada um dos 23 países membros da organização - até Abril. Deus Pinheiro fá-lo também na qualidade de chefe da diplomacia portuguesa.

O titular dos Negócios Estrangeiros de Portugal será acompanhado, nesta viagem, pela secretária-geral do Conselho da Europa, Catherine Lalumière, e por altos funcionários dos 23 países que integram este órgão.

As conversações do MNE português destinam-se a preparar a reunião especial do Comité de Ministros do Conselho da Europa que decorrerá em Lisboa nos dias 23 e 24 de Março, na qual participarão também os ministros de cinco países do Centro e Leste.

Portugueses não vêm da África do Sul

«Destituídas de fundamento», é como o gabinete do ministro dos negócios estrangeiros considera as notícias sobre a eventual retirada de portugueses residentes na África do Sul e Macau.

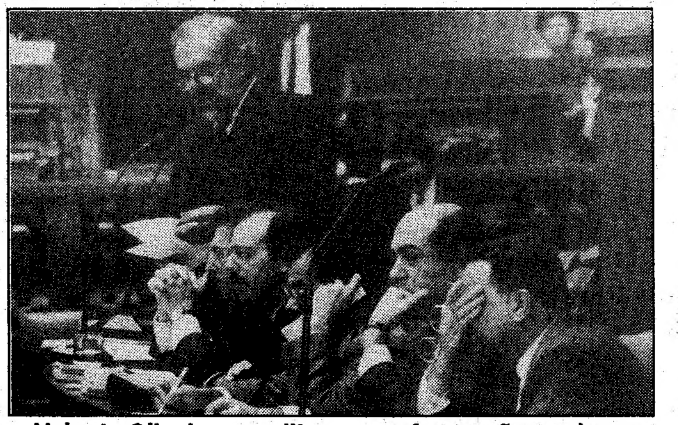
A mesma nota adianta que tais notícias podem, pelo contrário, «contribuir para um clima de apresnão manifestamente injustificado».

Vários órgãos da comunicação social referiram-se, nos últimos dias, à avential existência de planos do governo de Lisboa para a retirada de portugueses da África do Sul, caso ali se instalalasse um clima de instabilidade política e sopcial em resultado das reformas em curso. Eventuais planos do mesmo tipo foram mencionados para o caso de Macau, território sob a administração portuguesa, que passará a ser governado pela China a partir de 20 de Dezembro de 1999.

A nota do gabinete do ministro Deus Pinheiro salienta que tais notícias são «objectivamente destituídas de fundamento».

Da bancada do Governo, em estreia parlamentar

Santana Lopes garante prazos de instalação da Torre do Tombo



Valente Oliveira acredita que os fogos vão queimar menos floresta

Pedro Santana Lopes, secretário de Estado da Cultura, fez na sexta-feira passada a sua estreia no Parlamento tendo na altura manifestado a convicção de que a nova Torre do Tombo, em contrução na cidade universitária, estará concluida e o arquivo nacional nela instalado dentro dos prazos previstos.

Esta questão terá sido, até, a razão última da demissão do presidente do instituto dos arquivos, o historiador José Mattoso, segundo se depreendeu da intervenção de Santana Lopes, na sessão de perguntas ao Governo. Mattoso terá concordado com a estratégia de integração das funções da presidência dos arquivos e da instalação da Torre do Tombo; mas já não terá concordado com a data, só daqui por um ano, em que essa integração se concretizaria, na perspectiva defendida por Santana Lopes.

Para o novo secretário de Estado da Cultura as responsabilidades assumidas pelo Estado quanto a prazos das diversas fases de acabamento da Torres do Tombo, nomeadamente em função das empreitadas entretanto contratadas, exigiria uma centralização mais forte das decisões sobre a obra até ela estar concluída.

Santana Lopes desdramatizou o desmoronamento do telhado da Sala do Capítulo no Mosteiro dos Jerónimos, garantindo que aquele monumento nacional está sob controle e não corre novos riscos, na condição de serem revistas e acompanhadas cuidadosamente as estruturas dos diversos telhados do edifício. Garantiu também que as obras do Centro Cultural de Belém não terão tido influência directa no desmoronamento do telhado. Além disso, o secretário de Estado considerou louváveis as preocupações do Presidente da República quanto à segurança do Mosteiro dos Jerónimos e disse ter mantido Mário Soares ao corrente da situação sempre que a oportunidade lhe foi propícia. Sobre os requerimentos para construção de novos edifícios na Av. da Liberdade, à custa da demolição dos prédios históricos ali existentes, Santana Lopes garantiu estar a seguir, rigorosamente, a política definida pela sua antecessora no cargo da Cultura, Teresa Patrício Gouveia. «O mais que fiz, disse o secretário de Estado, foi procurar confirmar a legalidade dos trâmites processuais, seguidos caso a caso, pois a Administração Pública, até pelos exemplos negativos recentes, não pode facilitar neste campo nem oferecer dúvidas sobre a legalidade dos seus actos».

Para estas averiguações já foi nomeada uma assessora jurídica da presidência do Conselho de Ministros.

Ministro diz que a CP deve dialogar com a Inter

Na mesma sessão parlamentar, o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, deu razão às queixas da CGTP contra a recusa ao diálogo assumida pela Adiminstração da CP, com os sindicatos filiados naquela central. A questão fora levantada pelo deputado Rui Silva, do PRD, que disse ser prática recente da CP negociar com os sindicatos afectos à UGT e com o Sindicato dos Maquinistas e não negociar com a CGTP.

«Eu próprio recebi o Secretariado da Intersindical, informou Oliveira Martins, e confirmo ter-lhes dito que o pior que pode acontecer à Administração Pública é cortar as pontes de diálogo com as partes».

«Continuo a acreditar que o entendimento na CP é possível, para ultrapassar as greves actuais e evitar as que estão no horizonte, mas o Governo não pretende intervir para além de tudo fazer para incitar ao diálogo», concluiu o ministro.

O deputado Herculano Pombo, dos Verdes, perguntou ao Governo que medidas vão ser adoptadas para prevenção e combate dos previsíveis incêndios florestais do próximo Verão já que, disse, «o Inverno foi muito chuvoso e o desenvolvimento das plantas mais forte com o consequente risco acrescido de incêndios».

O ministro do Planeamento e Ordenamento do Território garantiu um acrécimo de recursos utilizados para a prevenção, nomeadamente a montagem de novos postos de controle e vigilância da floresta, assim como prometeu reforçar os meios de combate aos incêndios, visando actuação mais rápida e eficaz. O Governo continua, no entanto, a preferir alugar aviões à Polónia e à Espanha, durante o Verão, em vez de os comprar, porque sairia mais dispendioso.

O aperto da malha de detecção e mais rapidez e eficácia no ataque aos fogos já teria dado bons frutos no Verão passado pois foram detectados 17 mil incêndios em 1989 e terão ardido uns 17 mil hectares de floresta.

«Em anos anteriores, comentou Valente de Oliveira, «a um número de incêndios desta ordem teria correspondido uma área ardida três ou quatro vezes superior».

Daniel Reis

Para analisar Estatuto de Macau

Conselho de Estado reúne-se quarta-feira

O Presidente da República convocou o Conselho de Estado para o próximo dia 28, para apreciar o projecto do novo Estatuto Orgânico de Macau, recentemente aprovado pela Assembleia Legislativa daquele território, e há dias entregue na Assembleia da República pelo governador Carlos Melancia.

É a décima primeira vez depois do 25 de Abril que este órgão de consulta do Presidente da República se reune, e a segunda para discutir questões relativas a Macau.

Embora os seus pareceres não sejam vinculativos a Constituição obriga o Chefe do Estado a ouvir previamente este órgão, nos casos de dissolução da Assembleia da República e dos órgãos das regiões autónomas, demissão do Governo, nomeação e exoneração do primeiro-ministro e dos ministros da República para as regiões autónomas, declaração da guerra e feitura da paz, e também expressamente nesta questão do Estatuto Orgânico de Macau.

Poderá também pronunciar-se nos mais casos previstos na Constituição e aconselhar o Presidente da República quando este o solicitar.

A convocação é feita apenas para os conselheiros e não é tornada pública. Sabe-se, no entanto, que a reunião do próximo dia 28 se destina apenas a analisar o projecto do novo Estatuto Orgânico de Macau, e que o governador daquele território assistirá à primeira parte da reunião.

Nos termos do art.º 292 da Constituição o Estatuo Orgânico de Macau pode ser alterado, por proposta do governador ou da Assembleia Legislativa de Macau, depois de ouvido o Conselho de Estado.

A Estatuto terá que ser aprovada também na Assembleia da República mas, se houver alterações, o Presidente da República não poderá promulgá-lo sem o parecer favorável ou do governador ou da Assembleia Legislativa de Macau, consoante tenha sido um ou outro a propo-lo.

É a Assembleia Legislativa que inicia o processo legislativo e é também ela que se pronuncia, em último lugar, sobre a sorte do diploma.

Trata-se, por isso, de uma matéria que exige a procura de um vasto consenso político que dê suporte à decisão do Presidente da República e torne aquele diploma o menos polémico possível.

O Conselho de Estado é presidido pelo Presidente da República e constituído pelo presidente da Assembleia da República, primeiro-ministro, presidente do Tribunal Constitucional, Provedor da Justiça, presidente dos Governos Regionais da Madeira e dos Açores, pelo general Ramalho Eanes como antigo Presidente da República eleito na vigência da Constituição, por cinco elementos designados pelo Presidente da República (Nobre da Costa, Almeida Santos, Frausto da Silva, Gomes Mota e Alarcão e Silva, e outros tantos eleitos pela Assembleia da República (Barbosa de Melo, Eurico de Melo, Leonardo Ribeiro de Almeida, Álvaro Cunhal e Jorge Sampaio).

Todos os conselheiros são empossados pelo Presidente da República e as funções dos que têm lugar por inerência de cargos, têm a duração do mandato presidencial, prolongando-se até serem designados e eleitos os seus substitutos.

CDS apura delegados para o IX Congresso

Os cerca de vinte e cinco mil militantes do CDS elegem até amanhã os cerca de 850 dos mil e duzentos delegados que o IX congresso acolherá nos dias 16, 17 e 18 de Março, em Lisboa. Os restantes 350 - não eleitos - participam nos trabalhos por inerência dos cargos que ocupam. É o caso de membros da direcção, elemebntos eleitos das comissões política e nacional, presidentes de Câmara e presidentes das distritais, regionais e concelhias.

As assembleias distritais (dezoito) e regionais (duas) elegem três delegados cada, ao passo que as cerca de trezentas concelhias votam os delegados em função do número de filiados.

A concelhia de Lisboa é a que elege maior número de delegados (trinta), enquanto algumas dezenas de concelhias apuram um ou dois, visto ser menor o número de militantes.

A entrega das actas com os resultados eleitorais para delegados terá que processar-se até 2 de Março, sexta-feira.

INTERNACIONAL

Sandinismo foi ao ar na Nicarágua

A vitória da candidata da oposição, Violeta Chamorro era dada como certa, quando estavam escrutinados cerca de 60 por cento dos votos

Especial para o «DL»

Às 13 horas de Lisboa, e quando estavam apurados 60 por cento do total dos votos das juntas, a União Nacional Opositora da Nicarágua somava 54 por cento dos sufrágios, tendo a Frente Sandinista de Libertação Nacional 42 por cento.

Os primeiros dados avançados esta madrugada pela rádio "Corporação", emissora da oposição, indicavam que os sandinistas iam sofrer uma derrota, sendo Violeta Chamorro a nova Presidente da Nicarágua.

Segundo os especialistas em política internacional, a UNO poderá alcançar os 58 por cento de votação.

O ex-Presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, disse numa conferência de Imprensa, realizada no Centro de Convenções Olof Palme, que espera que os resultados dos escrutínios sejam completamente limpos e respeitados, para que na Nicarágua haja finalmente um Governo democrático.

Economia catastrófica

Exactamente às sete horas da manhã, altura em que abriram as mesas de voto, em toda a Nicarágua, o cardeal Miguel Obando y Bravo, arcebispo de Manágua, celebrou uma missa na paróquia de São Domingos, onde compareceram algumas centenas de fiéis, pertencentes à União Nacional Opositora e à Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Durante a cerimónia religiosa, que durou cerca de hora e meia, o arcebispo disse que estas eleições são bastante decisivas para o futuro da Nicarágua e aconselhou toda a gente a votar em paz e em tranquilidade. Também aproveitou para esclarecer que o voto era secreto.

Na cidade de Manágua tivemos oportunidade de observar que algumas mesas de voto abriram com duas horas de atraso, pois alguns dos seus membros não compareceram às sete horas em ponto, como estava estipulado pela lei.

Apesar de tudo, os eleitores aguardaram serenos e tranquilos até que chegasse a sua vez de votar. Em alguns locais de Manágua havia longas filas de pessoas próximo das mesas de voto, mas a verdade é que logo que aparecia um deficiente ou alguma senhora grávida para votar, toda a gente estava na disposição de cerder-lhes a vez.

Tivemos oportuniade de acontactar com o comandante Victor Perado Lopez, depois de ele ter votado e este esclareceu-nos que as eleições que "o imperialismo norte-americano tantas vezes tentou boicotar durante os seis meses de campanha eleitoral, afinal estavam a ser um êxito", afirmando-se ao mesmo tempo junto da comunidade internacional como as eleições da paz.

Afastada hipótese de fraude

As Nações Unidas, a Organização dos Estados Americanos e todos os observadores pertencentes ao Centro Jimmy Carter, consideraram junto dos órgãos de Comunicação Social que durante os seis meses de campanha não foram detectadas quaiquer irregularidades que pudessem pôr em causa as eleições de ontem. O povo da Nicarágua demonsttrou durante todo o domingo uma disciplina invulgar, o que é sinónimo de que a paz e tranquilidade podem instalar-se a partir deste momento neste país tão pequeno da Américoca Central.

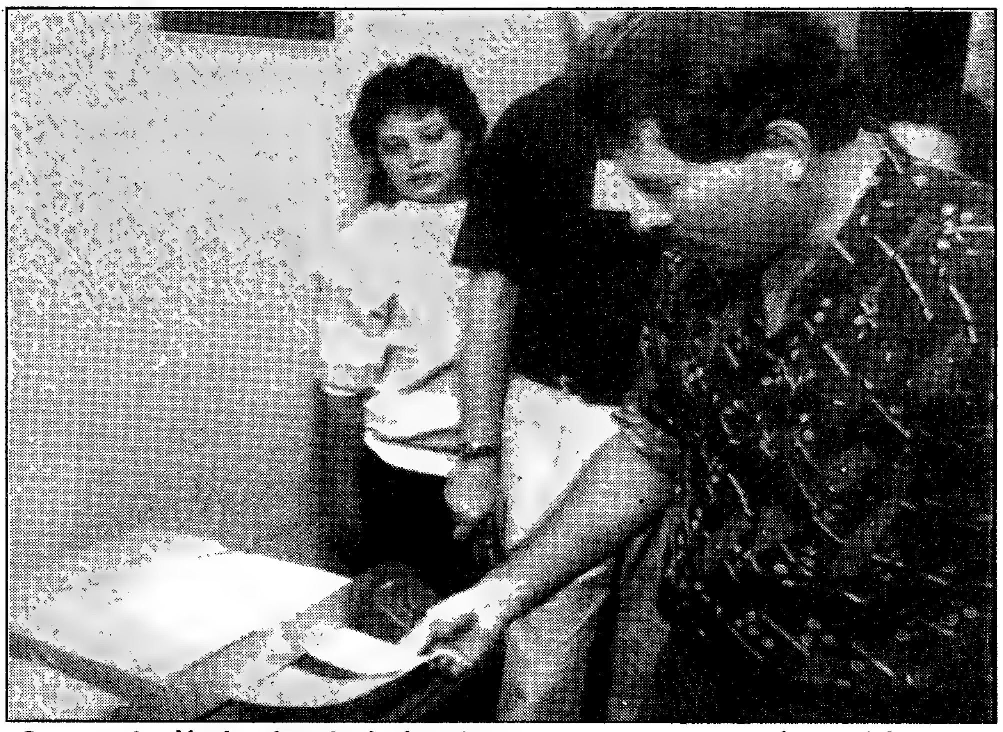
Para concluir, os observadores pertencentes às instituições referidas, esclareceram que é extremamente importante que a partir de agora todos os nicaraguenses, assim como a própria comunidade internacional, respeitem os resultados das eleições.

No percurso que fizemos por diversas cidades da Nicarágua e nas visitas que efectuámos a algumas dezenas de mesas de voto, podemos confirmar que na realidade a votação decorreu num ambiente pacífico e exemplar e os eleitores demonstraram que estão dispostos a aceitar uma reconciliação entre sandinisrtas e opositores. O que está em jogo é o futuro da Nicarágua.

Em Granada, grande parte do eleitorado confirmou que iria votar na UNO porque o povo nicaraguense já está farto de viver na miséria e de passar fome. Os dez anos de sandinismo foram catastróficos para a economia nicaraguense. "Com Daniel Ortega no poder jamais teremos o apoio da comunidade internaconal e sobretudo dos Estados Unidos da América", disse-nos um grupo de eleitores com quem contactámos.

Em León a votação foi bastante equilibrada entre sandinistas e opositores. Mas em Maçaya, por exemplo, Daniel Ortega parece que conseguiu conquistar, e de que maneira, a maioria dos eleitores.

Vinte mil pessoas garantiram a ordem e respeito nas eleiçõpes de ontem. Segundo a polícia sandinista, desde sábado à tarde que entrou em funcionamento um forte dispositvo de 20 mil pessoas que aceitaram livremente a responsabilidade de garantir a ordem durante as eleições.



O momento clássico da entrada do voto na urna mas neste caso é especial o voto, pois se trata do de Daniel Ortega

O comandante Álvarno Gusmán, segundo chefe nacional da polícia sandinista, disse numa conferência de Imprensa que catorze mil polícias tinham sido mobilizados para este domingo histórico e onde permaneceram na juntas regionais de voto.

De salientar que todos os polícias estavam vestidos de brasnco e não transportavam armas. Outro sinónimo de que a Nicarágua está efectivamente no caminho da paz.

Era sete e cinco da manhã, concretamente na mesa de voto número 166, quando o líder sandinista, Daniel Ortega, foi votar acompanhado da mulher e filhos. À saída da mesa de voto, Ortega disse aos jornalistas que está disposto a aceitar o que o povo nicaraguense decidir nas mesas de voto.

"Se a União Nacional Opositora vencer as eleições, eu serei o primeiro a reconhecer D. Violeta Chamorro como Presidente da Nicarágua", esclareceu Daniel Ortega.

Durante seis meses , foi a primeira vez que o actual Presidente aceitou publicamente a possibuilidade de sofrer uma derrota eleitoral. É caso para dizer que Daniel Ortega estava a presssentir que podia perder as eleições.

Na conferência de Imprensa,Carter confirmou que nas converações que manteve comos chefes da Resistência Nicaraguense exilados nas Honduras, estes garantiram que não iam atacar os camponeses no norte da Nicarágua para que estas primeiras eleições livres, sejam reconhecidas internacionalmente como as eleições da paz.

Quando um jornalista perguntou a Carter que decisões iria tomar o Governo norte-americano depois de conhecidos os resultados eleitorais, o ex-Presidenrte disse que não é conselheiro oficial da administração Bush, mas sugeriu há uns meses atrás que o Governo do seu país respeite os resultados do processo eleitoral, para que reconheça de uma vez por todas a vontade democrática do povo nicaraguense.

Por outro lado, Carter também quis assinalar que as eleições de ontem foram efectivamente justas, limpas e democráticas.

José Peixe

«Nem comunismo, nem capitalismo»... nem Ortega

O comício de encerramento da campanha da Frente Sandinista foi esmagador, reunindo cerca de meio milhão de pessoas no centro de Manágua. Todos os sinais exteriores indicavam uma vitória de Ortega. Até mesmo as sondagens norte-americanas davam como certa essa possibilidade.

Mas houve condicionantes a considerar, como a participação praticamente compulsiva dos funcionários públicos que, segundo a oposição, foram obrigados a participar nas manifestações pró-governamentais, deixando muitos nicaraguenses indignados.

Por outro lado, o nível muito elevado das despesas da Frente Sandinista foi interpretado com certa indignação pela população nicaraguense, que não compreendeu como o seu Governo pôde levar a cabo gastos tão elevados, ao mesmo tempo que, em dez anos, empobreceu o país.

A UNO, pelo contrário, dispunha apenas de três milhões de dólares, parte dos quais vinha da ajuda acordada pelo Congresso dos EUA.

«Apesar desta campanha totalmente injusta e desiquilibrada», afirmou, em vésperas do escrutínio, Alfredo Cesar, activista da UNO, vanhos ganhar no domingo. Pelos vistos, tinha razão.

Redacção «DL»/Lusa

Dona Violeta derruba comandante Ortega

«Reafirmo que honrarei o meu compromisso de conseguir a reconciliação nacional, porque só assim haverá paz e bem estar na Nicarágua». Foram estas as primeiras declarações da líder da União Nacional da Oposição (UNO), Violeta Barrios Chamorro, 60 anos, depois do Conselho Superior Eleitoral ter confirmado que ela será, provavelmente, a futura Presidente do país. No entanto, enquanto «Dona Violeta» apelava à reconciliação, centenas de sandinistas, alguns dos quais chorando, concentravam-se em frente à sede do seu partido, gritando «no pasaran» e entoando canções revolucionárias. A mulher de Daniel Ortega, liderava os manifestantes, tendo afirmado: « O meu marido ganhou porque o povo continua a ser sandinista

Por sua vez, simpatizantes da UNO queimavam bandeiras vermelhas e negras dos sandinistas hasteadas pela cidade, embora Violeta Chamorro tenha afirmado que depois da sua vitória não haverá mais perseguições na Nicarágua.« A primeira eleição livre e democrática não servirá para produzir mais exilados, mais presos ou mais confiscações», disse a provável Presidente - eleita.

Proprietária do jornal «La Prensa», fechado e censurado pelo Governo sandinista por diversas vezes, Violeta Chamorro é viúva do jornalista Pedro Joaquim Chamorro, assassinado em 1978 por pistoleiros às ordens do ditador Anástácio somoza.

De pacata dona-de-casa, Violeta Chamorro passou para uma dura actividade política, reclamando a luta do marido, a quem tinha acompanhado no desterro imposto por Somoza, primeiro para uma pequena aldeia da Nicarágua,depois para a Costa Rica, onde em 1960, Pedro Chamorro tentou organizar a primeira invasão armada para o derrube do ditador.

«Se o meu marido fosse vivo, a revolução não teria vencido. Esses rapazitos (os sandinistas) estariam ainda nas montanhas, como a guerrilha colombiana», afirmou há dias a presumível Presidente da Nicarágua.

Redacção «DL»/Lusa

Uma cabeça rapada

Violeta Chamorro não será, propriamente um «skin-head».

Sê-lo-ia, ou quase, se cumprisse a obrigação que lhe é determinada pelo apelido. De facto, tanto em português como em castelhano (em português é um castelhanismo), chamorro significa nem mais nem menos que tosquiado.

É um apelido pejorativo com que os espanhois designavam os portugueses por estes usarem a cara rapada e o cabelo curto.

R.A.

SPD da RDA aprova programa de transição

Nem nos seus sonhos dourados, Willy Brandt, quando nos anos 60 iniciou a sua política de abertura a Leste, a *Ostpolitik*, podia prever o que ontem aconteceu em Leipzig, em pleno coração da RDA. Eleito por unanimidade presidente honorário dos sociais-democratas leste - alemães, Brandt discursou para mais de 100 mil pessoas no final do Congresso do SPD, o partido que lidera todas as sondagens para as eleições de 18 de Março com cerca de 50 por cento de apoio. O Congresso adoptou um calendário para a reunificação das duas Alemanhas, visando impedir uma «anexação caótica» pela RFA.

Da varanda da Ópera de Leipzig, Brandt apelou à assistência para que permaneça na RDA, ali lutando pela unidade alemã, não se integrando no êxodo para o Ocidente. Para que tal não continue a acontecer, o SPD elaborou um programa de transição que, graças ao favoritismo dos sociais-democratas nas eleições, terá grandes possibilidades de vir a ser adoptado oficialmente pelo futuro Governo leste-alemão.

No programa é proposto um «Conselho de Unidade Alemã» com políticos de Bona a elaborar uma Constituição democrática e um plano de economia de mercado para a nova Alemanha. Comissões inter-governamentais estudarão os pormenores das reformas e delinearão um sistema de assistência para proteger os cidadãos contra as dificuldades.

Modrow candidata-se

O candidato social-democrata soube ontem que terá como adversário o actual primeiro-ministro Hans Modrow, que aceitou chefiar as listas do seu partido, o do Socialismo Democrático (PSD) às eleições de Março, num Congresso realizado em Berlim. O PSD é o antigo partido comunista rebaptizado e, segundo as últimas sondagens, possui apenas cinco por cento das intenções de voto.

O último dia do Congresso do PSD foi perturbado por revelações sobre a corrupção do antigo regime. Segundo a a agência oficial ADN, o procurador estatal disse que se suspeita que o antigo líder Erich Honecker, aguardando julgamento, se apoderou de parte dos milhões de dólares pagos pela RFA pela libertação de presos políticos, tendo transferido 75 milhões para proveito próprio, só no ano passado.

Redacção «DL»/Lusa

Bush e Kohl querem cautelas na reunificação alemã

Do nosso correspondente em Washington

Uma Alemanha unificada deverá manter-se ligada à NATO e as forças norte-americanas deverão permanecer em território germânico como garante de estabilidade - foram estas as principais questões reafirmadas, ontem, quer pelo chanceler alemão-federal, Helmut Khol, quer pelo presidente George Bush.

Durante uma conferência de Imprensa, que culminou dois dias de conversações, ambos os líderes fizeram questão de sublinhar que, embora o processo de reunificação das Alemanhas avance mais rapidamente do que se esperava é, porém, preciso limar muitas arestas e pormenores há que necessitam ser definidos com considerável cautela e acompanhados por contactos continuados.

As conversações decorreram dentro desse espírito e, apesar de se terem realizado ao mais alto nível, foram propositadamente despidas de formalidades. Deste modo, Bush recebeu Khol, no sábado, na residência de férias do presidente americano, localizada a menos de uma hora de automóvel de Washington. O chanceler chegara minutos antes ao aeroporto de Dulles, nos subúrbios da capital norte-americana, seguindo imediatamente de helicóptero para Camp David.

Garante de estabilidade

Bush, que pouco antes de se reunir com Helmut Khol debateu, ao telefone, a questão das Alemanhas com Margaret Thatcher e com o primeiro-ministro canadiano, disse «partilhar a esperança comum de que uma Alemanha unificada deverá permanecer membro pleno da NATO, incluindo a participação na sua estrutura militar».

O dirigente norte-americano adiantou, a propósito, estarem de acordo que «as forças militares deverão continuar estacionadas numa Alemanha unida e em qualquer outra parte da Europa, como garante da estabilidade».

Por outro lado, o presidente dos EUA adiantou que, tanto ele como Helmut Khol, acreditam que, no âmbito de um Estado unificado, o antigo território alemão de Leste deverá ter um estatuto militar especial, numa aparente referência a propostas segundo as quais as forças da NATO seriam impedidas de entrar naquela área. Outra das questões em aberto, referidas durante a conferência de Imprensa, foi a que se prende com o futuro das forças soviéticas estacionadas na Alemanha. O chanceler Khol adiantou, a propósito, que deverão ser previstos mecanismos de transição, sem adiantar mais.

Medos antigos

Segundo a generalidade dos órgãos de Comunicação Social norte-americanos, particular pressão sobre o líder alemão-federal foi feita pelo presidente Bush no respeitante à fronteira alemã com a Polónia.

De acordo com essas versões, Washington pretenderia a garantia de que uma Alemanha unida não viesse a reivindicar os seus antigos territórios actualmente incorporados na Polónia. Sobre este tema, Khol revelou-se relutante em dar garantias plenas, temendo, porventura, os seus efeitos nas próximas eleições de Dezembro, na RFA. Sendo assim, optou, durante a conferência de Imprensa, por generalizar, afirmando que ninguém pretende relacionar a questão da unificação com mudanças na configuração das actuais fronteiras europeias. Na sua opinião, um futuro parlamento alemão unificado e livremente eleito deverá pronunciar-se, em devido tempo, sobre a questão.

Pressões judaicas

Helmut Khol foi incessantemente questionado sobre os medos provocados pela reunificação alemã. A um nível mais formal, influentes organizações judaicas norte-americanas assediaram tanto a Administração Bush como o chanceler de Bona, querendo que eles reagissem aos receios existentes entre os sobreviventes do Holocausto.

De acordo com o «New York Times», alguns funcionários do governo de Washington defendem até que a Alemanha Federal deveria assumir a responsabilidade de «educar» a Alemanha de Leste no que diz respeito ao Holocausto.

Respondendo às questões que lhe foram colocadas, o líder alemão-federal afirmou que o seu país está ciente da especial responsabilidade com que se confronta, sublinhando ter aprendido as lições do passado e não desejar repetir os erros da História.

Filipe Vieira

Manifestações de domingo alastram pelo Leste

No Leste, os domingos não são dias em branco e é já um costume as pessoas sairem de casa e dedicarem o seu dia de descanso a manifestações cujo teor varia à medida que cresce a confusão política reinante. Ontem, enquanto mais de 250 moscovitas participavam numa manifestação em prol de uma «perestroika sem meias-medidas», dezenas de milhares de búlgaros, gritando palavras de ordem contra o PC do país, juntavam-se no maior aglomerado livre desde o derrube do regime de Zhivkov. Em Praga, mais de cem mil pessoas comemoraram o 42º aniversário do golpe de Estado protagonizado pelos comunistas checoslovacos e escutaram a promessa do seu presidente, Vaclav Havel, de «muito suor e nenhum sangue para o futuro».

Num palco colocado na praça da cidade velha de Praga, local onde há 42 anos Klement Gottwald anunciou a «vitória do povo trabalhador», o presidente checo anunciou que o Governo irá apresentar brevemente um documento sobre o verdadeiro estado da nação após 40 anos de regime totalitário. Havel pediu aos órgãos de comunicação social que não tenham medo em criticar e inclusivamente caricaturizar o chefe de Estado, de maneira a que ninguém seja tão importante como antes. Vários milhares de jovens recordaram as manifestações estudantis de Fevereiro de 1948, as únicas demonstrações públicas de repulsa contra o golpe de Estado. Na Bulgária, um mar de gente, que empunhava cartazes com a frase «liberdade e justiça», percorreu a principal artéria de Sofia gritando palavras de ordem exigindo a extinção do Partido Comunista búlgaro. A manifestação, promovida pela União das Forças Democráticas, UDF, teve também como objectivo exigir que as eleições só se realizem depois de Junho. O número de manifestantes foi, conforme as fontes, de 80 mil a 150 mil.

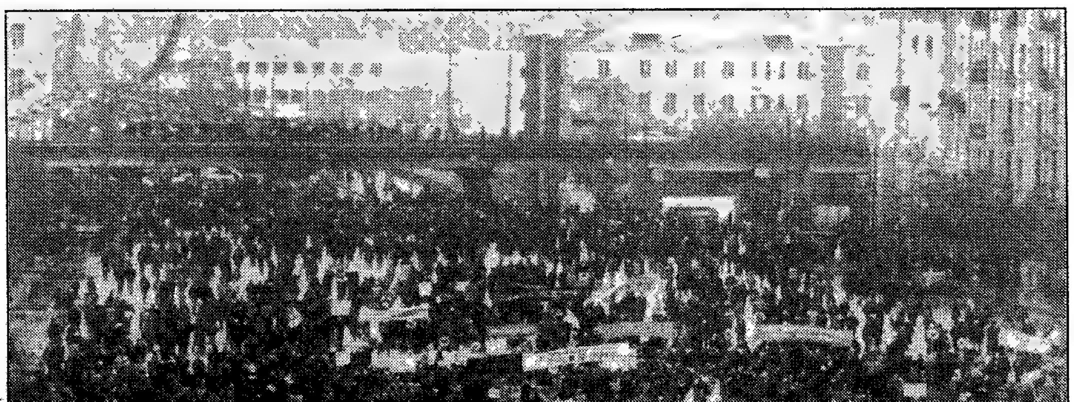
Os comunistas propuseram Junho para a data das eleições, mas a UDF, que agrupa todas as forças da oposição, considera que a votação só se deve realizar em Setembro, após a aprovação da esperada lei que legalizará os partidos.

Observadores políticos afirmam que uma esperada mesa redonda entre o Partido Comunista e a oposição, agendada para hoje, não se deve realizar, após a UDF ter acusado os comunistas de não terem aceite debater possíveis acordos políticos. Na manifestação participaram representantes do Partido Socialista Alternativo, formado por dissidentes do Partido Comunista, e da União Popular Agrária, que, em 1948, se submeteu ao programa político do PC bulgaro.Contra os comunistas mas a favor da perestroika, estiveram 250 mil moscovitas que, diante do ministério dos Negócios Estangeiros da URSS exprimiram o grande descontentamento popular, desde críticas severas e construtivas, até ao repúdio do regime social. «Proletários de todo o mundo, uni-vos e corram com os comunistas» era um dos dísticos humorísticos que se podia ler nos cartazes.Num comício final, discursaram deputados a favor da reforma, entre os quais o historiador Iuri Afanassiev e o economista Gavriil Popov, ambos figuras destacadas do grupo inter-regional do Parlamento. As intervenções centraram-se, como as demais, em fortes críticas contra a passividade do Governo e a ineficácia das medidas económicas tomadas, contribuindo, segundo muitos, para o aliviamento da tensão que dominou nos últimos dias a capital soviética.

Os manifestantes advertiram o Governo contra uma política de meias-medidas e exigiram uma perestroika mais agressiva. «Há uma mafia ma direcção do país que está interessada na continuação dos conflitos entre as etnias da URSS e impede a unidade do povo», salientaram os manifestantes.

A manifestação de ontem, poderá, para os participantes, esclarecer os cidadãos sobre a correlação das forças políticas, tendo em vista as eleições para as câmaras locais, marcadas para 4 de Março.

Lusa



Aspecto parcial da manifestação de ontem em Moscovo, em que se admite que tenha participado um mínimo de 250 mil pessoas

Exilado albanês morto em Bruxelas

Do nosso correspondente em Bruxelas

O presidente do Comité de Defesa dos Direitos Humanos de Kosovo, Enver Habri, albanês, de 50 anos, foi abatido ontem à tarde, em Bruxelas, em plena via pública, com um tiro na cabeça, quando se encontrava ao volante do seu automóvel, aguardando a abertura do sinal de um semáforo. O atentado não foi reivindicado e a Polícia afirma tratar-se de uma acção de profissionais.

Residente desde há muitos anos na Bélgica, Enver Habri era um activista conhecido, sobretudo pela frequência com que aparecia na televisão.

Uma testemunha afirma que um automóvel com dois indivíduos parou ao lado da viatura de Habri e que um dos ocupantes abriu fogo com uma pistola munida de silenciador.

O activista morreu horas depois no hospital de Saint Pierre.

Enver Habri desempenhava um papel extremamente activo na questão do Kosovo, província da República da Sérvia, Jugoslávia, onde residem 1,7 milhões de albaneses e 200 mil sérvios. Segundo os investigadores, o atentado pode ser atribuído a agentes da minoria sérvia.

José Rui Cunha

QUOTIDIANO

Em Santa Comba Dão, a morte espreitou os passageiros duma carreira expresso. Apesar de tudo, o Carnaval não agravou o índice de mortalidade nas estradas do País

Despiste de autocarro provoca 15 feridos

Um autocarro de passageiros da empresa Santos, de Freixo-Espada à Cinta, despistou-se esta madrugada no cruzamento das vias que levam a Rojão Grande e a Santa Comba Dão, provocando 15 feridos, dois dos quais em estado grave. A viatura precipitou-se numa ravina.

Segundo uma fonte da empresa, o autocarro fazia a carreira expresso de Miranda do Douro/Lisboa/Miranda do Douro. «O cruzamento é um pouco falso e julga-se ter havido uma pequena distracção do condutor, que não sofreu nada», disse o DL um funcionário daquela empresa rodoviária. «Foi a primeira vez que a empresa teve um acidente de viação. A nossa frota é constituída por trinta autocarros e a viatura acidentada era relativamente nova», acrescentou.

Segundo ainda esta fonte, a causa do acidente não se deve poder atribuir a cansaço do condutor uma vez que o trajecto é assegurado por dois motoristas.

Os oito feridos que deram entrada no Hospital de Viseu já tiveram alta, «por não inspirarem cuidados», revelou uma fonte hospitalar.

Quanto aos dois em estado grave, Maria Filomena de Lima Caria, de 30 anos, e Domingos Abílio Raposo, de 37 anos, foram internados no Hospital Universitário de Coimbra, por se ter «suspeitado de fractura da coluna, em relação a ela e a ele de fractura dos ossos do nariz e da face», disse o director do Hospital de Santa Comba Dão.

Apesar deste acidente, no fim-de-semana «não se registou qualquer alteração apreciável em comparação com outros fins-de-semana, embora se atravesse uma quadra festiva», informou uma fonte da Guarda Nacional Republicana.

Segundo a GNR, verificaram-se 108 acidentes, que provocaram três mortos e 92 feridos, entre as 12 horas de sábado e a mesma hora de hoje.

No período de Carnaval, muitos foram aqueles que aproveitaram a segunda-feira e fizeram fim-de-semana prolongado, embora para alguns a «ponte» não tinha sido possível.

O trânsito «esteve reduzido esta manhã», e não foi necessário abrir a terceira via da Ponte 25 de Abril, no sentido norte-sul, disse a divisão de trânsito da PSP.

Combolo descarrila em Estarreja

Um comboio de passageiros, que seguia de Aveiro para o Porto, descarrilou às 7.15 horas da manhã, em Estarreja, não havendo registo de feridos.

O descarrilamento ocorreu quando uma composição com duas unidades triplas eléctricas (seis carruagens) saiu fora dos carris, na altura em que deixava Estarreja, em direcção ao Porto.

As duas vias ficaram obstruídas na sequência do descarrilamento. A circulação ferroviária entre Aveiro e a Cidade Invicta deverá ficar restabelecida, em via única, cerca das 14 horas, disse uma fonte da CP, acrescentando que a outra via só estaria operacional mais tarde.

Esta empresa está a efectuar o transbordo de passageiros para autocarros. O descarrilamento ocorreu numa curva localizada a cerca de 500 metros da estação. Aquela hora, as composições que partem de Aveiro em direcção ao Porto costumam transportar elevado número de passageiros.

Trabalhadores dos museus param amanhã

Os trabalhadores dos museus e palácios estão em greve, amanhã, reivindicando, também, o novo sistema retributivo da Função Pública. A paralisação poderia não ter nenhum outro impacto a não ser a importância de si própria, só que, desta vez, sucede uma situação pouco comum no movimento sindical portugueses: os jardineiros, carpinteiros, conservadores e todo o «paciente mundo» que trabalhava nos principais centros do nosso património nacional, «pôs no cesto dos papéis» uma das mais recentes decisões do Secretário de Estado da Cultura.

Com efeito, Santana Lopes tinha exarado um despacho, a 21 do corrente, que obrigava exactamente os funcionários deste sector a trabalhar aos feriados. É caso para dizer: uma greve em estilo de partida de carnaval ao responsável governamental pela cultura.

A decisão dos trabalhadores dos museus foi tomada sexta-feira, em assembleia-geral realizada em Queluz.

Fim do caos nos portos

Ao contrário dos museus, no caso dos trabalhadores das alfândegas, o ambiente é mais pacífico. Com efeito, o Governo e a Federação dos Sindicatos da Função Pública restabeleceram, pela terceira vez, uma plataforma que satisfez as duas partes, desbloquando a situação de verdadeiro caos que se estava a criar nos portos onde os alfandegários tinham transformado a greve em zelo excessivo o que criou, a semana passada, enormes problemas ao normal escoamento das mercadorias. Os primeiros a protestar foram os camionistas que perderam dias e dias às portas dos postos alfandegários.

De igual modo, a greve de zelo que os trabalhadores portuários estavam a realizar, deverá terminar hoje.

BREVES

Maquinistas param a partir de dia 7

Os maquinistas da CP recuaram no seu projecto de greve total. A assembleia-geral do sindicato, realizada sábado, no Entrocamento, decidiu convocar uma nova greve parcial, com início a 7 de Março, que se prolongará pelo mínimo de dez dias.

Castelo Lopes, da direcção do sindicato disse, à Lusa, que esta decisão poderá ser alterada «se o Conselho de Gerância da CP mantiver a sua posição de inflexibilidade». Se isso se vier a verificar, acrescentou o sindicalista, «decretaremos uma greve total a qualquer momento».

Durante o novo período de greves, os maquinistas paralisarão duas horas no início do turno e outras duas e meia no final do turno.

A partir de 7 de Março os maquinistas vão também recusar-se a conduzir comboios de passageiros a mais de 80 quilómteros por hora ou de mercadorias a mais de cinquenta o que, segundo Castelo Lopes, «vai complicar ainda mais a circulação ferroviária».

Plano de combate à droga satisfaz Portugal

A Assembleia Geral das Nações Unidas concluiu, no fim-de-semana em Nova Iorque, uma sessão especial sobre o combate à droga, cujas conclusões foram saudadas pela delegaçã portuguesa. Foi aprovada por unanimidade uma declaração política e um plano de acção de 98 alíneas em que se traçam recomendações concrectas para o combate à droga em todas as fases, da produção ao consumo. Garcia Marques, director do Gabinete de Combate à Droga do Ministério da Justiça, disse, em Nova Iorque, que a reunião foi de extrema importância por globalizar o combate à droga e estabelecer um programa mundial de acção.

Trabalhadores da Carris escolheram lista unitária

Nas eleições para a Comissão dos Trabalhadores da Carris a lista «A» (afecta à CGTP) obteve nove mandatos e a lista «B» (afecta à UGT) obteve dois. A lista «A» obteve 2.137 votos contra 692 da lista «B», o que representa, respectivamente, 72,6 e 23,5 por cento dos votos expressos. Participaram nas eleições 6.595 trabalhadores, o que corresponde a um aumeno percentual de 7,4 em relação às realizadas em 1988.

IPPC tem prazos para actuação

O secretário de Estado da Cultura, Santana Lopes, determinou a adopção de medidas para o estabelecimento de prazos de intervenção do Instituto Português do Património Cultural (IPPC) «no sentido de impedir a paralisação dos processos» naquela instituição — afirmou uma fonte da Secretaria de Estado. O governante deu ainda instruções para «a elaboração das cartas do património de Lisboa e do Porto», acrescentou a mesma fonte.

GLOBAL VIDA

Companhia de Seguros de Vida, SA

RELAÇÃO DE ACCIONISTAS

COLEP — Companhia Portuguesa de Embalagens, Lda.	29,251%
IBERHOLDING — Sociedade Gestora de Participações Sociais, SA	10,205%
MACONDE — Confecções, Lda.	5,101%
Comp. Ind. Cordoarias Têxteis e Metálicas QUINTAS & QUINTAS	5,101%
Banco Totta & Açores, Sa	5,101%
FAF — Francisco António Fernandes, SA	5,101%
ENGIL — Sociedade de Construção Civil, SA	5,101%
TAGOL — Companhia de Oleaginosas, SA	5,101%
INTERFINA — Sociedade Internacional de Financiamentos, SA	5,101%
Pinhos, Almeida & Companhia, Lda.	5,101%
Sociedade de Empreendimentos da Requeijada, SA	0,266%
GLOBAL — Companhia de Seguros de, SA	3,044%
COLEP TRADING — Comércio Internacional, Lda.	1,790%
Moagem e Panificação NOVA MOAPÃO, SA	2,043%
PORCEL — Indústria Portuguesa de Porcelanas, Lda.	2,043%
Fábrica Têxtil Riopele	5,101%
TRANSINSULAR — Transportes Marítimos e Insulares, SA	1,360%
PROLEITE — Coop. Agrícola de Prod. de Leite do Centro Litoral	1,020%
SODERA — Soc. de Desenvolvimento Regional do Alentejo, SA	1,020%
REVIGRÉS — Indústria de Revestimento de Grés, Lda.	1,020%
E.V.F. — Apoio Comercial de Representações, Lda.	1,020%

GLOBAL

Companhia de Seguros, SA

RELAÇÃO DE ACCIONISTAS

COLEP — Companhia Portuguesa de Embalagens, Ld.ª	28,911%
IBERHOLDING — Sociedade Gestora de Participações Sociais, SA	10,204%
MACONDE — Confecções, Ld.ª	5,102%
Comp. Ind. Cordoarias Têxteis e Metálicas QUINTAS & QUINTAS	5,102%
Banco Totta & Açores, SA	5,102%
FAF — Francisco António Fernandes, SA	5,102%
ENGIL — Sociedade de Construção Civil, SA	5,102%
TAGOL — Companhia de Oleaginosas, SA	5,102%
INTERFINA — Sociedade Internacional de Financiamentos, SA	5,102%
Pinhos, Almeida & Companhia, Ld.ª	5,102%
Sociedade de Empreendimentos da Requeijada, Ld.ª	0,333%
GLOBAL VIDA — Companhia de Seguros de Vida, SA	3,040%
COLEP TRADING — Comércio Internacional, Ld.ª	1,727%
Moagem e Panificação NOVA MOAPÃO, SA	2,040%
PORCEL — Indústria Portuguesa de Porcelanas, Ld.ª	2,040%
Fábrica Têxtil Riopele	5,101%
TRANSINSULAR — Transportes Marítimos e Insulares, SA	1,700%
PROLEITE — Coop. Agrícola de Prod. de Leite do Centro Litoral	1,020%
SODERA — Soc. de Desenvolvimento Regional do Alentejo, SA	1,020%
REVIGRÉS — Indústria de Revestimento de Grés, Ld.ª	1,020%
EVF — Apoio Comercial e Representações, Ld.ª	1,020%

MALHAS DA JUSTIÇA

Um desgraçado de um favor

António P., decalque ingénuo de Bob Marley ou Yannick Noah, responde, pela primeira vez, em tribunal. Com 18 anos, jogador de futebol dos seniores de Chelas, vive com a mãe, o padastro e três irmãos mais novos. Ganha cerca de trinta contos por mês, mais o prémio de jogo, -- quando o há, que a sorte e a vitória nem sempre batem à porta -- salário um pouco curto para se dar ao luxo de tirar licença de condução.

Mas António sabe guiar. Aprendeu, quando andava nas obras, diz, e, bom rapaz que é -- presume-se --, ei-lo disposto a fazer um desgraçado de um favor ao primo, que mora em Vialonga e tem mais em que pensar. Vai daí, como o automóvel tinha um farol partido e deveria embarcar para a Guiné intacto, António agarrou-se com unhas e dentes à viatura e toca de rumar à oficina. Não teve sequer tempo para lá chegar, o carro não entrou na garagem, que a polícia fez-lhe «auto» quase ao dobrar da esquina. Azares! O automóvel continuou com a óptica partida e António deita, agora, contas à vida, no tribunal. A multa ou a prisão, sentencia o juiz.

António abana a cabeça, os cachos da farta cabeleira balouçam. Claro que não quer «ir de cana», claro que sabia que não devia conduzir sem carta, claro, claro. Claro que não tem, também, dinheiro para pagar. Sempre são, números redondos, 120 «patadas», quatro meses de esforçado suor entre as quatro linhas do campo. Mas António paga. Em prestações, suaves, que a Justiça concede-lhe crédito. Por enquanto, já que é a primeira vez.

Emília Trindade

Supremo Administrativo anula punição de Beleza

O Supremo Tribunal Administrativo anulou uma punição imposta pela ex-ministra da Saúde Leonor Beleza a uma médica do Hospital Psiquiátrico do Lorvão. O caso foi muito falado em 1987, quando, em Agosto, um despacho de Leonor Beleza puniu a psiquiatra Fernanda da Silva Mendes com a suspensão da actividade por um ano.

A eficácia do despacho esteve sempre suspensa e a médica dirige actualmente o Serviço de Psiquiatria do Hospital de Ponta Delgada. A especialista fora punida por ter recebido uma «pequena gratificação» paga por um laboratório, segundo disse a própria à agência Lusa.

Juntamente com ela foram igualmente punidos os médicos Cunha de Oliveira, António Gomes e Teresa Barbosa, desconhecendo-se por enquanto a decisão do referido tribunal em relação aos seus casos.

Os quatro médicos fizeram durante um ano o ensaio de um medicamento denominado Haldol de Decanoato, já existente em Portugal há cerca de 20 anos. Fernanda Mendes disse que o ensaio se destinava a apurar se os doentes podiam tomar uma injecção de quatro em quatro semanas, em vez de um comprimido todos os dias.

Acrescentou que aquele medicamento é ministrado a doentes que sofrem de psicose esquisofrénica e que têm «tendência para deixar de tomar os remédios». Segundo ainda a médica, esses pacientes tomando periodicamente uma injecção «não têm crises e mantêm-se mais facilmente integrados na comunidade».

Esta instituição, ao comemorar o 107º aniversário, apresenta, pela primeira vez, a Feira de Velharias e Coleccionismo. Por ser acessível a todos as bolsas, constitui uma alternativa para público e expositores

Antiguidades e colecções na Voz do Operário

Francisco Paraíso

As escadas da Voz do Operário transformaram-se em galeria. Velharias em vez de livros e malas. Coleccionadores em vez de alunos

Peças antigas, mobílias, arte sacra, brinquedos e caixas de fósforos, tudo poderemos encontrar na Antiqua-1, Feira de Velharias e Coleccionismo, patente na Voz do Operário, até quinta-feira. Um certame acessível a todas as bolsas e gostos, numa instituição que comemora 107 anos de existência.

Os expositores possuem lojas de antiguidades. Mas, na sua qualidade de pequenos e médios comerciantes, nem sempre têm oportunidade de expor dado o preço do aluguer dos locais habituais de exposição. Daí a grande adesão que teve esta iniciativa. «A Voz do Operário quase nos cedeu as instalações. O custo do espaço é mínimo. Estávamos a pensar em ter 16 participantes e surgiram 40. Tivemos muita sorte porque aderiram desde pessoas com coisas pequenas até às de grande nome no comércio de antiguidades», referiu ao «DL» António Dias, colaborador da Casa Monforte, organizadora da exposição.

Por outro lado, para a pessoa que inicia a actividade, nem sempre é fácil penetrar no meio. Segundo a dona da Velharias Pompeia, com um ano de actividade, « ninguém se lembra dos mais novos. Faço a Feira da Ladra e esta é a primeira exposição em que participo. Por exemplo, não consegui um lugar na Estufa Fria. As pessoas reservam o espaço de ano para ano e é difícil obter uma vaga. Por isso, estou muito reconhecida aos organizadores desta Feira». É por tudo isto que a Antiqua-1 constitui, também, uma alternativa para comerciantes e clientes. Há até quem tenha o cuidado de seleccionar objectos mais acessíveis como explicou Nélson, um brasileiro que montou uma loja há dois anos. «Geralmente quando venho a este tipo de coisas procuro trazer os materiais mais baratos. É um pouco difícil vender peças mais raras e caras.» Duas jarras em opalino, 112 mil escudos cada uma, são os seus artigos de maior valor.

Nesta Feira encontra coisas pouco despendiosas. O preço da maioria dos artigos não ultrapassa a centena de contos. As raridades custam à volta dos 200 contos. Um Santo António em madeira ou uma cómoda do século XVIII e uma escravaninha D. João V constituiem algumas das antiguidades mais interessantes. A peça mais valiosa é um relógio que custa mil e 200 contos, uma excepção à regra.

Não sendo propriamente peças de antiquário, mas nem por isso menos procuradas pelos coleccionadores, os postais, calendários, caixas de fósforos, moedas e porta-chaves, permitem aguçar o gosto aos que não possuem meios para grandes investimentos. Uma moeda de 50 escudos é suficiente para comprar um destes artigos.

José Ferreira é o comerciante mais novo da exposição. Com loja aberta há apenas uma semana, compra e vende de tudo, desde que seja barato. Um carro em miniatura, um *Lotus climax* que custa 13 mil escudos, é o objecto mais caro.

Mais novo, em idade, tem apenas 13 anos, o Nuno extreou-se aqui nestas andanças. Gosta muito de antiguidades e está a vender peças do tio que tem uma loja. Mostra-nos com prazer os pratos, a cigarreira de prata e as setas africanas. A experiência está a ser positiva e já decidiu ir vender para as feiras. Vai começar pela Feira da Ladra.

Aliás, a Feira da Ladra não é apenas um lugar próximo da Voz do Operário, ela constitui um ponto de referência para quem se inicia neste negócio. É o caso dos donos da Pompeia que começaram por brincadeira, explorando em particular as bonecas de porcelana, e acabaram por gostar do ramo.

O gosto pelas coisa velhas é a primeira razão que os expositores apresentam para vender antiguidades. Quanto ao lucro, poucos se confessam, ficam-se pelo: «vai dando para as despesas.» O silêncio é, também, a alma deste negócio, essencialmente de estrutura familiar.

As peças expostas caracterizam-se por uma grande variedade de estilos. Porque, como nos refere Carlos Janeiro, «o campo é muito vasto e é muito difícil obedecer a um estilo definido». Para este comerciante, numa área que tem muita concorrência, «o importante é estar atento às coisas e saber o máximo de tudo». O expositor mais especializado é uma livraria com livros dedicados às antiguidades e coleccionismo. Um tipo de mercadoria inédita nestas feiras.

Pelo que observámos, a Voz do Operário está duplamente de parabéns. Faz anos e apoiou esta iniciativa. «A Feira é uma organização autónoma. Demo-lhes todo o carinho porque pensamos que poderá ser uma forma de outro tipo de comerciantes ter um espaço para negociar. Para nós, é também importante porque é outro tipo de pessoas que vêm à instituição», diz-nos Vitor Agostinho, membro da direcção. O trabalho desenvolvido nesta instituição é muito conhecido. Há 50 anos era a base do ensino do País, quase todas as escolas lhe pertenciam. Hoje (o sistema escolar está a cargo do Estado) está mais virada para a cultura. «Continuamos a caminhar para um grande centro cultural da cidade. A Câmara Municipal de Lisboa, em nossa opinião, deve criar um plano próprio e muito directo que deverá passar pela Voz do Operário», comentou para o «DL», Vitor Agostinho.

No jantar do 107º aniversário, como acontece todos os anos, foi homenageada uma personalidade pública e o sócio mais antigo. A homenagem foi para Rogério Paulo e Manuel Domingos que tem 94 anos, dos quais 80 como membro da Voz do Operário.

Céu Neves

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

AVISO — A Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico de Santarém faz saber que se encontra aberto concurso documental para recrutamento de dois PROFESSORES ADJUNTOS para a área científica de ZOOTECNIA GERAL.

As condições de admissão e a formalização das candidaturas são as constantes do aviso de abertura de concurso publicado no «Diário da República», II Série, n.º 40 de 16.02.90.

Escola Superior Agrária, 26 de Fevereiro de 1990

A Comissão Instaladora

João Vitor Reis Gomes Mendes

QUOTIDIANO

Numa sentença inédita em Portugal, uma ré de um crime contra espécies animais protegidas foi condenada a mais de três meses de cadeia, remíveis por multa elevada

Atentado contra cegonhas punido com prisão

A ré do chamado «processo das cegonhas», a agrária Graça Ribeiro da Cunha, foi na sexta-feira condenada pelo tribunal de Coruche a uma multa global de 130 contos e a instalar na herdade que administra plataformas aéreas para a nidificação daquelas aves.

A sentença, de que a defesa anunciou ir interpor recurso, decorreu do entendimento do tribunal de que a ré prevaricou voluntariamente ao permitir o corte de três pinheiros seculares, quando cerca de três dezenas de casais de cegonhas ali cuidavam da postura.

Incorrendo numa pena que poderia variar entre 30 e 90 dias de prisão remíveis por multa, a arguida acabou por ser condenada a 80 dias, acrescidos de 50 a título de responsabilidade civil, com a remissão arbitrada em mil escudos por dia.

Mais dispendiosa ficará ainda provavelmente à antiga proprietária e actual administradora da Quinta Grande a reparação do atentado de que foi vítima a colónia de cegonhas, traduzida na instalação na herdade de postes com plataformas susceptíveis de aproveitamento para nidificação pelas aves.

A juíza Ana Teixeira e Silva determinou também que a operação se realize sob a orientação do Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.

Eurico Vasconcelos

Cegonha — depois de Coruche, voando sob uma protecção eficaz?

Este processo resultou de uma denúncia da Associação Quercus à Secretaria de Estado do Ambiente, que por sua vez accionou um processo contra a presumível responsável pela destruição dos ninhos de cegonhas da Quinta Grande, invocando a legislação punitiva dos crimes contra espécies animais, adoptada após a ratificação por Portugal da Convenção de Berna.

A associação ambientalista apercebeu-se do vandalismo cometido sobre a colónia das aves quando procedia a um recenseamento da espécie, que se encontra em declínio demográfico acelerado.

No julgamento, o primeiro do género em Portugal, a defesa alegou que o madeireiro que cortou as árvores desobedecera a contra-ordens da ré a esse respeito.

A Câmara Municipal de Coruche, concelho onde se situa a Quinta Grande, associou-se ao protesto contra este atentado ecológico, tendo-se envolvido ainda no processo subsequente o Instituto Nacional de Ambiente e a Assembleia da República.

Artistas auxiliam crianças inadaptadas

O 14º aniversário da Crinabel vai ser assinalado no próximo sábado com um espectáculo em que participa um importante lote de artistas cuja contribuição graciosa constitui um precioso auxílio à obra desenvolvida por aquela cooperativa de educação de crianças inadaptadas. A iniciativa, com realização marcada para as 15 horas, no São Luis, «é uma forma de confraternizarmos e angariarmos fundos», disse ao «DL» Esmeralda Fernandes, membro da direcção.

Entre os artistas que participam graciosamente nesta festa de variedades contam-se Vera Mónica, Marina Mota, Joel Branco, Belle Dominique, Eugénia Melo e Castro, Mário Laguinhas, Maria de Céu Guerra, Michel, Vitorino e Carlos Zel. A apresentação do programa está a cargo de Ana Bola, Júlio César, Júlio Isidro, Luís Goucha e Vítor de Sousa. Participam ainda o Grupo de Dança Crinabel, Grupo Banda de Pardais e o Coral Leticia Juvenil.

Instituição de utilidade pública vocacionada para a recuperação de jovens inadaptados, essencialmente deficientes mentais, a Crinabel tem actualmente 80 alunos. O ensino ministrado por este estabelecimento corresponde ao da instrução primária. No entanto, como refere Esmeralda Fernandes, «apenas alguns jovens com menos dificuldades conseguem fazer a 4ª classe, mas são muito poucos».

A Cooperativa para a Educação de Crianças Inadaptadas de Santa Isabel é formada pelos pais das crianças. Um dos projectos mais ambiciosoS da instituição reside na criação do emprego protegido, iniciativa que irá arrancar no próximo ano para os alunos dos cursos de formação profissional (acções a cargo do Instituto de Emprego e Formação Profissional para crianças com problemas, independentemente de pertencerem à Crinabel) que não conseguem colocação. O futuro centro ocupacional, abrangendo as áreas de carpintaria, electromecânica, *tricot*, costura, tapeçaria e teatro, terá de ser frequentado por 25 por cento dos jovens sem deficiências. Há já uma pequena experiência neste campo. Os alunos estão a fazer trabalhos para uma fábrica de molas.

Os aniversários da Crinabel têm sido festejados ao longo dos anos com espectáculos, os quais, juntamente com peditórios, (o recentemente efectuado rendeu cerca de três mil contos) «são os balões de oxigénio a que é preciso recorrer para continuar a viver. Os apoios oficiais que temos são sempre insuficientes porque o nosso ensino é muito dispendioso», disse ao «DL» Esmeralda Fernandes.

Contestação a relatório Braga da Cruz

Sindep passa ao ataque em matérias sensíveis

O «maior embuste dos últimos tempos» foi como Carlos Chagas, secretário-geral do Sindicato Democrático dos Professores (Sindep), classificou o relatório sobre a «Situação do Professor em Portugal», da autoria do professor Braga da Cruz, e a que o «DL» fez referência na edição de quarta-feira passada.

«Falta de seriedade política» e «ligeireza de análise» relativamente à prática ideológica político-partidária dos professores são algumas das acusações que o Sindep faz, sustentando, nomeadamente, que o trabalho do reputado sociólogo «viola eticamente a sua posição de isenção quanto aos objectivos que se propôs e carece de eficácia e de rigor científico».

De acordo com o relatório sobre a «Situação do professor em Portugal», no capítulo que respeita à sindicalização dos docentes do ensino não superior por sindicatos e partidos, ao Sindep apenas cabe uma fatia de 4,6% de representatividade entre a classe.

Estes números, contudo, são desmentidos por esta estrutura sindical, filiada na UGT. «Está por demonstrar que a amostragem corresponde rigorosamente ou até aproximadamente, à opção de sindicalização do universo dos professores», sublinha, em comunicado, o Sindep.

«Não foi feito nenhum referendo global à classe que nos desse a possibilidade de analisar as zonas de maior influência e de cobertura sindical, pelo que as amostras foram escolhidas de modo arbitrário e sobretudo tendenciosamente» — acrescenta.

Depois de Manuela Teixeira, dirigente da Federação Nacional dos Sindicatos da Educação (FNE) ter publicamente desmentido os valores relativos à sindicalização dos professores constantes no «relatório Braga da Cruz» - à FNE são atribuídos 17,8% de representatividade sindical - é agora a vez de Carlos Chagas querer provar, através dos ficheiros do Sindep, que a amostragem realizada é «infundada».

No relatório, encomendado pelo ministro Roberto Carneiro em 1988, considera-se, segundo sublinha Carlos Chagas, que «38% de sócios de sindicatos comunistas são sociais-democratas e que a quase totalidade de militantes do CDS e do PS estão nesses sindicatos».

Para Chagas, «constatar superficialmente que esses professores são defensores da unicidade sindical» é dizer que esses docentes «são defensores da unicidade sindical, ou, se são considerados militantes político-partidários, são analfabetos políticos ou oportunistas, o que contraria certamente a sua formação como professores».

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA DE TOMAR

EDITAL

De harmonia com o disposto no Art.º 17.º do Decreto-Lei 427/89 de 7/12 e demais disposições legais em vigor, o Instituto Politécnico de Santarém torna público que no decorrer dos próximos trinta dias vai proceder à selecção para um lugar de Impressor Tipo — Offset do grupo de pessoal operário qualificado para o Curso de Tecnologia e Artes Gráficas da Escola Superior de Tecnologia de Tomar.

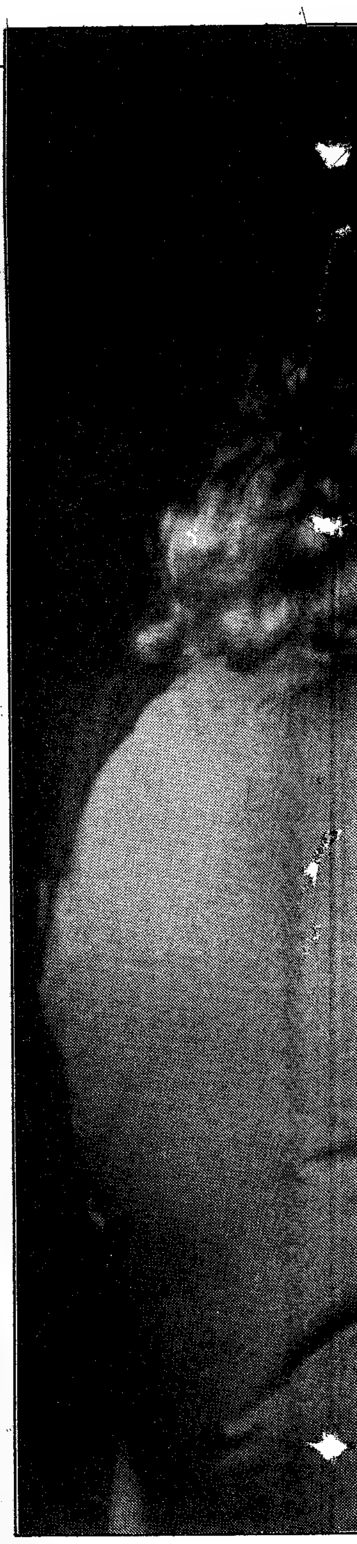
Será celebrado com o seleccionado um contrato administrativo de provimento.

Os candidatos devem ter como habilitações a escolaridade mínima obrigatória, e experiência profissional de pelo menos 10 anos.

A remuneração actual do cargo em aberto corresponde ao índice 125 da escala salarial do regime geral da Administração Pública a que se refere o Decreto-Lei 353-A/89 de 16/10.

A Comissão Instaladora da Escola Superior de Tecnologia de Tomar

A Europa — que futuro?



Escrevo com dificuldade porque a saúde me diz que não. Escrevo directamente à máquina, sem o intermédio da caneta que me ajuda a pensar e, às vezes, pensa por mim. Mas é urgente intervir numa problemática a generalizar-se com o furacão que devastou o Leste europeu. O comunismo era um referencial não só para a esquerda mundial, mas até mesmo, de certo modo, para o que não era essa esquerda e à qual servia de alvo preferencial — e que, afastado esse alvo, ficou de espingarda no ar sem saber para onde dar tiros. Acima de tudo, porém, o comunismo fora um espantoso sucedâneo de tudo quanto orientara a vida, nomeadamente a religião. De um modo geral, esquece-se que *só o comunismo* se arrogou a possibilidade de dar uma resposta praticamente a *todas* as solicitações humanas. Assim, ele propôs-se responder a uma solicitação económica — que era o fundamento de todas as outras — a uma solicitação social, ética, cultural — e aí, à do pensar, ou seja à filosófica, e à estética, entre nós concretizada no falado neo-realismo e, finalmente, à solicitação religiosa, com o seu Absoluto ou o seu Deus no Partido, a sua hierarquia eclesiástica, desde o secretário-geral aos fiéis militantes, e ainda, bem evidenciadamente, com o seu *secretismo*. Garantido com a Ciência desde quando a Ciência tinha o dom da infabilidade, o comunismo garantia em segurança uma vastíssima área de influência e poder. E isto era de tal forma evidente e funcional que, ao levantar-se um comunista para ter a palavra, à sua volta só havia réus para o ouvirem e calarem. Assim é que, incrivelmente, ainda há poucos dias, e depois que o Leste já rebentava por todo o lado, houve entre nós um intelectual comunista que a um outro intelectual, vindo do salazarismo (mas a quem os serviçais comunistas pouparam sempre quando intervinha na TV) falou na «mordaça» fascista, não restando ao outro senão levantar-se e sair em silencioso protesto. Fantástico, não é verdade? Porque o que o ex-salazarista teria a dizer era apenas que não era o comunista que tinha ali autoridade para falar em «mordaças», uma vez que seria esse o método prático que ele iria aplicar, se a má sorte o tivesse guindado ao Poder. Aliás, não foi preciso ascender ao galarim para praticar eficazmente a sua técnica censória. É necessário que alguém faça um dia a história dessoutra censura, paralela à fascista, e que era a censura comunista. É necessário saber-se como se manobrava a opinião pública a partir de todos os centros de decisão para um público parecer, desde as Redacções dos jornais em que funcionavam os «nossos», até às Redacções das revistas, às editoras, às apreciações sevandijas do que se passava na TV, ao passe-palavra das livrarias e cafés. É urgente historiar-se o que se passou após o 25 de Abril para se avaliar do que aconteceria se o comunismo se entronizasse.

A religião, saudade invencível

Mas, em face do descalabro geral, o mundo inteiro parece só agora despertar para uma interrogação sobre o futuro. Ficaremos diante de uma liberdade vazia? — pergunta-se entre nós um Listopad. Devemos enfrentar o futuro na nossa Europa *laica* com a sua reciclagem do passado, frente à América e à religião armada dos outros povos (que não são *laicos*)? — pergunta Eduardo Lourenço. Estaremos condenados a um futuro de pasmaceira e chatice (*boredom*) com o fim da arte, da guerra e da História, na subsequência do fim das ideologias? — pergunta Francis Fukuyama num ensaio (*O Fim da História?*) que está incendiando a curiosidade intelectual. O que mais espanta em tudo isto é que só agora se generalize o espanto com tudo isto.

O problema do fim da história já de há muito vem sendo posto e mais raciocinadamente desde Hegel e Marx. E o mesmo poderemos dizer, mas mais recentemente, do futuro da Europa. Ser-me-á permitido referir que eu próprio o tenho posto — com a normalidade do entender mais a firmeza do olhar aberto e da honestidade descomprometida? Há 25 anos publiquei um romance chamado *Alegria Breve*, possivelmente ainda recordado por alguns leitores. E, nesse livro, eu punha genericamente toda a problemática que agora se põe. A ideia do «último homem» de uma civilização repercutia em mim, naturalmente, o eco de um problema visionado por outros. Assim, eu pensei inscrever-lhe como epígrafe várias frases que recolhera desde... Isaías (53,2-3), Nietzsche (prólogo do *Zaratrustra*), Blanchot (*Le dernier homme*, p.14), além de Sófocles (*Antígona*, 332/3), que foi a única que ficou. Naturalmente um problema civilizacional punha-se (põe-se) para mim em termos europeus. Porque a Europa era (é!) ainda a capital do mundo. Compreendo assim a reflexão de E. Lourenço quando nos revoca ao passado europeu, que é o transmissor implacável da nossa cultura aos outros povos. E o seu próprio *laicismo* só na aparência é um possível vencido da maré religiosa alheia. Porque não é fácil conceber um intelectual islâmico ou mesmo budista, conhecedor da cultura europeia, que lhe não sofra o seu poder mortífero. A religião no nosso tempo é uma arma eficaz a curto prazo — o prazo em que se desvanecesse o seu verdadeiro motor de reivindicta e ressaca, que é o nacionalismo. Será facilmente imaginável um intelectual chinês que se reencontre no budismo — para lá do que aí é fundamentalmente uma «moral» — depois de repassado pelo marxismo *made in Europe*, ainda que para o repudiar? E quantos Rushdie estarão em «fila de espera» para avançarem? E como não entender que o catolicismo polaco foi sobretudo o eixo ordenador do anticomunismo generalizado? Que nessa ordem de ideias não foi naturalmente por acaso que a Igreja escolheu um Papa no Leste, depois de o ter sido em Itália por vários séculos? O laicismo só é uma peste da Europa porque é a peste do homem culturalmente evoluído e que se deu o caso de estar sediado nessa Europa. Decerto a religião é uma saudade invencível, e é assim soberanamente significativo — o que os jornais talvez não tenham sublinhado — que Gorbachev, no encontro com o Papa ou a propósito disso (já me não recordo bem), tivesse falado em «espírito» (espírito!) e admitisse a importância da religião como um grande adjuvante do homem (a religião!). Poderei confessar que a sua referência ao espírito me levou a pensar irresistivelmente no ar suave... da mulher dele, Raisa? A História faz-se onde não imaginamos. Mas isto para não mencionar, noutro domínio, a sua questionação (já!) de Marx e a oblíqua valorização da social-democracia...

O esgotamento das ideologias

Alegria Breve é o romance do fim de uma cultura/civilização. E do vazio de uma «liberdade abstracta» (como, aliás, do comunismo em geral) falei em muitos textos, como, p.ex., em *Conta-Corrente I*, pp. 271/4 (1 de Set.º de 75). Em tais textos, eu pude assim falar do que hoje todos julgamos significativo pelo que explosivamente se nos mete pelos olhos dentro. E é, pois, um pouco curto admitir-se que *só* uma certa literatura dá a «imagem» do nosso ser português — a que dá apenas o que é visível, segundo a óptica do séc. XIX. Mas a verdadeira imagem está depois da miopia...

O meu livro pensa o esgotamento das ideologias ou dos «valores», e tenta entender-se com o enfrentamento do subsequente vazio. Como consequência da morte das ideologias, tal como agora Fukuyama, admite-se aí o fim das guerras. Um romance não «demonstra» nada e apenas problematiza. E é do saldo final que o leitor poderá supor o que o autor subscreve. A uma pergunta de alguém, a personagem do Inglês considera: «Porquê ainda uma guerra? (...) *Well*: conflito de personalidades, de religiões, de ideologias políticas, de classes — tudo se esgotara, nada tinha já razão (...) havia uma ciência nova, a *Polemologia* (...) A guerra fora sempre uma evidência, um fenómeno natural (...) agora a guerra estudava-se (...) Mas discutir é destruir (...) Demonstrar é já duvidar. Deus começou a morrer quando lhe demonstraram a existência (...) A sua última forma era a guerra civil, ou seja, ideológica. Mas já não há ideologia que se aguente. (...) Haverá sempre crimes, decerto. Mas um crime organizado, mesmo em pequena escala, precisava já de uma 'ideologia'. Em grande escala, precisava já de uma 'ideologia' superior. Como defendê-la? Justificá-la?» (Cap.º XXVI). Mas já em *Apelo da Noite* se dizia que só uma «ideia» podia dar ao gatilho.

Que penso eu, autor do livro? Que além das armas radicais e de efeito *boomerang* , sempre possíveis a um descuido ou a uma tara, a ideologia funciona de facto como uma auto e heterojustificação, como penso que a consciência da guerra como problemática objectivável diminui-lhe ou anula-lhe o absoluto interiorizado da sua indiscutibilidade. E tudo isso, não por efeito de um raciocínio, mas por efeito de uma evidência de que as razões são o que se varre da sua pureza, dificulta a viabilidade de uma guerra universal. Freud diz que não. Mas para ele ter razão há as lutas circunstanciais dos arrabaldes da outra. Mas será possível que estas mesmas se desvaneçam? Kant dá, como na sua Moral, uma racionalização formal na sua *Paz Perpétua*, que funciona a nível de homens ideais, ou seja, quando já não é necessária. Mas a paz perpétua tem de começar antes, quando a sua evidência nos queima como a crença aos crentes.

A verdadeira razão

Mas um fim possível das guerras não é o fim da História, nem a pasmaceira de que fala Fukuyama, nem muito menos o fim da Arte, nem o insolúvel de uma liberdade vazia. À minha afirmação da morte das ideologias no texto *A Galinha de Barro*, que li na altura do prémio da APE, Mário Soares contrapôs-me que a ideologia da democracia não estava morta. E eu nada soube responder, porque isso era perfeitamente certo e perfeitamente errado. Porque a democracia é uma ideologia como valor global, mas não é uma ideologia e sim um *caldo* para todas elas, ou seja, onde todas elas podem vir a germinar. De todo o modo, é dentro dela que poderemos imaginar a organização do enfrentamento de uma admissível liberdade vazia. A liberdade existe em função do que a define ou limita, como a luz se determina em função do que por ela é iluminado. Que é que a liberdade «vazia» pode iluminar? A verdadeira razão, a mais profunda e inconfessável do absoluto investido no partido comunista, é que o mais difícil para o homem de suportar é ele próprio. Numa carroça, escrevi um dia, quem tem menos problemas é o cavalo. O primeiro existente em que a liberdade se ilumina é o cumprimento de uma vida humana na sua trágica e maravilhosa condição. Porque a vida como valor é o indiscutível de qualquer outro valor que se assuma como tal. Ou o que está antes desse por ser o seu último fundamento.

A Arte não pode morrer

Para realizar o quê? Mas sabê-lo é já não haver problema. A Arte. Hegel anunciava a sua morte como anunciava o fim da História. E é essa a ideia que nos toma ao considerarmos em múltiplas exposições de Artes plásticas o que nos parece mais próprio de uma lixeira municipal. Em *Alegria Breve*, ainda, perdoe-se-me, eu pus o problema, fazendo, todavia, que o artista a vir à aldeia, como outros representantes dos valores destinados à morte, aí não viesse, ou seja, admitindo que a morte lhe não estava prometida. Porque a Arte não pode morrer. Morrem, como sabemos, algumas das suas espécies, como as espécies vivas, mas outras as vêm render. A Arte não pode morrer porque o «sentimento estético» é um *a priori* humano. Pensar que a Arte pode morrer é admitir que pode conceber-se um ser humano com outra estrutura sensível ou mental. Hegel admitiu a morte da Arte porque a considerava uma etapa na revelação da Ideia: «Longe de ser a forma mais elevada do espírito, só recebe a sua verdadeira consagração na ciência» (= filosofia). Ou seja, ela é uma etapa na ascensão ao pensar, à reflexão. E, do mesmo modo, o seu grande referencial era a Religião. Nós, porém, sabemos hoje que a racionalidade, longe de ser uma superação do sensível, *é dele uma dependência*.. Jamais a razão pôde demonstrar a sua primazia pelo motivo óbvio de que não converte quantos forem dela dotados e honestos. E se a Arte não tem já um referencial no religioso, tem-no no que o antecede e lhe dá fundamento, ou seja, no sagrado. De todo o modo, é fortemente impressionante que se possa hoje afirmar ou pôr a hipótese da morte da Arte sem um estremecimento de pavor. Porque o grave não é que a Arte morra, já que não pode morrer: é que se admita a sua morte como a coisa mais natural do mundo.

A História não parou

Já o admitir-se o fim da História é mais humanamente compreensível. Porque toda a acção do Homem visa um fim e nada de mais admissível que ele sonhe atingi-lo. Nós somos consciente pro-jecto, um lançarmo-nos para a frente, e é *lógico* aspirar-se a que esse continuado pro-jectar-se cesse um dia de vez. E que é que sonha um qualquer político ou filósofo senão que a sua opção ou conclusão sejam *definitivas*? Acaso é compreensível que um político ou pensador interiorize a ideia de que amanhã é perfeitamente lógico nã

Justificação

Gralhas e omissões que desvirtuaram o texto de Vergílio Ferreira, publicado no âmbito do debate sobre a convulsão política e ideológica no Leste europeu, ao qual temos vindo a dar o devido relevo, tornam indispensável a sua republicação, o que hoje fazemos com pedido de desculpas ao autor e aos leitores

Alemães ocidentais destroem pelas suas mãos o Muro de Berlim

ter razão? Hegel teve a concepção espantosamente genial de ressalvar todas as hipóteses de negação do que se admita para o pensar, concebendo a Ideia ou Absoluto que se vai auto-revelando nas sucessivas suas faces até à coincidência final de si consigo, ou seja, ao fim das sucessivas negações. Mas, por ironia do destino, foi ele quem primeiro concebeu claramente e (de algum modo *logicamente*) que a História acabava consigo, ou seja, que a História cessava nele toda a evolução — como Marx, na sua peugada, admitiu o fim da História na vitória do proletariado.

Simplesmente, a História não parou. Terá findado agora com o presumível fim das guerras? Com o desfazer da Arte? Com o fim do último grande mito do comunismo que reabsorveu em si a vária gama das solicitações humanas? A pergunta é lógica e simultaneamente absurda ou mesmo ridícula. Porque o fundamento da resposta tem que ver — como no caso da Arte — com a estrutura do ser humano. Porque se o Homem é estruturalmente pro-jecto, distanciamento de si, impossível fechamento em si como o animal, então a sua realização tende a operar-se pela constante procura, busca de uma finalidade, realização de si em termos de futuro. Mas isso é o que constitui intrinsecamente a História, ou seja, um arrancar-se o Homem a si num projecto da sua realização. Admitir para o Homem o fim da sua História é conceber a sua recondução a uma condição animal. Porque esse é que, de facto, não tem história. E se extensivamente se admite que a tem, como, aliás, o próprio universo, tal história não é dele, mas a projecção nele da nossa, ou seja, um investimento humano naquilo que o não é.

Imenso lar para idosos

Resta que a Europa está ameaçada. Sim. Bem o sabemos. E não nos basta a ideia, o prémio de«consolação» de que ela será de todo o modo a Grécia do mundo, o núcleo da sua cultura, a pedagoga da sua promoção. A Europa está ameaçada fundamentalmente no que poderíamos chamar o seu estatuto humano ou, mais precisamente, demográfico. Por este andar - li há tempos em referência à Suécia - daqui a um século não há suecos. A Europa está velha e o seu futuro, sem futurologia, é o de um imenso lar para idosos. Que outros problemas surjam com um superpovoamento não nos propomos aqui considerá-los. Mas, para já, há o problema de que *nasça gente nova*.. A admissível «velhice» da sua cultura é apenas a meta do envelhecimento do mundo. *Graecia capta cepit ferum victorem*, a Grécia vencida venceu o feroz vencedor, disse Horácio, como é sabido. E era o que hoje diria, em referência à Europa, um Horácio moderno. Não é em termos de cultura que a Europa está ameaçada, é em termos de *gente*. Decerto o impulso à acção atenua-se ou extenua-se na falta do que o justifique. Mas que impulsos culturais movimentam a América - para lá dos que de nós ela importou? A defesa da Europa reside sobretudo em si mesma. A acção dos bárbaros contra Roma fez- se sobretudo pela infiltração. Os ideais de justiça e libertação foram uma dádiva que a Europa estendeu aos outros povos. Mas é possível que na sua bela generosidade se tenha esquecido um pouco de si. Como se nessa generosidade se incluisse a dádiva de si mesma... E é num equilíbrio entre a sua identidade e a identidade dos outros que pode encontrar-se um concerto do mundo. E isso implica a *nossa afirmação*, até onde o orgulho não seja um sonho de oprimir. Não é possível, na derrocada de todos os valores, imaginarmos os que no futuro nos hão-de orientar. Porque muitos desses valores se geram no próprio acontecer histórico. Do «amor», ao homem «discreto», ao «honrado comerciante da nossa praça» - que de valores postos em causa, ou tipificados, ou docemente ridículos... E se isso é assim para uma ordenação da vida, a nossa imaginação não basta para concebermos até que ponto essa ordenação pode gerar em si a semente de violência. Mas sabemos ou *queremos* saber que tal violência possível nas margens do fundamental deixará esse fundamental como a morada do que facilmente se concebe como o grande valor do homem, que é ele próprio. E é aí que outros valores nascerão, como a paz, a harmonia, a aceitação em plenitude da sua condição, a criatividade cultural e artística — tudo o que traduz o seu destino de ser privilegiado entre a profusão dos seres ou, se se quiser, de «rei de criação», que é o lugar donde o descrédito generalizado dos valores o pretendeu apear também, mas que é de direito e de facto o seu, pela prodigiosa e única possibilidade de *se* pensar.

Uma grande ilusão

Terminando, porém, por onde começámos, deveríamos agora perguntar-nos se o comunismo, dominando o mundo durante quase um século, numa abrangência que não incluiu apenas os oprimidos, mas, decerto, a elite da intelectualidade, não significou afinal nada, além de uma grande ilusão — o que foi afinal já muitíssimo. Eu penso que teremos de separar na proposta comunista o seu *não*, que opôs à injustiça económico-social, do seu *sim*, que foi a solução que quis impor. Mas que houve de novo nesse *não*, em confronto com o que outros — os «utópicos» — tinham trazido? E em que medida a violência do seu *sim* forçou mais eficazmente a injustiça a corrigir-se? Paralelamente a isso, em que medida a evolução da consciência do homem (a liberdade é a consciência da necessidade — dizia Hegel) não é decisiva, ou seja, a última instância em que se decide o «progresso»? O problema do balanço é extremamente difícil, até porque a resposta estaria no recomeço do século *sem* a experiência comunista. E deixo de lado a criminosa utilização dos seus meios, porque sempre os fins são logo outros quando os meios os contradizem.

Assim me parece incrível que se elogie agora Cunhal, apenas porque não teve a oportunidade de ser o Estaline que tem lá dentro, ou seja, um Salazar bastante melhorado. E se este elogio parte mesmo de anticomunistas declarados, é de supor que isso se deva a uma impensada gratidão por se não ter cumprido o *medo* que dele tiveram... Não é possível, pois, dar um balanço rigoroso ao que o comunismo significou — pelo que pretendeu e pelo que veio a realizar. Mas provisoriamente admito que não significou *nada*.. De Napoleão diz-se que restou o Código. Parece, no entanto, evidente que foi ele quem privilegiadamente disseminou («de contrabando», disse Garrett) as ideias que frutificaram nas revoluções liberais, ou seja, num valor indubitalvemente *positivo*.

De todo o modo, se o comunismo significou alguma coisa de positivo também, isso mesmo submerge-se na vaga imensa dos crimes que cometeu, nas distorções brutais que trouxe à cultura, na mentira incomensurável que aniquilou milhões e milhões de vidas consumidas no seu vazio. Ele foi assim «o maior logro do século», como pude dizer há quatro anos. Ou um «colossal embuste», como disse Mário Soares.

Vergílio Ferreira

(Intertítulo da responsabilidade daRedacção)

A.M.A. ®

Auto Monumental de Arco S.A.

VW Audi

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

Fim do Acordo Multifibras preocupa Comunidade

A Comunidade precisa de *«um adequado período de transição aceitável»*, depois da cessação do Acordo Multifibras (AMF), que regula as trocas internacionais de têxteis, considera a Comissão dos Assuntos Económicos do Parlamento Europeu.

Esta é uma das conclusões do relatório sobre o AMF, da autoria do euro-deputado comunista Carlos Carvalhas, aprovado no passado dia 21.

O AMF é um regime provisório que, desde 1974, derroga as regras do Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT), o qual está em revisão no "Uruguay Round".

Este acordo assenta no regime de restrições quantitativas às importações, no âmbito de quotas determinadas no quadro de acordos bilaterais, e inclui cláusulas de salvaguarda relativamente a mercados onde se evidenciam riscos potenciais graves de desorganização. O autor do relatório afirma que *«desejável, o abandono do AMF traduzir-se-á num recrudescimento da concorrência - um afluxo de exportações estimado entre 80 e 200 por cento, em especial no sector do vestuário - e numa baixa de preços»*. Carvalhas sublinha que *«a abertura de mercados terá profundas repercussões para a indústria têxtil comunitária, no que se refere à reestruturação e perdas adicionais de postos de trabalho, especialmente nas regiões periféricas, onde essa indústria tem grande peso»*.

É assim que o relatório propõe a *«concepção urgente de um programa de ajuda à modernização e uma política de formação profissional em algumas regiões mais vulneráveis da Comunidade - Portugal, Espanha e Grécia - onde a indústria têxtil recorre à mão-de-obra intensiva e à subcontratação»*.

O relatório considera *«essencial que todos os países interessados estabeleçam um acordo para o reforço das regras do GATT»*, onde destaca a revisão do código "anti-dumping" e a luta mais eficaz contra a imitação fraudulenta, o recurso abusivo a cláusulas de salvaguarda e as diferenciações artificiais de preços nas matérias-primas.

Vítor Martins considerou o relatório *«consonante com a posição do Governo português»*.

Lusa

Têxteis: Governo insiste na «frente externa»

Os ministros da Indústria e do Comércio prosseguem nas críticas à iniciativa dos euro-deputados socialistas

Acção *«desgarrada»*, *«inoportuna»*, ao *«arrepio da nossa estratégia»* e *«enfraquecedora da posição negocial do país»* foi como Ferreira do Amaral classificou a proposta de João Cravinho de criação de um programa destinado às regiões portuguesas de forte predominância têxtil.

O ministro do Comércio falava no final de uma reunião com empresários e sindicalistas do sector que contou também com a participação de Mira Amaral, ministro da Indústria.

O Governo reputa de "cruciais" as negociações com a CEE e o GATT

Para Ferreira do Amaral as actuais negociações em curso no âmbito do GATT são prioritárias. A reestruturação e modernização do sector bem como a eventual diminuição do seu peso regional virão depois.

É esta prioridade que o leva a criticar a proposta de Cravinho, por ir ao encontro a outras oriundas de muitos Estados comunitários que estavam dispostos a pagar o desaparecimento do têxtil português. Mas, como disse, *«nenhum país do mundo vende um terço da sua indústria»*.

Desmantelamento

A ameaça de desmantelamento do sector subjacente, como aponta, à proposta de Cravinho, radica no perigo da Comunidade "agarrar" nesta proposta e abandonar a defesa dos interesses têxteis nacionais no quadro das negociações do GATT.

Então, o país abriria as importações e ficaria sujeito à concorrência "desleal" de outros produtores têxteis, onde os sindicatos são marginalizados, as reformas não existem e o Estado subsidia a produção. O resultado, disse, seria o de *«as boas e as más empresas têxteis serem varridas por este comércio selvagem e sem regras»*.

Ora, *acrescentou, não queremos o sector desmantelado, queremos que a CEE aceite a nossa indústria e garanta fundos para a sua reestruturação»*. Até porque, frisou, *«não há fundos que paguem o desmantelamento de um terço da nossa indústria. Pedi-los, antes de assegurar que a Comunidade olhe para o sector têxtil nacional como sector de futuro, é que não»*.

Depois de afirmar que *«é necessária uma estratégia (nacional)convergente»*, considerou que a polémica teria sido evitada *«se tivessemos falado antes»*.

Duas questões

Mira Amaral, por seu turno, classificou de *«cruciais»* as negociações em curso e a *«salvaguarda das nossas posições na frente externa»*.

Após recordar que *«há dois anos, a Comunidade entendia que a indústria têxtil não tinha futuro e que era melhor esquecê-la»*, o ministro da Indústria afirmou que *«foi graças a nós que mudou de posição»* e considerou que *«ou defendemos os nossos interesse na frente externa - política comercial comunitária e GATT - ou a frente interna fica em risco»*.

Instado a comentar a modernização do sector, disse que *«nunca houve tantos apoios à indústria têxtil como agora»*.

Apesar de 24,7 por cento dos incentivos financeiros do PEDIP terem tido por destino esta indústria, Mira Amaral considerou este programa *«insuficiente para resolver os problemas e para modernizar»*, pelo que falou da necessidade de *«um pós-PEDIP para depois de 1992»*.

Contudo, há duas outras questões a considerar, como alertou. Por um lado, *«não se pode reestruturar uma indústria em três ou quatro anos»*; por outro, a resolução dos problemas desta indústria *«no quadro da economia de mercado»*, implica *«colaboração entre o Governo, os sindicatos e os empresários»*.

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49$20	55$20
ALEMANHA FED. (marco)	86$90	88$10
ÁUSTRIA (xelim)	12$35	12$55
BÉLGICA (franco)	3$982	4$232
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	121$45	123$95
(notas de 5 a 1000)	121$95	124$45
DINAMARCA (coroa)	22$60	23$00
ESPANHA (peseta)	1$314	1$434
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145$95	149$45
(notas de 5 a 1000)	146$45	149$95
FINLÂNDIA (marka)	36$95	37$55
FRANÇA (franco)	25$65	26$35
HOLANDA (florim)	77$20	78$30
IRLANDA (libra)	232$00	236$00
ITÁLIA (lira)	$107	$122
JAPÃO (iene)	$950	1$005
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	250$05	254$55
SUÉCIA (coroa)	23$95	24$45
SUÍÇA (franco)	98$85	100$35
VENEZUELA (bolívar)	3$161	3$961

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Balança comercial melhorou em 1989

A taxa de cobertura das importações pelas exportações, que se degradou entre 1986 e 1988, teve uma significativa inversão no ano passado, quando as primeiras cresceram 20 por cento e as segundas 29 por cento. Contudo, o défice da balança comercial de 1989 vai ser sensivelmente idêntico ao de 88, ou seja na ordem dos 900 milhões de dólares.

Segundo revela a Direcção-Geral do Comércio Externo, os dados disponíveis, relativos apenas aos primeiros nove meses de 1989, apontam para uma taxa de cobertura a crescer em praticamente todos os sectores económicos.

A mesma fonte acrescenta que a taxa de crescimento das exportações, em volume, estimada em 21 por cento, supera a média dos países da OCDE (7,5 por cento) e da CEE (7,9 por cento), indiciando ganhos de partes de mercado em volume, ao contrário do que aconteceu em 1988.

Aquele organismo estatal afirma que 1989 foi *«um ano de viragem»*, embora mantendo-se uma deterioração dos termos de troca, em grande parte determinada pelos elevados crescimentos dos preços de importação de produtos energéticos e pela tendência de compressão das margens comerciais em alguns produtos tradicionais de exportação.

De salientar ainda que o padrão das importações, entre 86 e 89, caracteriza-se por uma significativa alteração na sua estrutura, com um peso crescente das importações de máquinas e de material de transporte, o que denota um grande crescimento do investimento.

Cerâmica e vidro

O sector da cerâmica e do vidro representa já quatro por cento das exportações portuguesas, o que, segundo o director-geral do Comércio Externo, Gomes de Almeida, traduz *«um reflexo positivo da actividade das pequenas e médias empresas»*.

Esta afirmação foi feita na inauguração da Ceramex - Salão Internacional de Artes Decorativas, organizado pela Feira Internacional de Lisboa. Na altura foi revelado que a indústria cerâmica nacional emprega cerca de 18 mil trabalhadores, distribuídos por 270 estabelecimentos.

Conservas de sardinha

A Secretaria de Estado das Pescas afirma que 1989 *«representou uma etapa importante para o crescimento das exportações de conserva de sardinha»*, tendo sido vendidas para a CEE 16,3 toneladas, o que representa mais de 70 por cento que em 1988.

No ano passado, o montante global das exportações deste produto ascendeu a 6,4 milhões de contos, ou seja mais do dobro do que em 1988.

Mas não só as sardinhas tiveram um comportamento positivo, pois que a balança comercial dos produtos de pesca em 1989 teve um aumento de 44 por cento relativamente a 1988, enquanto que as importações diminuiram sete por cento, o que se traduz numa melhoria da taxa de cobertura na ordem dos 36 por cento.

Arlindo Cunha recebe exportadores de Porto

A Associação dos Exportadores do Vinho do Porto (AEVP), representada pelo seu presidente, Manuel Pintão, e por Soares Franco, foi recebida, na passada sexta-feira, pelo ministro da Agricultura.

Visita protocolar, não deixou de ser aproveitada, pelos comerciantes nortenhos, para exporem os problemas do sector, com a vantagem de dialogarem com um ministro proveniente da região e tido como conhecedor das questões locais.

Arlindo Cunha, como titular da pasta da Agricultura, afirmou, segundo a nossa fonte, estar atento à situação, mas remeteu o assunto para o secretário de Estado da Alimentação, responsável, a nível de Governo, por tudo o que se refere ao vinho do Porto.

Os represenantes da AEVP referiram, de novo, o problema da falta de apoio, por parte do ICEP, bem como consideraram dever reverter, a seu favor, benefícios que o Estado retira com a importação de aguardentes vínicas.

DESPORTO

Labaredas em Portimão e espanto nas águias

No Campeonato Nacional da I Divisão, o FC Porto ficou mais isolado no comando depois do empate do Benfica com o Nacional da Madeira na Luz

Telefoto Lusa/«DL»/João Trindade

Portimão: o portista Branco tenta ultrapassar o algarvio Skoda, no jogo que terminaria com muitos (e tristes) incidentes

Foto Lusa/«DL»/Alberto Fries

Luz: uma vez mais Mats Magnusson é batido por Paulito, o «polícia» madeirense que não o deixou

Estava adivinhado: um dia destes, teriam de acontecer atentados graves ao físico de intervenientes ou circundantes directos no jogo que é rei das plateias. Aconteceu agora, em Portimão, com as agressões ao presidente portista Jorge Nuno Pinto da Costa (ferida na testa, suturada com três pontos e golpes no peito) e ao também dirigente dos «dragões» Reinaldo Teles, o homem-forte do Departamento de Futebol, que sofreu fractura de uma costela, no rescaldo do duelo entre os *azuis-branco* e os algarvios em que o árbitro conimbricense José Guimaro deu muito má demonstração de mérito para estar apitando na 1.ª divisão nacional.

Depois de um duelo em que os algarvios poucas vezes se aventuraram ao ataque mas em que o comandante do espectáculo os prejudicou, de modo visível para milhões que estavam directamente vendo pela TV um festival de *livres*, lançamentos e quesílias, os ânimos da plateia foram ficando exacerbados e, quando José Guimaro não assinalou uma grande penalidade que alguns entenderam ter sido cometida por Vítor Baía sobre José Pedro, foi o bom e o bonito. O juiz teve de escapulir-se pelos fundos, enquanto o presidente portimonense Manuel João o catalogava de tudo *(«gatuno, vigarista e palhaço»)* e reclamava, urgentemente, *«um tribunal para julgar este tipo e metê-lo na cadeia»*. Por seu lado, José Guimaro proclamava, que tinha *«a consciência tranquila»* e, fora do estádio, eram atiradas pedras contra a comitiva portista e ao autocarro da equipa de Artur Jorge. Vidros partidos, tareia de criar bicho, Pinto da Costa e Reinaldo Teles recebendo tratamento no hospital, Manuel João afirmando que o pandemónio ganhara maior incremento *«porque guarda-costas dos portistas bateram em miúdos»*.

Enfim: uma vergonha que obriga hoje a direcção dos «dragões» a reunir-se para analisar o caso e, certamente, uma situação que vai obrigar o Conselho de Disciplina a interferir, com as consequências que são fáceis de admitir pra um Portimonense que, para cúmulo (e por força do solitário golo de Rui Águas, na única falha do «polícia» Major) ficou marcando passo na escala do campeonato enquanto as visitas, mercê do insólito nulo verificado na Luz, ganhavam maior dianteira.

É isso: a águia não conseguiu, na recepção ao último cotado na escala, mais que um empate, em espectáculo a que assistimos e onde o farense José Vitorino Filipe fez uma arbitragem quase modelar. Atingiu-se o intervalo com o golo de Ricardo dando vantagem a um Benfica onde Valdo, Veloso e Paneira eram unidades vitais. Ademir, que jogava a passo, perfeitamente divorciado da função activa, seria substituído por Lima, ganhando os rubros mais velocidade. E, quando se esperava que o desfecho estivesse definido, eis que Fernando Mendes cometeu um erro tremendo, ensarilhando-se com uma bola que poderia ter despachado para qualquer dos pontos cardiais. Veio à desfilada, lá da sua caixinha, um Silvino tocado por estranha labareda: ficaram os dois da casa a olhar para o jovem Edmilson que, entrando havia 11 minutos, torneou aquele disparatado choque de *encarnados* e atirou para a caixinha, dando ao Nacional o recorde de empates no torneio, perante um Benfica que teve Vata e Magnusson completamente anulados por Toninho e Paulito, somente fez um remate no período inicial e que voluntariamente continua abdicando de Diamantino e Abel, parecendo que está a um ponto de rebentar pelas costuras no difícil mês de Março em que terá de jogar (sábado à noite em Penafiel) depois de receber e visitar os soviéticos do Dniepr, terçar armas com o Porto e com o Sporting. Alguns dos artistas do «team» acusando o reflexo de situações a que são estranhos e, no fulcro, Eriksson debatendo-se com a falta de aplicação de alguns pupilos que dão a ideia de estarem demasiado satisfeitos com a sua vidinha.

Porém, não se retire daqui o mérito devido a Jair Picerni e seus comandados: Leiz (até se lesionar), Robertinho, Gilmar, Dinis, Sylvanus, Ladeira, Paulito e Toninho bem mereceram o pontinho que levaram no bornal para a Madeira, onde o lisboeta Fernando Correia dirigiu bem o Marítimo-Beira-Mar, saldado pelo êxito funchalense, com o golo de João Paulo. Esquerdinha ainda falhou uma grande penalidade e Oliveira continua fora do «team» de Ferreira da Costa mas, foi claro o sucesso em diálogo com aveirenses que há uma dezena de jogos (15 horas!) não conseguem um só tento, ficando a dever a Quim não retirarem da «pérola» ainda mais vergados pela boa actuação de José Luís, Teixeirinha, Everton e João Paulo.

Festival para todos os paladares aconteceu em Santa Maria da Feira mas, para além dos sete golinhos que animaram as duas hostes, uma má arbitragem do portista Alexandre Morgado, que ficou no centro de um furacão porque (lamentam-se os feirenses) o empate foi-lhes sonegado, já que João Luís aproveitou uma bola que Jorge Martins soltou e atirou para o viveiro. Só que o árbitro afirma que já tinha dado o jogo por concluído: à falta de «caixa preta» que registe os silvos arbitrais, em coordenaçãao com o que vai ocorrendo dentro do campo, a dúvida persistirá. Onde todos estarão de acordo é na bela presença de Mladenov (três golos no activo) mais na exibição de Serra, Jaime Pacheco, Makukula e Jorge Martins, perante o «onze» lusitano em que pontificaram Ribeiro, Pedro Martins, Rendeiro, Miguel e Morgado. Prata (exclusiva) da nossa casa.

Estrela da Amadora e Sporting de Braga pagaram a factura da sua dilatada esgrima *taceira*. No Besa, sofrido um tento ainda mal o conclave se sentava, os «estrelinhas» viram uma primorosa exibição de Isaías dar o triunfo aos *axadrezados*, com o pouco ágil José Silvano (de Vila Real) a estar longe da maioria dos lances que, especialmente por interferência de Alfredo, obrigaram a zero a colheita de João Alves, em casa que bem conhece. No parque minhoto, os arsenalistas fizeram também um golo-flecha mas, pouco a pouco, foram entrando nas covas: disso se aproveitaram Silvinho, Chiquinho, Sérgio, N'Dinga, Germano, Roldão e companhia para reduzirem os esforços de Quim Machado, Marcão e alguns mais do bloco de Vítor Manuel, a simples poeira que não obstruiu o horizonte de Paulo Autuori. Monumental «frango» de Luís Manuel apressou um desfecho que reactivou o Vitória de Guimarães como lídimo candidato ao título. Muito bem esteve o juiz lisboeta Sepa Santos: certa contestação local, fruto da frustração no seu «derby», não o perturbou.

Em Chaves, como em Santo Tirso, triunfaram os donos dos castelos. Em território flaviense, o União chegou a adiantar-se no «placard»: porém, os búlgaros Slavkov e Rudi deram a volta ao texto. Num «show» bem dirigido pelo «internacional» Pinto Correia, o guarda-redes unionista Valente foi novamente a estrela da festa. Ao mesmo tempo, o Belenenses continuava sem vencer em terreno alheio: desta vez, Mihailov, que tem rubricado trabalhos de mérito, foi tocado pelo «galo», consentindo um golo quase incrível. Em seguida, como Quim e Vlamecir eram dupla réplica ao solitário Oliveira (o melhor resteliano) ficou explicado o travão a Moisés Andrade, com dois equipamentos azuis lado-a-lado (Belenenses e Chaves).

Em Alvalade, o trivial: Sporting suando as estopinhas para conseguir dois pontos, Raul Águas mantendo a invencibilidade, Ivkovic e Luisinho revalidando esporas de ouro. Os penafidelenses firmaram um golo em duvidosa posição e defenderam esse degrau com unhas e dentes: todavia, com a expulsão de Artur e o erro de permitirem liberdade total a Silas, acabaram por retirar batidos, embora de cabeça erguida. Paulinho Cascavel e Fernando Gomes estiveram em acção conjunta durante 31 minutos: nada conseguiram de meritório para o seu pessoal prestígio. António Rola (Santarém) enervou-se, meteu os pés pelas mãos e acabou assobiado por toda a gente. Realmente (e como se notou nesta rodada do campeonato) algumas apostas arbitrais de Lourenço Pinto entraram pelo cano.

Vem aí uma jornada de prometer faíscas: Antas, Penafiel, Restelo, Aveiro, Portimão, Funchal... Até lá, uma só garantia: 25 degraus separam o Porto da cave do prédio. E, enquanto o Benfica volta a tremer, os parceiros mais próximos não param [illegible] em para meter água.

Neves de Sousa

Foto António Capela

Alvalade: Oceano empurra a bola para a baliza do Penafiel. Era o 1-1. À direita: o defesa nortenho que põe em jogo todos os «leões»

Amanhã há taça

A Taça de Portugal, em futebol, tem amanhã os seus oitavos de final. Jogos no cartaz: Futebol Clube do Porto - Tirsense, Chaves - Belenenses, Marco - Estrela da Amadora, União da Madeira - Farense, Vitória de Setúbal - Boavista, Valadares - Maia, Valonguense - Olivais e Moscavide e Vila Real - Vitória de Guimarães. Encontros com início às 15 horas.

DESPORTO

Campeonatos nacionais de futebol

I Divisão: assobios na Luz

Nomes e números

Portimonense, 0-FC Porto, 1

Árbitro: José Guimaro (Coimbra).
PORTIMONENSE: Figueiredo; Chico Zé, Justiniano, Floris e Bezinski; Major (Palecas, aos 81 minutos), Jose´Pedro, Guetov e Luciano; Skoda e Voynov.
FC PORTO: Vítor Baía; João Pinto, Demol, Geraldão e Branco; Paulo Pereira (Madjer, 45), Jaime Magalhães, Bandeirinha e André; Semedo e Águas.
Acção disciplinar: amarelo para: Chico Zé, Skoda, Floris e Semedo.
Golo marcado por Rui Águas, aos 69m.

Tirsense, 1-Belenenses, 0

Árbitro: Donato Ramos (Viseu).
TIRSENSE: Lúcio; Bio, Vlamecir, Louro e Sérgio; José Maria, Eusébio, Quim e Kipulu (César, 67m); Tueba (Borges, 86m) e Vitinha.
BELENENSES: Mihailov; Galo, Oliveira, Edmundo e Grosso; Juanico, Jaime (Paulo Monteiro, 77m), Macaé e Sdakov (Adão, 45m); Gonçalves e Saavedra.
Acção disciplinar: amarelo para Quim e Macaé.
Autor do golo: Sérgio, aos 10 minutos.

Sporting, 2-Penafiel, 1

Árbitro: António Rola (Santarém).
SPORTING: Ivkovic; Oceano, Venâncio, Luisinho e Leal; Ali Hassan, Amaral (Gomes aos 62m), Silas e Marlon; Paulinho Cascavel e Cadete (Marinho, 78m).
PENAFIEL: Cerqueira; Carlos Alberto, Martins, Vasco e Artur; China, Secretário, Rui Manuel (Germano, 71m) e Amâncio; Coelho (Djão, 68m) e Rebelo.
Acção disciplinar: amarelo visto por Artur, Coelho e Leal e por bisar na indisciplina, Artur foi expulso aos 70 minutos.
Golos de: Rebelo (7m), Oceano (27m) e Luisinho (65m).

Boavista, 2-Estrela , 0

Árbitro: José Silvano (Vila Real).
BOAVISTA: Alfredo; Marco António, Garrido, Valério e Barreto; Jorge Silva, Jaime (Holmberg, 83m), Casaca e Phil Walker; Jorge Andrade (Forbs, 70m) e Isaías.
ESTRELA DA AMADORA: Melo; Rui Neves, Duílio, Barny e Caetano; Rebelo (Ricky, 57m), Bobó e Elias; Paulo Jorge, José Augusto (Baroti, 45m) e Pedro Xavier.
Acção disciplinar: cartão amarelos para Casaca, Rui Neves e Bobó.
Golos de: Isaías (14 e 76m este de g.p.).

Benfica, 1-Penafiel, 1

Árbitro: José Filipe (Faro).
BENFICA: Silvino; Veloso, Ricardo, Samuel e F. Mendes; Ademir (Lima, 45m), Vítor Paneira, Pacheco (César Brito, 75m) e Valdo; Vata e Magnusson.
NACIONAL: Gilmar; Heitor, Paulito, Leiz (Rui Duarte, 45m) e Ladeira; Toninho, Robertinho, Sylvanus (Edmilsson, 74) e Dinis; Paulo Sérgio e Dino.
Acção disciplinar: cartão amarelo a Heitor e Dinis.
Golos de: Ricardo (41m) e Admilsson (86m).

RESULTADOS

CHAVES	2-1	U. DA MADEIRA
BOAVISTA	2-0	E. DA AMADORA
TIRSENSE	1-0	BELENENSES
FEIRENSE	3-4	V. SETÚBAL
BRAGA	1-3	V. GUIMARÃES
MARÍTIMO	1-0	BEIRA MAR
BENFICA	1-1	NACIONAL
SPORTING	2-1	PENAFIEL
PORTIMONENSE	0-1	PORTO

Próxima jornada (22.ª): FC Porto-Sporting (0-1, na 1.ª volta); Penafiel-Benfica (0-7); V. Guimarães-Feirense (0-0); V. Setúbal-Tirsense (1-2); Belenenses-Boavista (2-4); Est. Amadora-União (2-1); Portimonense-Desp. Chaves (2-4); Baira Mar-Sp. Braga (0-2) e Nacional-Marítmo (2-2).

RENAULT
FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.° **F.C. PORTO**	21	17	3	1	46- 6	37
2.° Benfica	21	14	6	1	53- 9	34
3.° V. Guimarães	21	13	6	2	31-14	32
4.° Sporting	21	12	7	2	25-11	31
5.° V. Setúbal	21	10	5	6	28-20	25
6.° Belenenses	21	9	4	8	19-22	22
7.° Chaves	21	7	8	6	24-29	22
8.° Boavista	21	7	7	7	31-20	21
9.° Braga	21	6	8	7	19-22	20
10.° E. Amadora	21	7	6	8	25-19	20
11.° Tirsense	21	5	10	6	12-17	20
12.° Marítimo	21	3	10	8	14-25	16
13.° Penafiel	21	5	5	11	16-33	15
14.° Beira Mar	21	4	6	11	8-25	14
15.° União	21	3	7	11	15-31	13
16.° Portimonense	21	4	4	13	15-37	12
17.° Nacional	21	0	12	9	14-35	12
18.° Feirense	21	3	6	12	14-34	12

Marítimo, 1-Beira Mar, 0

Árbitro: Fernando Correia (Lisboa).
MARÍTIMO: Everton; Rui Vieira, Teixeirinha, Carlos Jorge e Andrade (Nunes, 33m); Artur Semedo, Esquerdinha, José Luís e João Paulo; Vando e Maki (Paulo Ricardo, 66m).
BEIRA MAR: Quim; Redondo, Petrov, Dinis e Ivan; Bozinosky, Augusto (Saura, 59), Abdel Ghani (Jarbas, 69m); Alain, Sousa e Freire.
Acção disciplinar: nada a assinalar.
Golo de: João Paulo (61m).

Feirense, 3-V. Setúbal, 4

Árbitro: Alexandre Morgado (Porto).
FEIRENSE: Ricardo; Linínio (Quitó, 45m), Morgado (Ribeiro, 54m), Miguel e Marcelino; Pedro Martins, Rendeiro, Artur e Resende; João Luís e Pinto.
SETÚBAL: Jorge Martins; Figueiredo, Quim, Jorge Ferreira e Dito; Lufemba (Flávio, 62), Quinito, Jaime Pacheco e Serra; Mladenov e Makukula (Carlos Freitas, 75m). **Acção disciplinar:** cartão amarelos para Resende, Pinto e Pedro Martins.
Golo de: Makukula (29m), Mladenov (53, 70 e 83), Ribeiro (73m e 89m) e Pedro Martins (73m).

Braga, 1-Guimarães, 3

Árbitro: Sepa Santos (Lisboa)
BRAGA: Luís Manuel; Quim II, Laureta, Vítor Duarte e Quim I; Moroni, João Mário, Rui Manuel e Kappa (Marcão, 35); Santos e Vinícius (Eskilson, 62).
GUIMARÃES: Sérgio; Nando, Germano, William e Bené; Roldão, João Baptista (Carvalho, 45m), N'Dinga e Silvinho; Soeiro e Chiquinho (Basílio, 75).
Acção disciplinar: cartão amarelo para Rui Manuel (59m).
Golo de: Santos (2m), Chiquinho (8m), e Silvinho (27m e 61m).

Chaves, 2-União, 1

Árbitro: Pinto Correia (Lisboa).
CHAVES: Jesus; Vicente (Vule, aos 54m), Filgueira, Jorginho e Rogério; Manuel Correia, Miranda (Jorge Silvério, aos 54m), Diamantino e Rudi; Slavkov e Tanev.
UNIÃO: Valente; Duarte, Ramos, Mota e Casimiro; Monteiro, Jairo, Markovich, Jorge Costa e Júlio Sérgio (Hadjry, aos 63m) e Rogério (Renato, aos 43m).
Acção disciplinar: amarelo para Tanev, Rogério e Jairo.
Golo de: Monteiro (6m, de g.p.), Slavkov (58m) e Jorginho (82m).

Mladenov: três remates certeiros

A ronda rendeu 24 golos e o destaque vai para o búlgaro Mladenov, que rubricou três remates certeiros no encontro entre os sadinos e o clube de Santa Maria da Feira. O sueco Magnusson continua bem firme no topo da escala dos mais eficientes artilheiros do nosso futebol, com 23 golos seguindo-se Mladenov e Rui Águas com 13. Os demais: Guetov (Portimonense) e Ricky (Amadora) 10, Monteiro (União da Madeira e Chiquinho (Guimarães) 9, Jorge Andrade (Boavista), Tanev (Chaves), Demol (Porto e Isaías (Boavista somam 8 e o benfiquista Vata e o portista Madjer já apontaram sete chutos eficientes.

II Divisão: Famalicão em tempo de desgaste

Zona Norte

Fafe - Joane, 1-2; Vizela - Freamunde, 0-0; Vianense - Rio Ave, 0-0; Bragança - Maia, 1-3; Felgueiras - Infesta, 2-2; Paços de Ferreira - Desportivo das Aves, 0-0; Varzim - Marco, 2-1; Leixões - Trofense, 4-0; e Famalicão - Gil Vicente, 0-1.

	J	V	E	D	G	P
1.° **FAMALICÃO**	19	10	7	2	32-14	27
2.° Gil Vicente	18	12	2	4	31-19	26
3.° Freamunde	19	9	7	3	26-16	25
4.° Maia	18	8	7	3	25-16	23
5.° Leixões	19	9	4	6	29-23	22
6.° Desportivo das Aves	19	9	4	6	26-17	22
7.° Rio Ave	19	7	7	5	25-23	21
8.° Varzim	19	8	5	6	29-20	21
9.° Paços de Ferreira	19	9	3	7	31-23	21
10.° Infesta	19	6	7	6	26-25	19
11.° Bragança	19	7	4	8	23-28	18
12.° Joane	19	6	4	9	16-25	16
13.° Fafe	19	5	6	8	18-16	16
14.° Vianense	19	5	4	10	19-31	14
14.° Felgueiras	19	5	4	10	14-27	14
16.° Trofense	19	4	6	9	17-29	14
17.° Vizela	19	4	4	11	13-27	12
18.° Marco	19	2	5	12	13-34	9

Próxima jornada: Rio Ave - Maia; Freamunde - Vianense; Joane - Vizela; Infesta - Fafe; Gil Vicente - Felgueiras; Desportivo das Aves - Famalicão; Marco - Paços de Ferreira; Trofense - Varzim; e Leixões - Bragança.

Zona Centro

Espinho - Mirense, 0-1; Águeda - Salgueiros, 1-1; Covilhã - Caldas, 2-0; Mangualde - Académica, 1-2; Marialvas - Guarda, 0-0; Lousansene - Académico de Viseu, 0-1; União de Leiria - União de Lamas, 3-0; Peniche - Oliveira do Bairro, 1-1; e Oliveirense - Benfica de Castelo Branco, 2-0.

	J	V	E	D	G	P
1.° **ESPINHO**	19	15	1	3	39-11	31
2.° Salgueiros	19	12	4	3	45-15	28
3.° União de Leiria	19	10	6	3	35-11	26
4.° Académica	19	11	4	4	39-21	26
5.° Académico de Viseu	19	9	6	4	26-19	24
6.° Mirense	19	8	5	6	25-21	21
7.° Águeda	19	7	6	6	23-18	20
8.° Caldas	19	9	1	9	18-28	19
9.° Mangualde	19	9	0	10	28-30	18
10.° União de Lamas	19	9	0	10	26-28	18
11.° Sporting da Covilhã	19	8	1	10	22-27	17
12.° B. Castelo Branco	19	6	5	8	20-22	17
13.° Guarda	18	7	2	9	17-28	16
14.° «Os Marialvas»	19	5	6	8	11-22	16
15.° Oliveirense	19	6	3	10	20-24	15
16.° Oliveira do Bairro	19	2	8	9	15-36	12
17.° Lousanense	18	3	3	12	15-36	9
18.° Peniche	19	2	3	14	9-36	7

Próxima jornada: Caldas - Salgueiros; Mirense - Covilhã; Académica - Espinho; Guarda - Mangualde; Académico de Viseu - Marialvas; União de Lamas - Lousanense; Oliveira do Bairro - União de Leiria; Benfica de Castelo Branco - Peniche; e Olivenrense - Águeda.

Zona Sul

Elvas - Olhanense, 1-0; Louletano - Silves, 1-0; Lusitano de Évora - Estoril, 1-1; Samora Correia - Olivais e Moscavide, 1-2; Barreirense - Sintrense, 7-0; Atlético - Portalegrense, 0-0; Alverca - Torreense, 0-1; Farense - Lusitano de Vila Real, 1-0; e Seixal - Juventude, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
1.° **FARENSE**	19	15	4	0	46-10	34
2.° Louletano	19	11	5	3	28-12	27
3.° «O Elvas»	19	9	7	3	25-13	25
4.° Estoril	19	8	9	2	21-12	25
5.° Barreirense	19	11	3	5	35-15	25
6.° Juventude	19	8	6	5	20-21	22
7.° Torreense	19	8	6	5	28-17	22
8.° Alverca	19	9	4	6	27-24	22
9.° Lusitano de Vila Real	19	6	9	4	19-11	21
10.° Olhanense	19	7	5	7	22-23	19
11.° Silves	19	6	7	6	22-18	19
12.° Lusitano de Évora	19	4	7	8	25-27	15
13.° Seixal	19	4	6	9	11-28	14
14.° Olivais e Moscavide	19	4	5	10	18-30	13
15.° Portalegrense	19	3	5	11	15-48	11
16.° Atlético	19	4	3	12	22-29	11
17.° Sintrense	19	4	2	13	13-36	10
18.° Samora Correia	19	1	5	13	10-34	7

Próxima jornada: Silves - Olhanense; Estoril - Louletano; Olivais e Moscavide - Lusitano de Évora; Sintrense - Samora Correia; Portalegrense - Barreirense; Juventude - Atlético; Torreense - Seixal; Lusitano de Vila Real - Alverca; e Farense - Elvas.

Campeonato nacionais de futebol

III Divisão: Sacavenense a subir

Série A

Caminha - Ribeirão, 4-1; Celoricense - Lanheses, 5-0; Delães - Vieira, 4-2; Mirandela - Ponte da Barca, 2-0; Vila Pouca - Macedo de Cavaleiros, 0-1; Santa Maria - Maria da Fonte, 2-2; Valdevez - Valpaços, 1-0; Moreirense - Amares, 1-0; e Esposende - Prado, 1-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **ESPODENSE**	21	11	9	1	31-14	31
2.º Moreirense	21	11	8	2	27-15	30
3.º Caminha	21	10	7	4	28-12	27
4.º Delães	21	10	5	6	31-27	25
5.º Mirandela	21	8	7	6	39-25	23
6.º M. Cavaleiros	21	9	5	7	26-26	23
7.º Amares	21	8	6	7	23-19	22
8.º Maria da Fonte	21	5	12	4	19-16	22
9.º Valpaços	21	8	5	8	24-23	21
10.º Santa Maria	21	8	5	8	23-29	21
11.º Celoricense	21	7	6	8	26-22	20
12.º Vieira	21	7	6	8	21-22	20
13.º Valdevez	21	4	11	6	19-20	19
14.º Ponte da Barca	21	5	7	9	16-21	17
15.º Lanheses	21	6	5	10	20-26	17
16.º Prado	21	5	5	11	10-22	15
17.º Ribeirão	21	3	7	11	15-41	13
18.º Vila Pouca	21	4	4	13	14-32	12

Próxima jornada: Ponte da Barca - Lanheses; Maria da Fonte - Atlético de Caminha; Amares - Santa Maria; Prado - Morenrense; Vieira - Esposende; Valpaços - Delães; Macedo de Cavaleiros - Arcos de Valdevez; Vila Pouca - Celoricense; e Rio Tinto - Mirandela.

Série B

Valadares - Ermesinde, 3-1; Leça - Cinfães, 6-2; Lousada - Vila Real, 2-1; Lourosa - Sanjoanense, 1-1; Paivense - Penaguião, 1-2; Paredes - Amarante, 1-1; Pedrouços - Lixa, 1-0; Régua - Sandinense, 0-0; e Valonguense - Rio Tinto, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **LOUSADA**	21	13	4	4	38-22	30
2.º Paredes	20	10	7	3	35-18	27
3.º Amarante	21	9	9	3	30-14	27
4.º Valonguense	21	10	7	4	29-18	27
5.º Vila Real	21	9	6	6	33-20	24
6.º Lixa	21	9	6	6	26-18	24
7.º Leça	21	7	9	5	31-24	23
8.º Sanjoanense	21	9	5	7	29-23	23
9.º Lourosa	21	7	9	5	23-18	23
10.º Pedrouços	21	7	8	6	33-34	22
11.º Sandinenses	21	7	8	6	17-22	22
12.º Ermesinde	21	8	5	8	22-20	21
13.º Régua	21	7	5	9	19-24	19
14.º Cinfães	20	5	6	9	23-41	16
15.º Penaguião	21	5	4	12	20-30	14
16.º Rio Tinto	21	4	5	12	21-39	13
17.º Valadares	21	2	8	11	16-39	12
18.º Paivense	21	1	7	13	14-35	9

Próxima jornada: Cinfães - Sandinenses; Amarante - Leça; Lixa - Paredes; Sanjoanense - Valonguense; Vila Real - Lusitânia; Santa Maria - Lousada; Ermesinde - Paivense; Valdevez - Régua; e Ribeirão - Pedrouços.

Série C

Alba - Anadia, 3-1; União de Coimbra - Associação Desportiva Valonguense, 2-0; Estarreja - Gouveia, 1-1; Luso - Oliveira do Hospital, 4-1; Mortágua - Santacombadense, 1-0; Oliveirinha - Tabuense, 3-1; Sabugal - Argus, 2-2; Seia - Ovarense, 0-0; e Valecambrense - Mealhada, 1-2.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **SANTACOMB.**	21	16	1	4	22- 7	33
2.º Anadia	21	14	3	4	36-16	31
3.º Gouveia	21	8	10	3	22- 9	26
4.º Ovarense	21	9	8	4	24-12	26
5.º União de Coimbra	21	9	6	6	39-21	24
6.º Estarreja	21	9	6	6	28-14	24
7.º AD Valonguense	21	8	7	6	24-20	23
8.º Luso	21	7	9	5	18-14	23
9.º Mealhada	21	8	7	6	22-23	23
10.º Oliveirinha	21	7	7	7	24-24	21
11.º O. do Hospital	21	7	7	7	22-23	21
12.º Alba	21	6	6	9	17-20	18
13.º Argus	21	5	8	8	23-28	18
14.º Mortágua	21	5	7	9	20-28	17
15.º Tabuense	20	5	5	10	17-21	15
16.º Seia	21	5	5	11	27-28	15
17.º Sabugal	20	3	5	12	17-52	11
18.º Valecambrense	21	3	3	15	14-51	9

Próxima jornada: Mealhada - Gouveia; Anadia - Valecambrense; Tabuense - Alba; Santacombadense - Olivveirinha; Argus - Mortágua; Associação Desportiva Valonguense - Sabugal; Oliveira do Hospital - União de Coimbra; Ovarense - Luso; e Seia - Estarreja.

Série D

Alfeizerense - Bombarralense, 1-0; Alcanenense - Naval, 0-0; Estrela de Portalegre - Castelo de Vide, 2-0; Clube Desportivo de Fátima - Sertanense, 2-2; Acains - Mirandense, 0-2; Marinhense - Marrazes, 2-1; «Os Nazarenos» - Torres Novas, 1-2; União de Santarém - Ferrel, 4-0; e União de Tomar - Alcobaça, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **U. TOMAR**	21	14	7	0	31- 7	35
2.º Mirandense	21	13	5	3	35- 7	31
3.º Naval	21	11	7	3	35-17	29
4.º CD Fátima	21	10	7	4	40-16	27
5.º U. de Santarém	21	11	4	6	20-14	26
6.º Alcobaça	21	7	9	5	21-17	23
7.º Torres Novas	21	8	6	7	28-28	22
8.º Sertanense	21	5	12	4	19-19	22
9.º Marinhense	21	5	11	5	23-25	21
10.º Alcanenense	21	5	10	6	22-17	20
11.º E. Portalegre	21	5	9	7	18-30	19
12.º Alcains	21	5	7	9	24-26	17
13.º Bombarralense	21	2	13	6	14-22	17
14.º «Os Nazarenos»	21	5	6	10	20-29	16
15.º Marrazes	21	4	7	10	14-27	15
16.º Alfeizerense	21	3	7	11	17-32	13
17.º Castelo de Vide	21	5	3	13	14-35	13
18.º Ferrel	21	5	2	14	15-52	12

Próxima jornada: Marrazes - Ferrel; Mirandense - Marinhense; Torres Novas - Alcains; Castelo de Vide - Nazarenos; Alcobaça - Estrela de Portalegre; Naval - União de Tomar; Sertanense - Alcanenense; Bombarralense - Desportivo de Fátima; e Alfeizerense - União de Santarém.

Série E

Cacém - Oriental, 2-3; Fanhões - Odivelas, 1-0; Fronteirense - Campomaiorense, 0-0; Câmara de Lobos - Borbense, 2-0; Loures - Vilafranquense, 2-1; Praiense - Lusitânia, 0-0; Sacavenense - Futebol Benfica, 3-0; Portosantense - Cartaxo, 3-0; e Santa Clara - União de Almeirim, 0-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **SACAVENENSE**	21	8	9	4	20-14	25
2.º Futebol Benfica	21	9	7	5	27-23	25
3.º Santa Clara	21	9	7	5	33-26	25
4.º Oriental	20	9	6	5	26-16	24
5.º Campomaiorense	21	10	4	7	25-17	24
6.º U. Almeirim	21	9	5	7	36-20	23
7.º Portosantense	21	8	7	6	26-19	23
8.º Odivelas	21	8	5	8	27-21	21
9.º Praiense	21	7	7	7	13-15	21
10.º Fanhões	21	7	7	7	16-19	21
11.º Vilafranquense	21	6	8	7	18-17	20
12.º Câmara de Lobos	21	5	10	6	15-17	20
13.º Loures	21	6	8	7	23-27	20
14.º Borbense	21	7	6	8	19-30	20
15.º Lusitânia	20	6	6	8	16-17	18
16.º SL Cartaxo	21	4	8	9	21-33	16
17.º Fronteirense	21	5	6	10	13-30	16
18.º Cacém	21	4	6	11	16-30	14

Próxima jornada: Futebol Benfica - Vilafranquense; Odivelas - Sacavenense; Cartaxo - Fanhões; Lusitânia - Portosantense; Oriental - Praiense; Borbense - Cacém; União de Almeirim - Câmara de Lobos; Campomaiorense - Santa Clara; e Fronteirense - Loures.

Série F

União de Santiago - Quimigal, 1-1; Costa de Caparica - Imortal, 0-2; Esperança de Lagos - Amora, 1-1; Leões - Estrela de Vendas Novas, 1-0; Montijo - Almancilense, 3-2; Moura - Desportivo de Beja, 1-0; Palmelense - Vasco da Gama, 2-0; Sesimbra - Qurateirense, 1-1; e União de Montemor - Trafaria, 3-0.

	J	V	E	D	F-C	P
1.º **MONTIJO**	21	14	5	2	45-16	33
2.º Amora	21	13	4	4	37-21	30
3.º Quarteirense	21	11	6	4	46-21	28
4.º União de Santiago	21	10	6	5	42-24	26
5.º Almancilense	21	10	6	5	25-19	26
6.º Moura	21	8	9	4	26-19	25
7.º U. Montemor	21	11	1	9	35-22	23
8.º Vasco da Gama	21	10	3	8	26-29	23
9.º E. Lagos	21	7	7	7	33-28	21
10.º Palmelense	21	7	7	7	29-26	21
11.º Quimigal	21	6	9	6	21-21	21
12.º Imortal	21	6	7	8	32-35	19
13.º Leões	21	5	7	9	14-19	17
14.º Costa de Caparica	21	6	4	11	22-37	16
15.º D. Beja	21	6	4	11	17-35	16
16.º E. Vendas Novas	21	4	6	11	21-34	14
17.º Sesimbra	21	3	4	14	14-36	10
18.º Trafaria	21	1	7	13	18-61	9

Próxima jornada: Amora - Imortal; Estrela de Vendas Novas - Esperança de Lagos; Quimigal - Leões; Desportivo de Beja - União de Santiago do Cacém; Vasco da Gama - Moura; Trafaria - Palmelense; Almancilense - União de Montemor; Quarteirense - Montijo; e Sesimbra - Pescadores.

Infantis: Benfica campeão lisboeta

O Benfica bateu o Sporting por 6-3 e revalidou o título lisboeta de infantis.

Juniores

SÉRIE A: Vizela - Famalicão, 0-0; Chaves - Sporting de Braga, 0-3; Vitória de Guimarães - Merelinense, 3-0; Taipas - Gil Vicente, 0-1; Ponde da Barca - Vianense, 4-0 e Mãe de Água - Vila Real, 1-3.

Classificação: Vitória de Guimarães e Sporting de Braga, 27 pontos; Vizela, 24; Vianense, 21; Chaves, 19; Ponte da Barca, 18; Famalicão, 17; Merelinense e Gil Vicente, 15; Taipas, 13; Vila Real, 7 e Mãe de Água, 6.

SÉRIE B: FC Porto - Varzim, 4-0; Sporting de Espinho - Maia, 5-2; Rio Ave - Águeda, 3-0; Viseu e Benfica - Sporting de Lamego, 5-0; Leixões - Salgueiros, 0-0 e Boavista - Beira Mar, 2-0.

Classificação: FC Porto, 33 pontos; Boavista, 28; Maia e Varzim, 21; Rio Ave, 19; Salgueiros, 18; Sporting de Espinho e Leixões, 16; Beira Mar, 14; Viseu e Benfica, 12; Águeda e Sporting de Lamego, 3.

SÉRIE C: Leiria e Marrazes - Mangualde, 5-0; União de Tomar - Guarda, 2-0; Académica - União de Leiria, 5-0; Estação - Académico de Viseu, v./f. c.; Gouveia - União de Coimbra, 0-2; e Nazarenos - Naval 1.º de Maio, 1-2.

Classificação: Académica, 31 pontos; União de Tomar, 24; Naval 1.º de Maio e Académico de Viseu, 23; União de Coimbra, 21; União de Leiria, 19; Estação, 16; Mangualde, 14; Leiria e Marrazes e Nazarenos, 13; Guarda, 8 e Gouveia, 1.

SÉRIE D: Olivais e Moscavide - Sporting, 1-2; Benfica - Bombarralense, 8-0; União de Almeirim - União de Santarém, 3-0; Belenenses - Casa Pia, 2-2; Estoril - Estrela da Amadora, 0-1.

Classificação: Benfica, 33 pontos; Sporting, 27; Estrela da Amadora, 26; Olivais e Moscavide, 22; Belenenses, 20; Casa Pia e Estoril, 17; Costa de Caparica (menos um jogo), 16; Bombarralense, 9; União de Almeirim, 7; União de Santarém, 6 e Caldas (menos um jogo), 5.

SÉRIE E: Portimonense - Estrela de Vendas, 10-0; Lusitano de Évora - Amora, 1-2; Elvas - Sporting de Farense, 1-2; Seixal — Zona Sul, 2-2; Barreirense - Olhanense, 3-0.

Classificação: Vitória de Setúbal 27 pontos; Sporting Farense, 26; Barreirense, 22; Amora 21; Portimonense, 20; Olhanense, 18; Quimigal, 15; Seixal, 14; Zona Sul e Elvas, 13; Lusitano de Évora 8 e Estrela de Vendas Novas, 5.

Juvenis: torneio do Algarve

Nem vencedores nem vencidos

As suas primeiras jornadas do torneio internacional do Algarve, na categoria de juvenis, foram caracterizadas com Portugal, RFA, URSS e Israel a repartirem os pontos entre si. No que respeita à nossa reprsentação empatou no sábado com a RFA a dois golos e ontem a um golo com Israel.

O torneio termina hoje, em Loulé, com a realização dos confrontos RFA-Israel e Portugal-URSS.

A classificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
RFA	2	0	2	0	4-4	2
Portugal	2	0	2	0	3-3	2
URSS	2	0	2	0	2-2	2
Israel	2	0	2	0	1-1	2

TOTOBOLA

A chave

Portimon. - F.C. Porto	2
Braga - Guimarães	2
Sporting - Penafiel	1
Chaves - U. Madeira	1
Boavista - E. Amadora	1
Tirsense - Belenenses	1
Feirense - Setúbal	2
Marítimo - Beira Mar	1
Vizela - Freamunde	X
Famalicão - Gil Vicente	2
Águeda - Salgueiros	X
Mangualde - Académica	2
Alverca - Torreense	2

O nosso palpite

Concurso n.º 9/90
4 de Março de 1990

Porto - Sporting	1
Penafiel - Benfica	2
E. Amadora - U. Madeira	1
Belenenses - Boavista	X
Setúbal - Tirsense	1
Beira Mar - Braga	1
Nacional - Marítimo	X
Portimon. - Chaves	1
Aves - Famalicão	X
Caldas - Salgueiros	1
Académica - Espinho	1
Silves - Olhanense	X
Estoril - Louletano	1

Concurso n.º 81/90
7 de Março de 1990

Benfica - Dniepr	1
Malines - Milan	2
CSKA Sófia - Marselha	1
Bayern - PSV Eindhoven	1
Sampdória - Grasshopper	1
Valhadolid - Mónaco	X
D. Bucareste - Partizan	1
Anderlecht - Admira	1
Fiorentina - Auxerre	1
Colónia - Antuérpia	1
F.C. Liège - W. Bremen	2
Hamburgo - Juventus	1
Sevilha - Real Madrid	2

TOTOLOTO

1 - 6 - 16 - 30 - 38 - 39 (37)

Previsões

Totobola

Com 13 resultados: 36 a 40 concorrentes cabendo a cada um cerca de 500 contos.

Com 12 resultados: 1600 a 1800 que receberão 12 mil escudos.

Com 11 resultados: 19 a 20 mil com direito a cerca de mil escudos.

Totoloto

1.º prémio (seis números): 5/6 apostadores que embolsarão 12 mil contos.

2.º prémio cinco + suplementar): 8 a 10 concorrentes que terão direito a dois mil contos cada.

3.º prémio (cinco): 800 a 900 apostadores com direito a 70 mil escudos.

4.º prémio (quatro): 3700 a 4000 acertantes, cabendo pouco mais de 1500 escudos a cada.

5.º prémio (três): serão cerca de 700 000 pelo que o prémio não deverá ultrapassar os 125$00.

António Capela está de luto

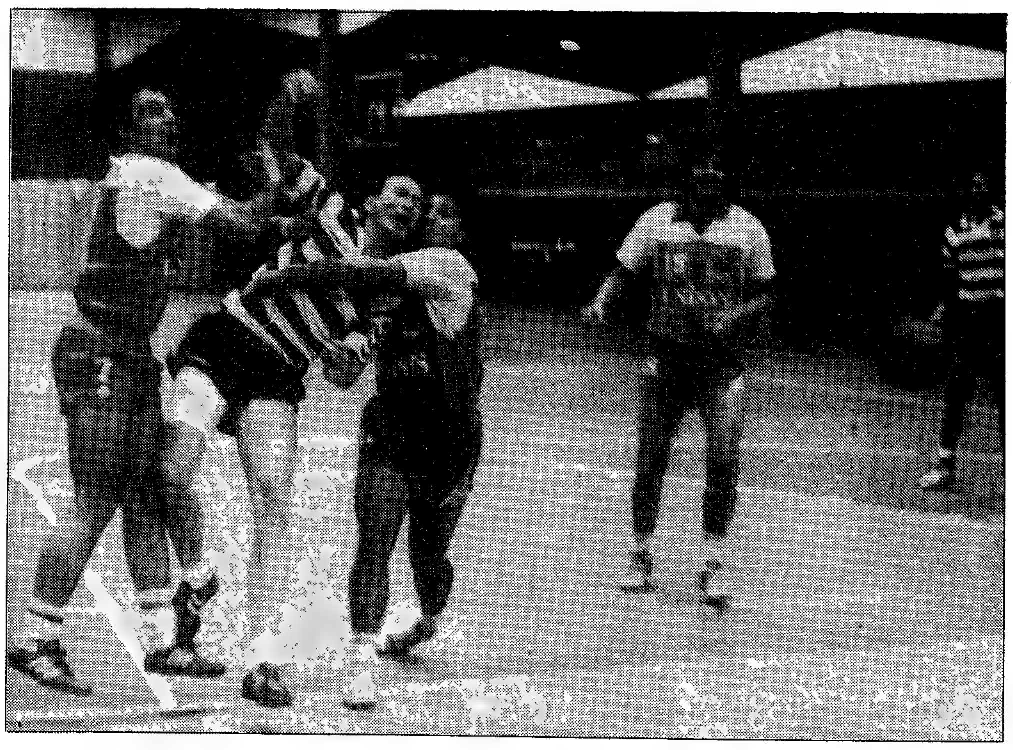
Está de luto o nosso colaborador fotográfico António Capela: faleceu seu pai, Serafim dos Anjos Capela, de 86 anos de idade, natural de Braga, antigo mestre das Oficinas Gerais de Fardamento e Calçado do Exército. Casado com Ermesinda Sanches, o extinto foi a sepultar no cemitério de Benfica (Lisboa). À família enlutada e especialmente a António Capela, apresentamos a expressão do nosso pesar.

Andebol: Estrelas «chumbaram» estudantes

Amanhã jogam-se os quartos-de-final da «Taça» com o Sporting-Benfica no topo do cartaz

A eliminação da Académica de Coimbra, às mãos do Estrelas da Avenida foi a nota de maior relevância das partidas que estavam englobadas no programa dos oitavos de final da Taça de Portugal (época 89/90) de seniores masculinos.

Podemos afirmar, sem qualquer dúvida,que houve taça, no Pavilhão do Inatel, local do prélio em que poucos arriscariam outro resultado que não a vitória da cotada formação coimbrã, face a opositor manifestamente inferior. Relembremos (se tal é preciso) que a Académica é um dos oito clubes apurados para a disputa da fase final do Nacional da 1.ª divisão, quedando-se o emblema da General Roçadas por ser o actual comandante da Série C do Nacional da 3.ª divisão, após carreira meteórica (em breve espaço de tempo) desde os regionais. Confirmando tudo isso esta eliminação totalmente inesperada dos estudantes, impotentes para travar o «sete» (muito) bem comandado por António Cascais. Êxito dos Estrelas a deixar grandes expectativas para a partida de amanhã com o Vitória de Setúbal.



TAP-Sporting: jugoslavo Dragan solta a bola mesmo travado por «aviadores»

Chamada de atenção para o comportamento do Académico de Fátima, no Pavilhão das Antas. Derrota esperada dos madeirenses se bem que por números (3 golos de diferença) que demonstram réplica digna de um dos principais candidatos à subida ao escalão maior do nosso andebol, perante o principal favorito (quanto a nós) ao título de campeão da 1.ª Divisão.

Nas restantes seis partidas, tudo dentro da normalidade, com os favoritos a fazerem jus a essa sua condição. Académico de Braga e Vitória de Setúbal actuaram, na condição de visitados e vencerem como quiseram o S. Mamede e o Fafe, respectivamente. Igual situação para Belenenses e Boavista que sendo anfitriões de dois finalistas da 2.ª divisão, fizeram prevalecer a diferença de valores goleando-os.

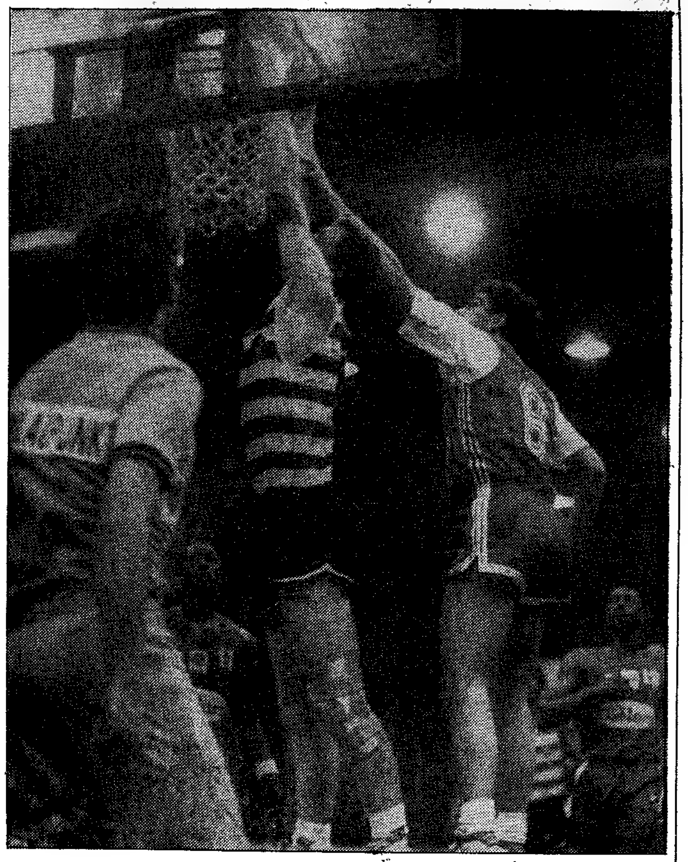
Na condição de jogarem em recinto alheio, estiveram os dois velhos rivais, Benfica e Sporting. Os encarnados foram a Guimarães bater o Francisco de Holanda, sendo a viagem dos leões bem mais pequena (até à Ajuda) para defrontarem o Clube TAP. Confirmando a má época, os «aviadores» foram presa fácil dos sportinguistas que tiveram Nuno Silva (sobretudo na 2.ª parte), Mário Santos (com 30 minutos iniciais de muito bom nível) e o jovem João Fidalgo como elementos «desequilibradores» dos pratos da balança.

Feito o comentário, atentemos nos resultados finais destas partidas: Estrelas da Avenida, 20 - Académica, 19; FC Porto, 32 - Académico Fátima, 29; ABC, 34 - S. Mamede, 26; V. Setúbal, 25 - Fafe, 20; Belenenses, 29 - Comércio Indústria, 18; F. Holanda, 24 - Benfica, 29, Clube TAP, 17 - Sporting, 25 e Boavista, 31 - Infesta, 19.

Após estes resultados e na sequência do sorteio previamente efectuado, teremos os quartos de final, amanhã, com as seguintes partidas: Estrelas da Avenida - Vitória de Setúbal (Pavilhão do Inatel às 15.30 horas), Sporting - Benfica (Nave de Alvalade, pelas 17 horas). Belenenses - FC Porto (no Restelo a partir das 17.00) e Boavista - ABC no Garcia da Horta).

Como se vê, jogos de alto risco em terça-feira de Carnaval que apurarão os semi finalistas para as meias-finais a disputar no Pavilhão do Francisco da Holanda, no próximo fim-de-semana, bem como para a final (no mesmo local).

Jorge Marques



«Leões» bateram figueirenses após prolongamento

Basquetebol

Benfica em marcha imparável

A nota mais curiosa da ronda n.º 17 do campeonato nacional de basquetebol, consistiu no facto de ter sido dominada pelo triunfo dos visitantes (excepções: triunfo do Illiabum frente à Ovarense em encontro disputado na quarta-feira e do Sporting perante o Ginásio Figueirense, após prolongamento).

Notável a carreira do Benfica que em 17 encontros somente registou uma derrota e, consequentemente, um líder destacado e perfeitamente incontestável.

Foi, na verdade, uma jornada de surpresas. Vejamos porquê: Estrelas da Avenida regresso com triunfo de Albufeira, Guifões foi a Almeirim derrotar o Barreirense e o Ginásio Figueirense terminou o período regulamentar com um «nulo» a 87 pontos, baqueado, no prolongamento, frente ao Sporting, em encontro realizado na nave de Alvalade.

Vejamos os resultados e a pauta classificativa: **Resultados:** Illiabum, 84-Ovarense, 64; Imortal, 86-Estrelas da Avenida, 99; Esgueira, 71-Benfica, 89; Sporting, 96-Ginásio Figueirense, 92 e Barreirense, 93-Guifões, 100.

Classificação:

	J	V	D	P
BENFICA	17	16	1	33
FC Porto	17	12	5	29
Beira-Mar	17	10	7	27
Estrelas	17	10	7	27
Ovarense	17	9	8	26
Sporting	17	8	9	25
Esgueira	17	8	9	25
Imortal	17	8	9	25
Barreirense	17	7	10	24
Illiabum	17	7	10	24
Ginásio	17	4	13	21
Guifões	17	3	14	20

UNICAR
Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem

VIATURAS USADAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS DE PAGAMENTO
Triumph Aclaim 1983
Renault 5 TX 1984
Renault 5 GTL (3P) 1985
Renault 5 GTL (5P) 1986
Renault 9 GTS 1986
Renault 11 TSE 1986
Renault 21 GTS 1988
Renault 21 RS 1988
Para peças de origem consulte-nos na R. do Telhal
SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças:ç R. do Telhal, 4-A - Tel. 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50 / 2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06
RENAULT

Hóquei em patins

«Dragões» a golear, Barcelos a liderar

Depois da contundente derrota (7-1) imposta, na jornada anterior, ao Benfica, em pleno «ninho das águias», o Futebol Clube do Porto recebeu o Sporting e protagonizou uma exibição de alta valia, remeteu os «leões» para Lisboa com 15-3 na bagagem. Um triunfo que dispensa qualquer comentário tão claros são os números. Supremacia inquestionável da turma portista, ante um opositor claramente desmotivado, sem ritmo, sem força física, sem resistência atlética, sem fulgor e sem centelha de clarividência ou moralização.

Quanto aos demais confrontos da ronda n.º 15 não se registou qualquer surpresa, ainda que mereça ligeira relevância a vitória da Sanjoanense na Parede e a goleada da Quimigal perante o Sporting nabantino. O líder (Óquei de Barcelos) regressou de Braga, onde, no Pavilhão de Sequeira, venceu a equipa da Grundig, com a mesma diferença pontual que o separa dos mais directos seguidores (Porto e Benfica) e o clube da Luz, certamente já recomposto da goleada sofrida no seu palco, frente aos «dragões», foi a Valongo mostrar a sua supremacia perante a turma local.

Quanto a resultados, classificação, próxima jornada e goleadores eis a informação:

Resultados: Valongo - Benfica, 1-5; Futebol Clube do Porto - Sporting, 15-3; Parede - Sanjoanense, 3-7; Turquel - Paço de Arcos, 6-3; Grundig - Barcelos, 4-6; Oliveirense - Académica, 2-2; e Quimigal - Sporting de Tomar, 6-1.

	J	V	E	D	P
Barcelos	16	15	1	0	47
FC Porto	15	13	0	2	41
Benfica	15	12	1	2	40
Sporting	15	9	2	4	35
Sanjoan.	15	9	0	6	33
P. Arcos	15	7	2	6	31
Olivenr.	16	6	3	7	31
Turquel	16	7	1	8	31
Valongo	15	5	3	7	28
A. Coimbra	15	5	2	8	27
Quimigal	16	4	1	11	21
Grundig	15	2	1	12	20
Parede	15	2	1	12	20
S. Tomar	15	2	0	13	19

Próxima jornada: Barcelos - Turquel (1.ª volta, 9-1); e Oliveirense - Quimigal (3-1), amanhã. Sanjoanense - Futebol Clube do Porto (3-10), na quarta-feira, às 21. Académica - Grundig (7-1); Sporting - Valongo (4-3); e Paço de Arcos - Parede (6-6), no sábado. E Benfica - Sporting de Tomar (12-0), no domingo.

Melhores marcadores: Leste (Sporting) e Serginho (Barcelos), 29; Vítor Hugo (Futebol Clube do Porto), 28; Tó Neves (Futebol Clube do Porto), 26; Eduardo Pinheiro (Sanjoanense), 24.

Calendário avança

Entretanto, ontem, o Óquei de Barcelos venceu o Turquel (7-3) num dos jogos antecipados da 16.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins. Na outra partida realizada, a Oliveirense recebeu e goleou a Quimigal, por 12-3.

V. Carvalho

Campeonato nacional de corta-mato

Domingos Castro: hábito mantido Benfica: colectivamente mais forte

Domingos Castro venceu o campeonato nacional de corta-mato em atletismo, disputado na Guarda, e o Benfica ganhou por equipas, quebrando a hegemonia do Sporting na modalidade. Domingos Castro, que ganhou o seu primeiro título nacional em corta-mato, dominou a corrida ao longo dos 12 mil metros, mantendo-se sempre na frente, seguido do seu irmão Dionísio.

O Benfica, que obteve a sua 19.ª vitória no «nacional» de corta-mato, contra 40 títulos dos «leões», colocou desde início os seus atletas na frente, de forma a garantir o primeiro lugar colectivo. Na terceira das cinco voltas ao circuito, e quando seguia na frente um grupo de cinco atletas (os gémeos Castro e três do Benfica), Domingos atacou, sendo acompanhado apenas por seu irmão e por Carlos Monteiro, que pouco depois teria a companhia do seu companheiro de equipa António Pinto.

Na quarta volta, Domingos castro voltou a desferir novo ataque, sendo apenas acompanhado por seu irmão, e à entrada para a última volta ambos tinham já uma grande vantagem dos dois benfiquistas.

Na meta, Domingos Castros foi o primeiro, seguido do irmão Dionísio, Carlos Monteiro (Benfica), António Pinto (Benfica), Manuel Matias (Maratona Clube), José Regalo e Joaquim Silva.

Classificação:

1.º Domingos Castro (SCP 34.06
2.º Dionísio Castro (SCP) 34.11
3.º Carlos Monteiro (Benfica) 34.22
4.º António Pinto (Benfica) 34.32
5.º Manuel Matias (Maratona Clube) 34.40
6.º José Regalo (Benfica) 34.51
7.º Joaquim Silva (Benfica) 34.52
8.º Juvenal Ribeiro (Benfica) 34.59
9.º Henrique Crisóstomo (Benfica). 35.05
10.º Eduardo Henriques (SCP) 35.19
(Participaram na prova 190 atletas).

Por equipas, o Benfica somou 28 pontos, seguindo-se o Sporting (41) Maratona (135), GD Loures (191) e Salgueiros (202).

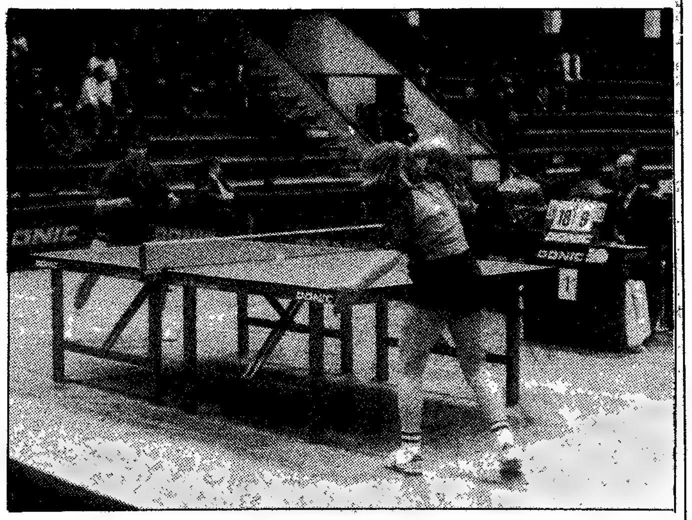
Nas restantes categorias foram vencedores: Germano Neves (juniores-Benfica), José Freitas (juvenis-BV Montemor-o-Novo) e António Riscado (veteranos).

Benfica: campeão por equipas

Quadro de honra

ATLETAS	TÍTULOS
Carlos Lopes	10
Manuel Dias	8
Fernando Mamede	6
Manuel Faria	5
Manuel Oliveira	5
Manuel Nogueira	4
Filipe Luís	4
João Silva	3
Maximiniano Pinheiro	2
Ezequiel Canário	2
Francisco Lázaro	1
Mathias de Carvalho	1
Germano Garcês	1
Mário Assunção	1
Albano Martins	1
Adelino Tavares	1
Aníbal Barão	1
Alberto Ferreira	1
Afonso Marques	1
Álvaro Conde	1
António Martins	1
José Araújo	1
Manuel Marques	1
Joaquim Ferreira	1
Anacleto Pinto	1
Dionísio Castro	1
Domingos Castro	1

CLUBE	TÍTULOS
Sporting	40
Benfica	19
Belenenses	4
Império	1
Vendendores de jornais	1
Académico do Porto	1



Ténis de mesa europeu

Portugal sobe de escalão

Portugal conquistou o direito a participar na 2.ª Liga Europeia de Ténis de Mesa ao triunfar apenas com vitórias, no campeonato da 3.ª Liga, que se disputou no Pavilhão Carlos Lopes (Lisboa). Após vencer os seus três confrontos (no sábado), frente ás formações do Liechtenstein, Guernsey e Jersey, a equipa nacional impôs ontem derrotas (por 7-0), as suas congéneres de Malta e da ilha de Man. A turma portuguesa orientada pelo director técnico nacional Silvino da Fonseca integrou Pedro Miguel, João Portela e Luísa Lopes (Sporting) Paulo Fernandes e Rogério Alfar, (Benfica) e Odete Cardoso (Estrela da Amadora). Classificação final: 1.º Portugal, com 5 pontos; 2.º Malta, 4;

3.º Liechtenstein, 3; 4.º Ilha de Man, 2; 5.º Jersey, 1; 6.º Guernsey, 0.

Esgrima

Rui Frazão: um bom toque

Em Basileia (Suíça) Rui Frazão classificou-se em 2.º lugar no torneio de espada destinado a juniores de categoria «A», pontuável para a Taça do Mundo da modalidade. Com esta classificação, Rui Frazão foi o 1.º português a conseguir pontuar para a Taça do Mundo, numa prova que foi ganha pelo alemão federal Krajewski. Rui Frazão, para chegar ao 32.º posto (num total de 105 atletas de 18 países) venceu o alemão federal Grammer e o italiano Burroni, perdendo depois com Hennerkes (RFA).

Mulheres de força

Eulália Romão e Sara Duarte batem concorrência em Atenas

As halterofilistas Eulália Romão e Sara Duarte dominaram por completo as suas categorias (de 44 quilos e 48 quilos, respectivamente) no torneio Tofalus-Kakousis que decorreu este fim-de-semana em Atenas (Grécia).

Sara Duarte, além de ter alcançado a 1.ª posição da sua categoria, estabeleceu ainda novos recordes nacionais do arranque e do total olímpico, superando as anteriores marcas que já lhe pertenciam e demonstrando estar num excelente momento de forma. Levantou no arranque 60 quilos, mais dois e meio do que o seu anterior máximo (57,5), obtendo 130 quilos no total olímpico, marca que fixara anteriormente em 128. No arremesso, Sara Duarte levantou 70 quilos.

Por seu turno, Eulália Romão foi a melhor classificada no seu escalão, levantando 50 no arremesso, 60 no arranque e obtendo 110 quilos no total olímpico.

Recordes tombam

Por cá, Carlos Tavares, do Clube Nabância (Tomar), superou dois recordes nacionais absolutos da categoria de mais de 110 quilos, durante os campeonatos regionais do Norte em juniores, que se disputaram no pavilhão municipal de Tomar. Os anteriores máximos eram pertença de Campos Costa (FC do Porto).

No arranque, o novo recordista levantou 126 quilos, mais um que Campos Costa, enquanto no total olímpico levantou 280, melhorando o anterior máximo de 275 quilos.

No arremesso, ficou-se nos 126 quilos, sem sequer tentar superar a marca dos 160 quilos em que está fixado o actual recorde de Campos Costa (que data de Dezembro de 1987, tal como os outros dois melhorados por Carlos Tavares).

Em Tomar, também se efectuaram os campeonatos regionais de juvenis. Vencedores em juvenis: 52 quilos — Fernando Costa (Nabância), 65-75÷140 quilos; 56 quilos — Jorge Andrés (FC Porto), 42,5-57,5÷100; 60 quilos — Bruno Carvalho (Ginásio Figueirense), 55-80÷135; 75 quilos — Armando Gomes (FC Porto), 75-105÷180.

Juniores: 56 quilos — Carlos Neves (Nabância), 57,5-70÷127,5 quilos; 60 quilos — Nuno Carreira (Nabância), 80-90÷170; 67,5 quilos — Jorge Gramaxo (FC Porto), 62,5-75÷137,5; 75 quilos — Emanuel Paulo (FC Porto), 70-90÷160; 82,5 quilos — Carlos Lemos (Ginásio Figueirense), 92,5 e 105÷197,5. Mais de 110 quilos — Carlos Tavares (Nabância), 126-156÷280.

Tiveram lugar, no Luso Futebol Clube do Barreiro, os campeonatos regionais do sul. Venceram nas várias categorias: 56 quilos — Paulo Gaudêncio (Luso FC), 152,2 quilos; 60 quilos — Luís Machado (Luso), 80-100÷185; 67,5 quilos — Ricardo Amaro (Luso), 90-107,5÷197,5; 75 quilos — Paulo Damião (Escola Nacional), 92,5-120÷212,5; 82,5 quilos — Carlos Santos (Ginásio do Sul), 80-100÷180; 90 quilos — Carlos Cruz (Estrela Negra), 70-90÷160.

SEAT TERRA
MAIS CARGA POR MENOS
DESDE 1.077.000 ESC.

SEAT
Grupo Volkswagen
Importador exclusivo: SOCIEDADE HISPÂNICA DE AUTOMÓVEIS, S.A.
Encargos anuais globais de 136.448 a 177.083 Esc. Base: 15.000 Km/ano. Dezembro 1989

GARAGEM VICTÓRIA, Automóveis, Lda.
Lisboa • Rua Nova de S. Mamede, 38-A • 1200 LISBOA
Telefs. 65 81 31/2/3/4/5/6 • Fax 60 34 12 • Telex 13371 GARVIT P
Cascais • Av. 25 de Abril, 901, R/C Esq. • 2750 CASCAIS
Telefs. 284 73 92 – 284 74 17 • Fax 284 74 42

olhar de mocho

Tachos e Carnaval

O senhor José Eduardo Moniz faz lembrar os «tachos» do lendário Tenreiro: na RTP ele é director importante de um canal, é apresentador - quase em serviço de exclusividade e de monopólio - do Jornal de Sábado, é locutor-apresentador-entrevistador, moderador, *pivot*, analista e «boquista» (no último Jornal, lançou a originalíssima boca, sem vir a propósito de nada «cada cabeça cada sentença»).

Não se entende bem o sentido de este acumular de funções, a não ser que o caso do tempo de antena dado ao ministro da Saúde no último sábado seja a chave do problema dos tachos. Era suposto o ministro vir explicar ao país as linhas gerais da política de saúde que pretende imprimir à governação. Mas em vez disso tivemos uma solução carnavalesca: brincar à saúde em jogos de TV. Vejamos o jogo.

Os correspondentes no estrangeiro da RTP apresentaram em duas penadas e socorrendo-se de lugares comuns que já enjoam a mediania dos cidadãos minimamente informados, o que se passa com o sistema de saúde em Espanha, na França e na Grã-Bretanha. Ficaríamos, logicamente, à espera que o ministro situasse as suas ideias num contexto de aproximação ou distanciação do que se pratica lá fora - para bem ou para mal. Ficámos com a impressão de que os relatos e reportagens dos correspondentes da TV funcionaram como os bonecos animados antes do filme de fundo: a síntese do pensamento ministerial foi fornecida pelo próprio, «o problema da saúde é um problema sério e complicado».

Depois, o ministro avançou com a solução que qualquer cidadão responderia: vão-se construir novos hospitais, os que existem não chegam, Sintra e Amadora também terão direito à saúde em sede regional.

Se as intervenções ministeriais fossem exibidas a seguir ao Telejornal e antes do meteorológico, no clássico tempo de antena, a gente não dizia nada e conformava-se: seria mais um separador de programas, emparceirando ao lado dos anúncios comerciais, dos espaços negros e das solicitações da Polícia Judiciária. Mas tempo de antena no meio do Telejornal faz lembrar partida de entrudo.

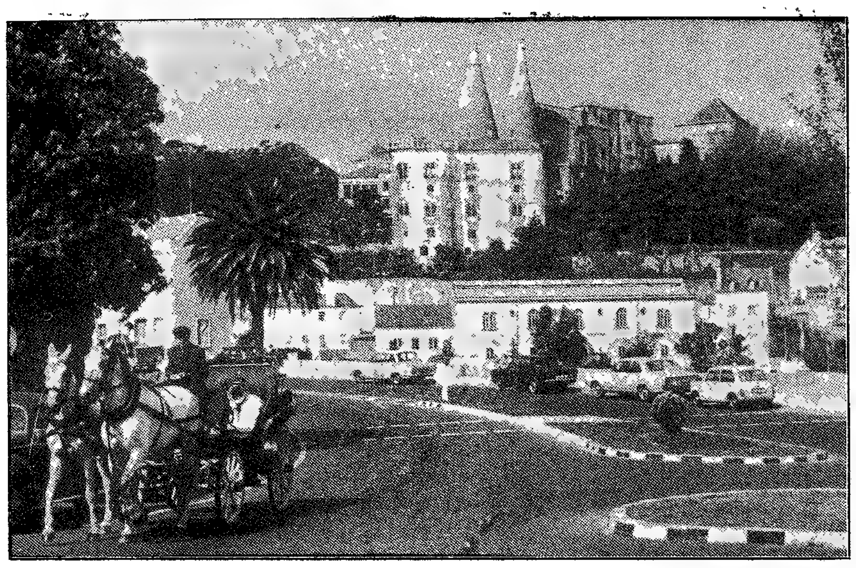
Depois, o director-apresentador teve pena que o carnaval do Brasil esteja a alterar os patrióticos costumes portugueses. Se as minhas contas não erram, a RTP está, actualmente, a emitir quatro novelas brasileiras ao longo da semana. Isto é, a RTP parece antena parabólica da televisão brasileira. Ora sem programas nacionais capazes, o sistema imune português também não resiste à SIDA televisiva.

José Sousa Monteiro

Com prémios, aplausos e debate geral, terminou sábado a I Trienal de Arquitectura, ocorrida em Sintra. Quatro foram os temas apresentados, nos dias 9, 10, 17 e 24 deste mês de Fevereiro mesmo no fim: «Arquitecto Raul Lino», «Arquitectura em Manifesto», «Manifesto e Poética na Arquitectura» e (o de sábado último) «Arquitectura Portuguesa Contemporânea». Contemporaneidade que exigiu se falasse de poesia...

Educar o olhar

«O "habitat" pertence a quem o habita e não a quem o projecta» - foi a partir desta simples frase, proferida pelo arquitecto Manuel Graça Dias, que em parte se criou a atmosfera vivida no termo das jornadas da I Trienal de Arquitectura, em Sintra. Era um sábado de sol, quente, primaveril, mas o recinto em que decorreu o colóquio, o amplo balcão do velho Teatro Carlos Manuel, encontrava-se superlotado de estudantes, pessoas interessadas e convidados. Tanta era a assistência que, a certa altura, foi iluminado um diapositivo com as duas palavras seguintes: «Proibida a entrada».



Sintra: um «habitat» poético (ainda)

Falando de maneira clara sobre coisas sérias e profundas, relativas aos tectos que nos abrigam e às paredes que nos amparam, Manuel Graça Dias, referindo-se à poesia no «habitat», soube fazer compreender que o local de habitação admite sempre todas as diferenças, «uma vez que é um acto selectivo de escolha muito íntima».

Servindo-se de diapositivos que iam acompanhando as suas palavras, o arquitecto voltou-se, sobretudo, para o interior das casas. «Como acontece a poesia no "habitat", no interior dos seus aposentos» - perguntou. Muito simplesmente: a poesia no «habitat» nasce da selecção que é feita de milhentas coisas que existem no exterior - livros, quadros, louças, jornais, flores, cartazes, vasos, pessoas, isto e mais aquilo...

Acontece, por vezes, que um objecto se nos apresenta como sendo feio. Mas o feio não existe: «Existe é a nossa capacidade de extrair poesia de tudo...» O nosso olhar é que deve educar-se olhando as coisas, sem descriminação, e, de repente, «quase sem esforço», eleger o objecto aparentemente feio para, no meio de outros considerados «bonitos», despoletar o acto poético.

«E não só o "habitat" se pode tornar poético: até as ruas podem ser habitadas poeticamente...» - disse, a meio da exposição, o arquitecto Manuel Graça Dias. Uma série corrida e comentada de diapositivos, ora a cores, ora a preto e branco, proporcionou aos presentes aspectos insólitos das nossas artérias, quer citadinas, quer rurais: um gato em determinada posição, um motociclo isoladamente estacionado à entrada de uma vivenda, um objecto qualquer perdido no jogo do empedrado, um vaso explodindo de uma soleira de porta, etc.

E por o «habitat» não ser necessariamente a casa em que vivemos, aludiu ainda Graça Dias a um simples carro eléctrico «como depósito potencial de motivos poéticos». Também o Metro, o comboio dos arredores (Sintra, Cascais), o cacilheiro, o automóvel, enfim, que se traz para a cidade... Este ou aquele meio de transporte, «habitats» transitórios que são, podem ser enriquecidos pela nossa inventiva, pela nossa busca de algo que não estava e passa a estar.

«E as montras? Já repararam nas montras da cidade?» - antecipando-se aos aplausos que se pressentiam já, o arquitecto Manuel Graça Dias, sempre de improviso e através sempre de palavras simples, fez a apologia das montras, não como locais expostos do consumismo, mas como autênticos quadros que nos falam do mundo e das muitas coisas que o mundo tem. Falou também da beleza de certas ruínas, de eventuais (e momentâneas) degradações, da construção em processo, das máquinas, dos andaimes, das roldanas... «A cidade «é um "habitat" repleto de motivos poéticos, meus senhores!» - e foi, simultâneo e de pé, o aplauso.

Prémios

Seguidamente, o arquitecto Carrilho da Graça abordou o tema da «continuidade» nos trabalhos, ao longo dos tempos, da arquitectura, isto é, uma concepção conjunta «a fim de se dizerem as coisas da melhor maneira», sem que se agrida o passado e sem que se afecte o presente.

Um intervalo - e, terminado que foi este, o anúncio e entrega de prémios e menções honrosas aos autores de trabalhos expostos no velho Carlos Manuel.

Ei-los:

Primeiro Prémio de Arquitectura - arquitecto Paulo Albuquerque; segundo prémio - arq. Adalberto Dias; terceiro - arq. Diogo Nery (ausente). Menção honrosa (única) - arq. Eduardo Souto Moura (também ausente, mas representado por Carrilho da Graça).

Duas intervenções mais se seguiram, a cargo dos arquitectos Belém Lima e Cabral de Melo, tendo o primeiro defendido, com grande sensibilidade, «a arquitectura perdendo-se anónima na paisagem» - e o segundo aludido a aspectos técnicos, de grande especificidade, relativos a projectos desenvolvidos, nomeadamente, em Vila Real.

E pronto: já com a noite pelos plátanos de Sintra, menosprezando a hora do jantar, tinha começo um debate entre alunos e professores de Arquitectura, os primeiros sempre atendidos e os segundos aplaudidos e cumprimentados.

Pedro Alvim

BREVES

Sarah Vaughan hospitalizada

A cantora de jazz Sarah Vaughan foi internada num hospital de Los Angeles com um tumor na mão direita, foi ontem anunciado.

Sarah Vaughan, de 65 anos, entrou no Hospital no princípio da semana, admitindo-se que possa sair na próxima.

Considerada por Ella Fitzgerald como «a melhor cantora do mundo», Sarah Vaughan foi descoberta no famoso Teatro Apollo no Harlem durante um concurso de amadores.

Bolsa de estudo para a música jazz

Entretanto, a multinacional dicográfica «Wea International» instituíu uma bolsa de estudo no valor de 67.500 contos com o objectivo de valorizar a música jazz.

A bolsa a favor do «Bard College», tem o nome de Nesuhi Ertegun, antigo músico de jazz e fundador da «Wea», falecido em Julho último com 71 anos.

Sobre uma ópera de Verdi no São Carlos, representada muito a propósito da quadra carnavalesca: «Um Baile de Máscaras»

Metamorfose de Gustavo III

Como é do conhecimento de qualquer melómano verdiano medianamente informado, o assunto da ópera **Un Ballo in Maschera** baseia-se, quanto ao fulcro originário ou remoto, numa personagem autêntica: o rei Gustavo III da Suécia (1746-1792), representante multifacetado do «século das Luzes» e sobrinho, aliás, de outra personagem típica da época: Frederico-o-Grande da Prússia.

No seu absolutismo político caldeado por medidas sociais e económicas de certa abertura, e na sua personalidade movida por interesses culturais diversos e não isenta de complexidade psicológica e afectiva, o monarca nórdico - no libreto que serviu, nos respectivos traços fundamentais, o cometimento músico-teatral de Verdi - foi fixado, por assim dizer, em segunda mão, através de um outro libreto: aquele que Eugène Scribe erguera para a ópera de Auber, intitulada **Gustave III ou Le Bal Masqué** e estreada em Paris em 1833.

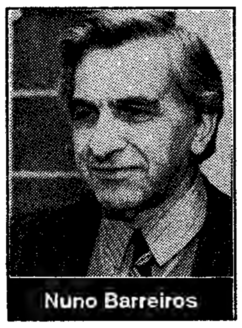
Bastante redutor e com notórias inexactidões de ordem histórica no desenrolar das peripécias, o drama proposto por Scribe não deixou de funcionar, mediante o texto e as achegas de Antonio Somma e do mesmo Verdi, como esteio de alguns dos aspectos essenciais da realização, tanto de ordem teatral como musical, em que o compositor italiano abordou o assunto.

É sabido que **Um Baile de Máscaras** constitui um monumento especialmente importante e significativo da evolução de Verdi. Num cômputo genérico, esta ópera impõe-se por uma veemência expressiva, uma firmeza de linguagem e uma impressionante riqueza de cambiantes e de climas, na ampla diversidade dos caracteres psicológicos que insere, a atestarem a pujança do génio do autor, que, após uma vintena de obras de envergadura - muitas delas (**Nabuco, Macbeth, Luisa Miller, Rigoletto, Trovador, Traviata e Simão Boccanegra**) incarnando etapas fulcrais do teatro por música - se aprestava a entrar na derradeira fase da sua actividade criadora.

Claro que na ópera verdiana que mais directamente está em causa na presente crónica, determinados pormenores da verdade histórica encontram-se distorcidos e até falseados (é o caso do relacionamento amoroso do rei com a mulher do seu secretário e amigo íntimo e do «complot» que levou ao seu assassinato, o qual teria antes motivações ou implicações políticas), ou então não são considerados de maneira explícita (por exemplo, a homossexualidade do rei). Dir-se-á que em tudo isto Verdi se ancorou, desde a primeira hora, em Scribe.

Outros factores, porém, conduziram a modificações do libreto em aspectos fundamentais. Um deles, e o mais determinante, a censura do tempo, que achava inaceitável, naquele momento político, o assassinato de uma testa coroada em cena ou inoportunas algumas circunstâncias mais «chocantes», tomando em conta certas convenções da moralidade pública. Assim, a principal personagem não comportaria qualquer identidade real e a acção deveria decorrer em época mais recuada.

Os avatares destas modificações fazem, sem dúvida, uma longa história que não será a altura de desfiar em detalhe. Bastará dizer, em síntese, que a ópera passaria a chamar-se simplesmente **Um Baile de Máscaras** e os acontecimentos situaram-se na América do Norte, metamorfoseando-se o rei Gustavo da Suécia em Governador de Boston, sob o nome de Ricardo. Mas verificaram-se ainda alterações tanto de nomes de personagens como de circunstâncias e comportamentos. E o processo de transformação do libreto acusou tergiversações, com reflexos, evidentemente, na encenação, e isto ainda em vida de Verdi, mas sobretudo depois da sua morte.


Nuno Barreiros

Como Jorge Calado, o autor das excelentes, documentadas e sugestivas notas para o programa do presente espectáculo do São Carlos, pode-se comentar que «o enredo de **Um Baile de Máscaras** começou por ter lugar na Estocolmo do século XVIII, passou depois para a Pomerânia do século XVII e acabou finalmente por se fixar na Boston colonial setecentista, da qual o retintamente inglês conde de Warwick é suposto ser Governador. Foi assim, pelo menos, que apareceu aos espectadores da noite de estreia, no Teatro Apollo de Roma, a 17 de Fevereiro de 1859. A atmosfera original sueca só viria a ser restabelecida com uma produção em 1935, em Copenhague.

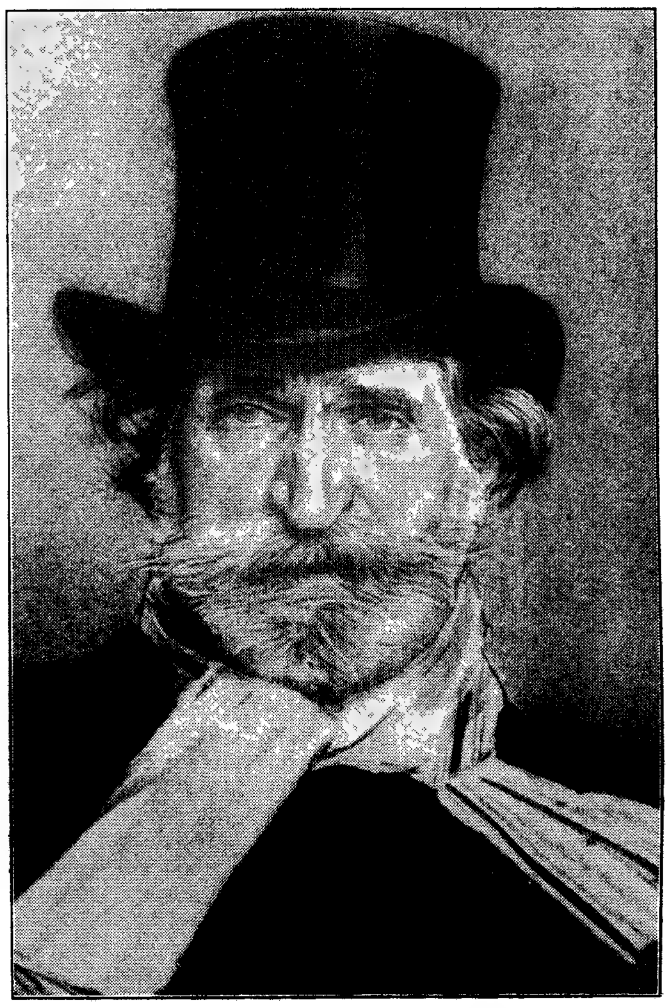
Os puristas continuam a clamar que o Gustavo da ópera nada tem a ver com o modelo histórico que foi Gustavo III. Mas com o mesmo argumento se poderia rejeitar a versão de Boston, tão aberrante historicamente que há mesmo uma edição da ópera publicada pela Casa Ricordi, que muda a acção para Nápoles - Ricardo é então **duca di Napoli**, e os nomes dos conspiradores são italianizados para Samuello e Tommaso.»

Acrescente-se que não faltaram, em produções muito diferentes, perspectivas interessantes, por vezes ousadas e extremamente imaginativas. Alguns encenadores chegaram a conservar os nomes autênticos das figuras históricas nas personagens mais ou menos correspondentes da ópera.

Claro que há dificuldades que não estarão resolvidas em absoluto. Assim entre estas: a paixão de Ricardo (a tal metamorfose de Gustavo III) por Amélia, tão saliente no carácter da música que Verdi deixou no admirável dueto de amor, conflitua um pouco com o apontado homossexualismo (que parece estar averiguado) do rei da Suécia.

O bissexualismo, que algumas encenações acentuam no comportamento de Ricardo relativamente ao pagem, é uma maneira hábil de obviar ao problema...

Seja como for, a respeito da récita agora dada no Teatro de São Carlos, não será exagero concluir que se observou um compromisso entre estas alusões directas às tais figuras históricas - manifestas nomeadamente na indicação discriminada das personagens do elenco e na narrativa do argumento (onde se lê que a acção tem lugar em Estocolmo em 1792, no último ano do reinado de Gustavo III) - e o escopo mais tradicional, assente na partitura verdiana que vingou como base e resultado mais consensual dos ajustamentos aprovados pelo próprio compositor.



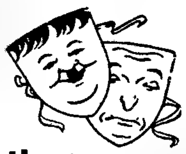
Padrão dos Descobrimentos inaugurado na Austrália

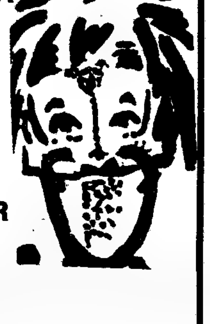
Um padrão assinalando os Descobrimentos Portugueses, foi inaugurado domingo pelo embaixador de Portugal na Austrália, José Luís Gomes, na cidade de Warrnambool, no Estado de Victoria.

O monumento em mármore, com 2,5 metros de altura, pesando uma tonelada e meia, foi concebido pelo artista plástico Vigulimo Mendes, tendo sido simbolicamente oferecido pelo Governo de Lisboa à comunidade portuguesa do Estado de Victoria que conta, actualmente, com cerca de dez mil pessoas.

O padrão está erguido numa plataforma de Cannon Hill, sobranceira ao mar, junto do local onde foram encontrados os destroços de um barco de mogno que alguns historiadores afirmam comprovar a descoberta da Austrália por navegadores portugueses no século XVII.

CARNAVAL NO RITZ-CLUB
Telef. 325140
5.ª, 6.ª, SÁBADO, DOMINGO, 2.ª 3,ª
21.30h
SÁBADO — DOMINGO — TERÇA-FEIRA
16h
com
o regresso
de
Bucha e Estica
P/Todos
O DIVERTIDO ESPECTÁCULO ENCENADO
POR MÁRIO VIEGAS
MARQUE JÁ MESA
50% DESCONTO
A CRIANÇAS
DESCONTOS A
GRUPOS!!!
FIQUE A DANÇAR
E CEAR DEPOIS





teatro da Cornucópia
SALADA
(TEXTOS dos PALHAÇOS)

«Há muitos anos que não ria tanto num espectáculo» — Jornal de Letras
«uma autêntica explosão lúdica» — Diário de Notícias
«um momento de teatro divertido e despretencioso» — O Jornal
«Uma salada para todos e que vai alimentar muitas horas de prazer» — Semanário
«uma arte de inteligência e divertimento que não pára de se divertir connosco e consigo própria» — Expresso
«o que nós nos rimos?... ? uma das propostas teatrais mais modernas que a Cornucópia nos apresentou.» — Independente
«um dos espectáculos mais soltos, mais felizes e mais comoventes do seu historial» — Fim de Semana
CARNAVAL: HORÁRIO ESPECIAL
Hoje às 21.30h Amanhã às 16h
5.ª a Sáb. — às 21.30H — Dom. e Feriados — 16H;
3.ªs e 4.ªs-Feiras — Matinées para escolas
TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 LISBOA Telef.: 66 15 15/66 92 05

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O Gabinete de Investigações Sociais e a revista «Análise Social», nascidos no seio do próprio regime salazarista, tornaram-se num decisivo «factor de mudança» dos anos 60. Sexta-feira, na Gulbenkian, foram objecto de debate

Os mosqueteiros do cardeal

As revisões do passado, mesmo que recente, têm habitualmente o préstimo da ironia. Senão o que pensar de um facto, já histórico mas ainda pouco citado nos anais do Portugal contemporâneo, sobre a evolução que as ciências sociais, e nomeadamente a sociologia, tiveram desde a teorização do corporativismo sem corporações do Estado Novo até às presentes instituições universitárias e científicas devedoras na área à instauração da democracia? Muito, e foi isso o que na passada sexta-feira esteve em questão, no terceiro debate do ciclo «Anos 60: Factores de Mudança», iniciativa conjunta do Centro Nacional de Cultura e da Sedes.

O encontro, que teve lugar mais uma vez na Fundação Gulbenkian, serviu para considerar até que ponto o Gabinete de Investigações Sociais, sucedâneo do Gabinete de Estudos Corporativos, um órgão do Centro Universitário de Lisboa da Mocidade Portuguesa, e a publicação «Análise Social», descendente da «Revista de Estudos Corporativos», contribuíram para dois factores interligados. A saber: um o grande salto em frente que nos anos 60 o «saber» social teve finalmente entre nós; o outro, mais lato, o surgimento de uma oposição ao regime saída do seu próprio centro.

Francisco Paraíso

Da esquerda para a direita, Braga da Cruz, João Ferreira de Almeida, os representantes da SEDES e do Centro Nacional de Cultura, José Carlos Ferreira de Almeida e Trigo de Abreu

José Carlos Ferreira de Almeida, que logo avisou não pretender «fazer a sociologia da sociologia, mas apresentar um testemunho pessoal, que vale aquilo que vale», puxou um dos fios possíveis da meada. Consistiu ele na coincidência de os corporativistas de então (começo da década de 50, já que todos os processos têm uma pré-história decisiva, antecedendo de longe o fulcro dos acontecimentos), entre os quais aquele que veio a ser o director da revista, Adérito Sedas Nunes, até ao seu número 100, publicado já em 1989, serem provenientes das estruturas da Juventude Universitária Católica, reconhecida oficialmente pela hierarquia de uma Igreja intimamente cumpliciada com a ditadura de Salazar.

Quem teve de mudar mais

Na sua perspectiva de não-católico que viveu parte dos eventos, surgiu a constatação de que se as pessoas, de um modo geral, mudaram muito de então para cá, «foram os católicos quem teve de mudar mais, pois eles vieram da situação vigente». Para ilustrar a verdade da consideração, o comunicante evocou o primeiro congresso da JUC masculina (liderada, precisamente, por Sedas Nunes, que não pôde estar presente no colóquio por motivos de doença) e da JUC feminina, na qual despontava a figura de Maria de Lourdes Pintasilgo: «Eu era do MUD-Juvenil, e lembro-me de termos ido oferecer um ramo de flores às jovens católicas como sinal de boa vontade no nosso relacionamento. Fomos postos fora da sala.»

A verdade, porém, é que foram estes intelectuais ligados ao regime os que mais imediatamente apreenderam os movimentos de mudança que começaram a animar o tecido social português apesar da rígida condução política e governativa. E isto ainda que um outro dos intervenientes na sessão, João Ferreira de Almeida, tivesse sido peremptório em afirmar que o GIS «não foi um protagonista exclusivo desse surto» de ciências sociais, ou mais exactamente de «estudos sociais», que se manifestou entre 60 e 70, precisamente no período em que as contradições do Estado Novo se declararam, com a rápida industrialização, a guerra colonial, a emigração massiva e a necessidade de uma relativa abertura ao mundo resultando numa maior repressão do Estado.

João Ferreira de Almeida disse não interpretar o salto em frente da sociologia graças à acção do GIS e à intervenção da «Análise Social» como um «arranque» a partir do nada, mas sim um novo impulso, não crendo que tivessem havido «descontinuidades evidentes na evolução das disciplinas sociais» em Portugal. Este elemento, que participou na redacção da revista já na sua segunda fase, sublinhou a importância de outro aspecto: o legado da crise estudantil de 62 que, a seu ver, «contribuiu para solidificar o cimento intergeracional», ou seja, para ligar os avanços da geração anterior na formulação de ideias e no desenhar de acções contra o Estado Novo (afinal a candidatura de Humberto Delgado foi, nos anos 50, já um fenómeno de dissidência), assumindo-os e projectando-os para diante, proporcionando também, ineditamente, a abertura a outros domínios académicos no exercício concreto da produção científica.

Cruzamentos de experiências

Tanto assim que, se o Gabinete de Investigações Sociais foi no início um terreno praticamente virgem (antes não se falava por exemplo de sociologia rural, mas de economia agrária) ocupado por economistas e engenheiros que não só se distanciavam da ideologia corporativista como também das suas especificidades académicas, já o chamado «segundo GIS», como salientou João Ferreira de Almeida, permitiu mais audazes «cruzamentos de experiências e de formações, numa abertura pluriparadigmática que implicou algum antidogmatismo e a recusa do cantonamento disciplinar e teórico». Vantagem essa que, acrescentou ainda a propósito, cumulou em Abril de 1974 com a definitiva permissão às ciências sociais de «irem ao terreno».

Fragilidade, escassez de resultados, risco de diletantismo e de auto-eleição, excesso de autodidactismo, foram os óbices apontados ao primeiro período da «Análise Social» e das actividades do Gabinete, fazendo com que posteriormente, perante, sempre, a ambiguidade do Poder (de que dependiam, afinal) entre a desconfiança e a benevolência, se reforçasse a preocupação pela reflexão crítica. Ora, particularmente crítico relativamente ao organismo e à revista é, hoje, Trigo de Abreu, que no debate invocou a sua «lateralidade» para com a «Análise Social» e o GIS, ilustrando-a com a sua própria posição na mesa, onde de facto parecia estar à parte.

Polémico, provocativo, recorrendo bastas vezes ao humor, o sociólogo não hesitou em acusar o Gabinete de Investigações Sociais de não ter sido «um inovador institucional em matéria de sociologia» e que «a longuíssima vida» da revista se deveu não tanto a um interesse intelectual mas também ao «efeito de imitação» que desencadeou junto dos «estudiosos do social», efeito esse que, na sua opinião, se tornou no «factor importante da mudança social em Portugal». Divertido, mas sem que os outros participantes reagissem, Trigo de Abreu apelidou como sendo «os três mosqueteiros» Sedas Nunes, Pires Cardoso (o director do Gabinete de Estudos Corporativos) e o ministro Gonçalves Proença, que disse o «sim» para a publicação da primeira revista social, e já não «corporativa», do País. O curioso, afirmou, foi o facto de «não terem recebido a bênção do rei mas do cardeal». Para bom entendedor...

Quebrar o ocultamento

Foi ainda outro o fio que, por sua vez, Braga da Cruz desenrolou. O da súbita descoberta, pelo regime, de que as ciências sociais poderiam ser utilizadas em seu benefício. Desvalido e desacreditado o corporativismo, porque afinal de contas se Salazar havia adoptado a ideologia esquecera-se de criar as corporações, a sociologia, ou algo equivalente, poderia cumprir um razoável papel na formação dos administradores coloniais, com o fito de «conhecer melhor» as populações que viviam nos confins do Império. Deu-se mal, no entanto, porque se, apesar da rebeldia, o «primeiro GIS» contribuiu para alguma «integração social» (e há quem se interrogue sobre se a criação do GIS não foi, de facto, uma estratégia - ainda que perdida - da ditadura), o «segundo» foi já de claro corte, quebrando «com o ocultamento dos problemas sociais e preconizando o desenvolvimento».

Uma das alterações tácitas - comentou - foi a introdução, na «Análise Social», de uma perspectiva histórica que antes não existia, procurando encontrar «as raízes do presente» e a «razão de ser dos bloqueamentos ao desenvolvimento» do País. Questionava-se finalmente o cerce do Estado Novo, e um tema tabu, a Primeira República. Tudo somado, Braga da Cruz não hesitou em considerar que o Gabinete, com a sua revista, «preparou as bases do moderno ensino das ciências sociais».

Depois, intervindo da assistência, Manuel Lucena, que se reivindicou de um «terceiro GIS» por só ter começado a colaborar nas páginas da publicação em 1975, fez o reenvio entre o «corporativismo de associações» que a «Análise Social» começou por advogar («Alguns chamaram-lhe autogestionário», disse) e o «associativismo corporativo» que Pintasilgo muitos anos mais tarde (lhe) viria a sugerir, informando, como exemplo da desesperança na fórmula e apesar da reincidência, que do seu último número a «Revista de Estudos Corporativos» vendeu apenas... dois exemplares.

Rui Eduardo Paes

LONGRA — INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO PARA ESCRITÓRIO, S.A.

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos estatutários e de acordo com a legislação em vigor, convoco a assembleia geral da LONGRA — INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO PARA ESCRITÓRIO, S.A. pessoa colectiva n.º 500 192 278, com o capital social de 300 000 000$00, e inscrita na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o n.º 66 940 do Livro C-168, para se reunir no dia 30 de Março de 1990, pelas 17 horas, na sua sede social, sita em Lisboa, na Rua Dr. João Couto, Lote C - 2.º Piso, com a seguinte ordem de trabalhos:

1) Apreciar, discutir e aprovar o relatório, balanço e contas referentes ao ano de 1989;

2) Eleição de corpos gerentes para o biénio de 1990/1991;

3) Deliberar sobre qualquer outro assunto de interesse para a Sociedade.

Para os devidos efeitos reproduz-se o artigo 13.º dos estatutos:

ARTIGO 13.º

1 — A assembleia geral será constituída pelos accionistas que forem possuidores de um mínimo de 50 acções, sendo contado um voto por cada grupo de 50 acções.

2 — Para efeitos do disposto no n.º 1, apenas poderão participar na assembleia geral os accionistas com direito a voto que constarem do livro de registo de acções, se forem nominativas, ou, se forem ao portador, registadas em seu nome ou depositadas em instituição bancária ou na sociedade até quinze dias antes da data indicada para a reunião da assembleia geral, em primeira convocatória.

Lisboa, 23 de Fevereiro de 1990.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

António Martins Canaverde

I Série N.º 48
Dia 26 de Fevereiro

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 160/90:
Determina que os lagares de azeite que se encontrem tecnicamente aptos e desejem exercer a sua actividade tenham obrigatoriamente de proceder à sua inscrição no Instituto Nacional de Intervenção e Garantia Agrícola (INGA).

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério para 1989 no montante de 79 598 contos.

N.º 47
Dia 24 de Fevereiro

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Portaria n.º 159/90:
Sujeita várias praias do Continente ao regime estabelecido no Regulamento de Assistência aos Banhistas nas Praias. Revoga a Portaria n.º 960/85, de 27 de Dezembro.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Declaração:
De terem sido autorizadas transferências de verbas no orçamento do Ministério para o ano de 1989 no montante de 566 124 contos.

Ministério do Comércio e Turismo

Decreto-Lei n.º 65/90:
Atribui ao Instituto do Bordado, Tapeçaria e Artesanato da Madeira competência para a emissão de certificados de origem em Portugal. Altera o Decreto-Lei n.º 75-A/86, de 23 de Abril.

Região Autónoma dos Açores Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 6/90/A:
Dá nova redacção aos artigos 18.º, 37.º e 62.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 3/86/A, de 24 de Janeiro. Revoga os artigos 60.º e 67.º do mesmo decreto regulamentar regional.

Assembleia Legislativa Regional

Resolução da Assembleia Legislativa Regional n.º 3/90/A:
Fixa o limite máximo dos avales a conceder pela Região Autónoma dos Açores durante o ano de 1990.

Nota - Foi publicado um suplemento ao *Diário da República*, n.º 20, de 24 de Janeiro de 1990, inserindo o seguinte:

Ministério da Defesa Nacional

Decreto-Lei n.º 34-A/90:
Aprova o Estatuto dos Militares das Forças Armadas.

PESSOAS & FACTOS

Rank Xerox confraternizou

Realizaram-se nos Casinos do Estoril e da Póvoa de Varzim jantares de confraternização de todos os colaboradores, e respectivos cônjuges da Rank Xerox Portugal. Estes eventos que contaram com a presença de Nuno Melícias Correia, director-geral da companhia portuguesa, constituíram pontos de partida para as manifestações que vão ter lugar em 1990, ano em que se comemora o 25.º aniversário da presença da Rank Xerox no nosso país.

A Rank Xerox possui nos seus quadros alguns colaboradores com 25 anos de serviço, que nestes jantares foram homenageados.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte:- Céu geralmente muito nublado e períodos de chuva fraca no Minho e Douro Litoral durante a manhã. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

Regiões do Centro: - Céu pouco nublado, apresentando-se temporariamente muito nublado durante a manhã na Beira Litoral. Vento fraco ou moderado de Noroeste.

Regiões do Sul: - Céu pouco nublado ou limpo e vento fraco a moderado de Noroeste.

Mar de pequene vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e também de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado e vento Nordeste moderado, por vezes com rajadas.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e mar encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal, Períodos de céu muito nublado e vento fraco. Céu muito nublado e vento geralmente fraco de Sueste.

AÇORES

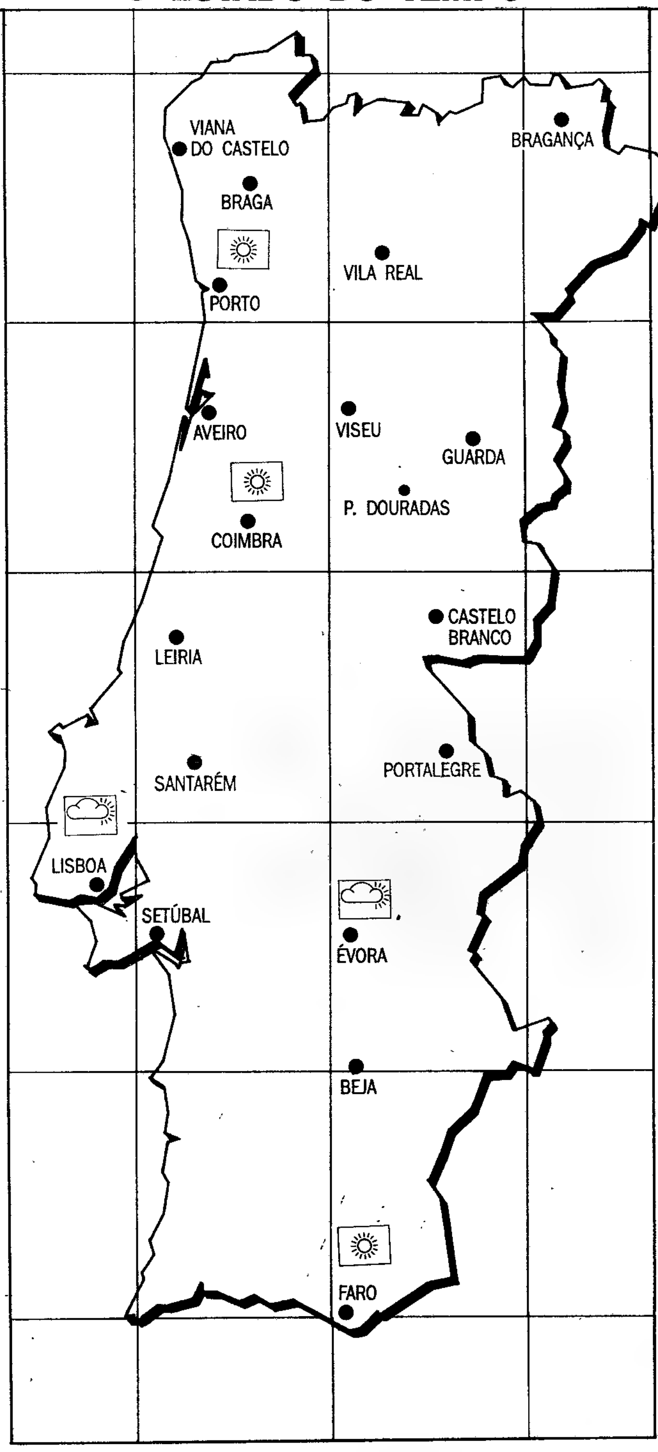
Grupo Ocidental: - Períodos de céu muito nublado e vento fraco a moderado de Oeste.

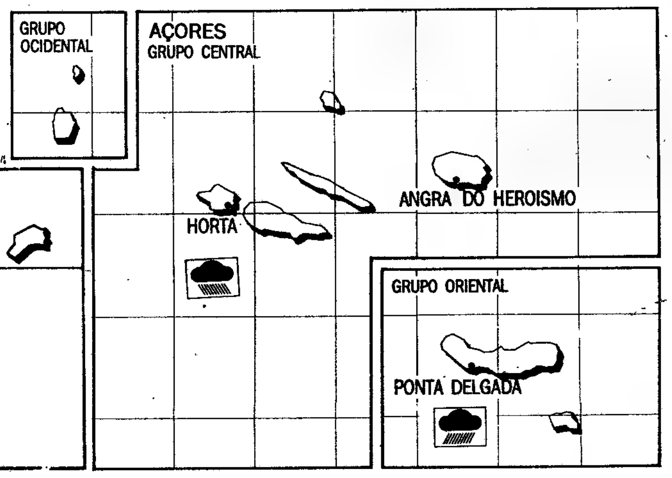
Grupos Ocidental e Oriental: - Períodos de céu muito nublado e vento geralmente fraco.

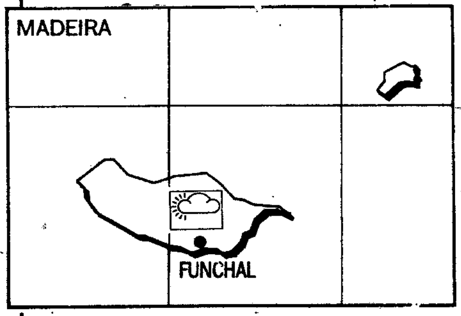
Amanhã
No Continente:
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado nas regiões do Norte. Vento fraco a moderado de Noroeste. Neblinas ou nevoeiros matinais.

Depois
No continente:
Céu geralmente pouco nublado Vento em geral fraco e neblinas ou nevoeiros matinais.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
03.40	4,0m	09.24	0,3m
16.02	3,9m	21.37	0,4m

Amanhã

04.17	4,1m	10.01	4,1m
16.38	3,9m	22.16	0,4m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	8	8	Encoberto
V. Castelo	11	12	M. nub.
Vila Real	9	11	M. nub.
Porto	11	12	M. nub.
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	11	12	Encoberto
C. Carvoeiro	13	14	Encoberto
C. Branco	7	7	P. nub.
Portalegre	6	8	Limpo
Lisboa	11	12	Encoberto
Évora	9	10	M. nub.
Beja	6	9	Encoberto
Sines	10	12	M. nub.
Faro	6	8	Limpo
Sagres	12	12	Limpo
P. Delgada	12	12	P. nub.
Horta	13	13	P. nub.
Funchal	13	13	Limpo

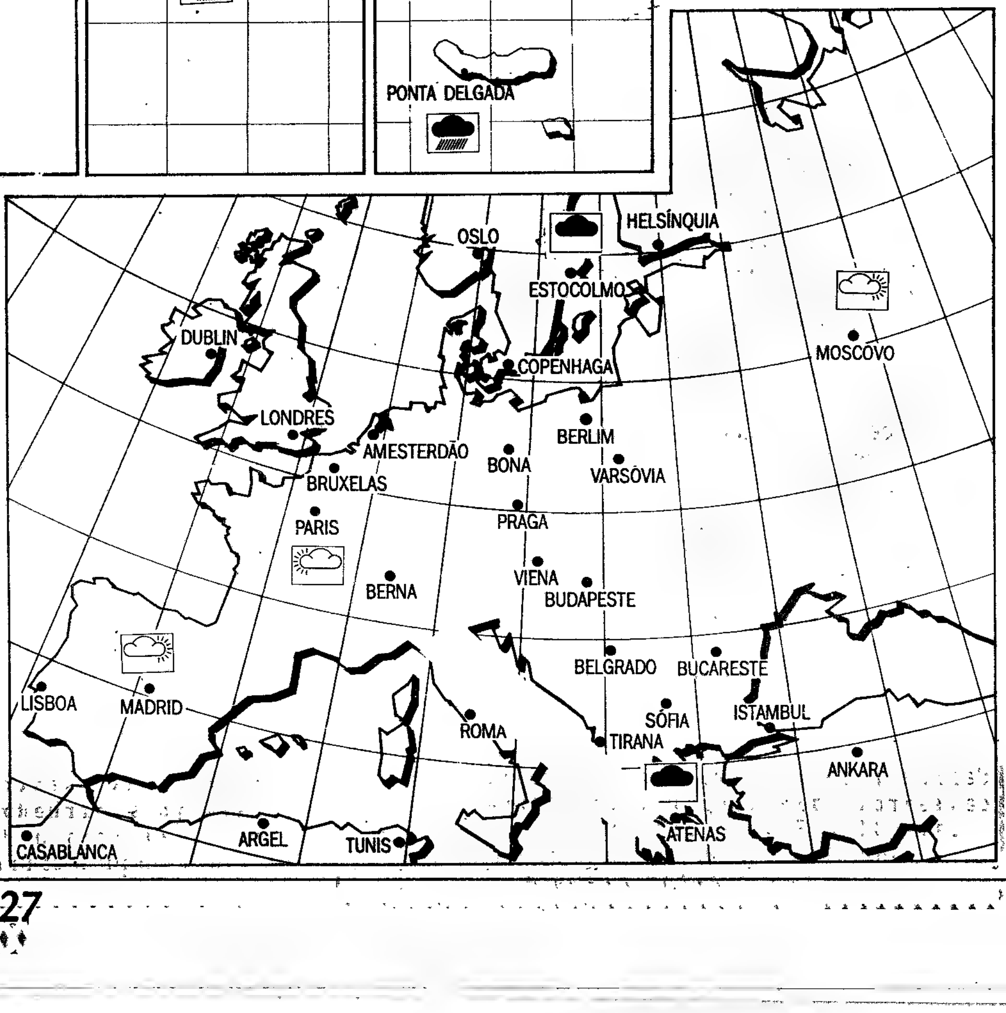
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 18; Porto, 15; Faro, 21; P. Delgada, 18; Funchal, 21.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	1	1	Chuvisco
Londres	8	12	Chuva
Paris	10	11	Chuva
Bruxelas	8	10	Chuvisco
Amesterdão	10	10	Chuva
Genebra	9	10	Bruma
Roma	10	11	Neblina
Oslo	4	5	Chuvisco
Copenhaga	5	5	Aguaceiros
Estocolmo	2	2	M. nub.
Berlim	8	8	Chuva
Viena	3	12	P. nub.
Varsóvia	2	10	M. nub.
Atenas	8	9	Limpo
Moscovo	4	5	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	-11	0	P. nub.
Houston	13	21	M. nub.
Los Angeles	9	22	Limpo
Montreal	-24	-12	Limpo
Nova Iorque	-12	-4	Limpo
S. Francisco	8	20	Limpo
Toronto	-20	-7	M. nub.
Vancover	4	11	Limpo
Washington	-6	-2	Limpo
Hong Kong	10	20	Aguaceiros
Melbourne	15	20	Neblina
Pequim	-7	2	Limpo
Perth	24	35	Limpo
Singapura	25	33	Limpo
Sydney	20	25	Aguaceiros
Tóquio	12	18	Chuva
Wellington	13	17	Limpo



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO PERMANENTE

Ajuda: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Tel. 3637318; **Alvalade:** Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Tel. 897958; **Avenidas Novas:** Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Tel. 773043; **Benfica - Igreja:** Marques, Estrada de Benfica, 648, Tel. 700096; **Campolide:** Pátria, Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 680627; **Chile - Alto São João:** Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; **Hosp. São José - Desterro:** Silmar, Rua São Lázaro, 128, Tel. 542829; **Infante Santo - Pampulha:** Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; **Galinheiras - Charneca - Lumiar:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1, Tel. 7590969; **Palácio São Bento:** Micael, Rua São Bento, 380-382, Tel. 662162; **Penha de França:** Central da Penha, Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 8149245; **Vale Formoso - Poço Bispo:** Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, Tel. 8595180; **Carnaxide:** Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; **Odivelas:** Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Bairro América: Costa Ferreira, Rua Fernão Magalhães, 33, Tel. 8149448; **Baixa:** Durão, Rua Garrett, 90, Tel. 3476186; **Campo de Ourique:** Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, Tel. 666206; **Estefânia:** Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 554808; **Estrela:** Martins, Calçada da Estrela, 165-167, Tel. 660823; **João XXI:** Onilda, Av. João XXI, 13-A, Tel. 886848; **Marquês Pombal - Picoas:** Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21 B-C, Tel. 547385; **Olivais Norte:** Central Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C, Tel. 315539; **Palhavã:** Aguiar, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 7260942; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Professor Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santo Amaro:** Correia Azevedo, Rua Luís Camões, 42-B, Tel. 3638625; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loje E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Dias & Saraiva, Av. Afonso Pala, 17, Tel. 2114487. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel. 2470777. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; **Parede:** Aisir, Av. Gago Coutinho - B.º Caixas Previdência, Tel. 2472948. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; **Cascais:** Misericórdia, R. Regimento, 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Helénica, R. Elias Garcia, 372, Tel. 4933613. Permanente; **Damaia:** Girassol, R. Elias Garcia, 17-C, Tel. 974161. Até às 22 h; Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Azeredo, Av. Qt.ª Mirante, Lote 47, Tel. 4350879. Permanente; **Albergaria**, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9248120. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Permanente; **Mercês:** Clarro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **S. Pedro de Sintra:** Valentim, Tel. 9230456. Permanente; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Algarve, R. Fernão Lopes, 1, Tel. 2750271. Permanente; **Cova da Piedade:** Avelar Silva, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A, Tel. 2750337. Permanente; **Monte de Caparica:** Guerreiro, Lote 31 - IJ. Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; **Lavradio:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; **Sesimbra:** Lopes, R. Cândido Reis, 21, Tel. 2233028. Até às 19 h; **Barreiro:** Moderna, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12, Tel. 2073443. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Duarte Ramos, R. Bafatá, 11 - Loja 30, Centro Belsul, Tel. 2243143. Permanente; **Arrentela:** Ana Branco, Quinta Murtinheira, Tel. 2215590.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

☎ 766 171 · 766 178 · 766 179

HÁ 20 ANOS

NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: EDUARDO PRADO COELHO ESCREVE DE AIX
Diário de Lisboa
DURANTE O ANO DE 1969
SETE EMPRESAS NACIONAIS VENDIDAS A ESTRANGEIROS
segundo informação do ministro da Economia
POMPIDOU E ROGERS DE ACORDO QUANTO À CONTINUAÇÃO DA INDEPENDÊNCIA DE ISRAEL

Empresas nacionais para estrangeiros

A informação fornecida pelo ministro das Finanças e dfa Economia ao deputado Camilo de Mendonça mostra que, em 1969, houve sete empresas portuguesas cujo capital social foi totalmente adquirido por empresas estrangeiras.

Pompidou pela independência de Israel

Num almoço que decorreu na luxuosa sala de jantar da Secretaria de Estado, em Washington, o Presidente da República Francesa, Georges Pompidou, e o secretário norte-americano de Estado, William Rogers, concordaram que a continuação da independência de Israel é a chave para a resolução do conflito do Médio Oriente.

Leopardo mata um homem

Um leopardo matou um homem ontem em Roma, no terraço de um edifício situado junto do Tibre. A fera, com três anos de idade, foi abatida depois a tiros de revólver pelo seu proprietário. A vítima era um homem de 41 anos, que fazia a limpeza de apartamentos.

EFEMÉRIDES

1971

• Morre o actor francês Fernandel.

1975

• Em Portugal, é promulgada a Lei de Imprensa.

1983

• O Papa João Paulo II distribui um documento que estabelece os novos processos para a canonização dos santos, concedendo aos bispos locais uma maior participação no exame dos candidatos a canonizar e reduzindo o poder do promotor da fé, vulgarmente conhecido como o «advogado do diabo».

1985

• A greve dos mineiros britânicos, que dura desde há quase um ano, entra em declínio, quando 3800 mineiros regressam ao trabalho quebrando a palavra de ordem dos sindicatos.

1986

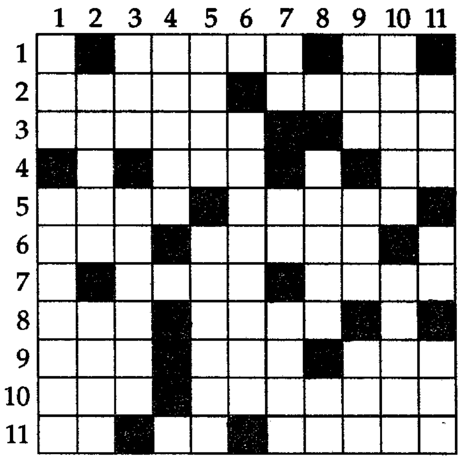
• O Tribunal Constitucional proclama oficialmente Mário Soares vencedor das eleições presidenciais.

• A canção «We Are The World», de Lionel Richie e Michael Jackson, interpretado por mais de 50 músicos e que arrecadou cerca de 30 milhões de dólares a favor das vítimas da fome em África, recebe o prémio «Grammy» para a canção e disco do ano.

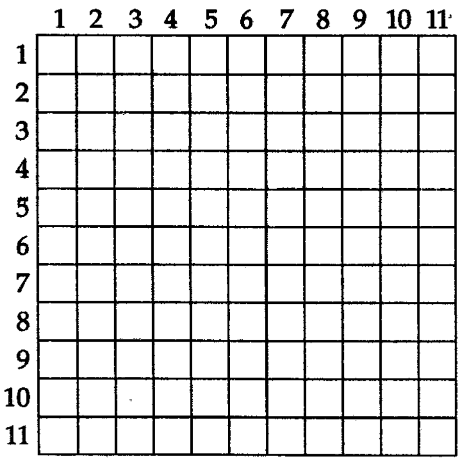
1989

• O navio nigeriano «River Gurara» naufraga perto do Cabo Espichel, à vista de terra, provocando a morte de 18 tripulantes.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17866



PROBLEMA N.º 16676

PROBLEMA N.º 17866

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Cordão. Contracção da preposição de com artigo.
2 - Nau. Recursos.
3 - Iria para fora. Guarneço de asas.
4 - Sufixo que designa abundância. Pronome pessoal.
5 - Ruins. Nome de mulher.
6 - Deusa da Aurora, esposa de Titono. Salário semanal do operário.
7 - Faldas. O mesmo que júvia.
8 - Nome pelo qual é conhecido um dos Kennedy. Grisalho.
9 - Enguia. Nome de mulher. Cólera.
10 - Chefe etíope. Rancoroso.
11 - Antes do meio-dia. Nosso Senhor. Recuas.

VERTICAIS

1 - Com. da Bélgica. Peta.
2 - Irmão de Moisés. Estavam.
3 - Cento e seis em romano. Empregados.
4 - Naipe das cartas de jogar.
5 - Ratas. Título dos antigos soberanos do Egipto.
6 - Cidade marítima da Noruega.
7 - Antes do meio-dia. Brisa. Branqueia com cal diluída em água.
8 - Tempo do verbo ser. Em excesso. Era Cristã.
9 - Claridade. Título honorífico na Índia. Liguei (inv.).
10 - Cidade de Itália. Que tem pouco comprimento.
11 - Estou. Bário (s.q.). Preposição e artigo (pl.).

PROBLEMA N.º 16676

HORIZONTAIS:

1 - Cidade do Peloponeso. Cabo de Espanha, no Mediterrâneo, entre Valença e Alicante.
2 - Colega. Pronome pessoal.
3 - Ala. Nome de mês.
4 - Item. Transe.
5 - Oásis. Refutei.
6 - Milímetro (abrev.). Abreviatura de Santíssimo. Trabalham com sapa.
7 - Ilha do Pequeno Belt. Concede.
8 - Zombar. Mulher chinesa da classe baixa. Cloro (s.q.).
9 - Tarimba. Repetira.
10 - Gostai muito de. Em a. Possuir.
11 - Padre (deprec.).

VERTICAIS:

1 - Cidade do Japão. Cabelos brancos.
2 - Lamentaram.
3 - Magnete natural. Versejas.
4 - Miriare. Ex-Imperatiz da Pérsia.
5 - Maldições.
6 - Personagem do «Otelo» de Shakespeare. Cidade da União Indiana.
7 - Pequeno planeta descoberto em 1936 por Delport. Dar pios.
8 - Albergados por esmola.
9 - Ilha pertencente à província de Macau. Fruto da ateira.
10 - Prendo. Quinto filho de Jacob. Acredita.
11 - Alternativa. Aparentara.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 865

HORIZONTAIS: 1 - UMA. GOTA. DE. 2 - Aturarem. 3 - Miam. Sarara. 4 - Eos. Timor. 5 - Coisa. Pã. 6 - Cara. Rodas. 7 - Roa. ER. 8 - Doera. Sã. 9 - Musa. Safa. 10 - Croa. Soer. 11 - Ais. Caxo. La.
VERTICAIS: 1 - MEL. ADOÇA. 2 - Maio. Ri. 3 - Atascaremos. 4 - UM. Or. Rua. 5 - Gr. Tiaras. 6 - Oásis. Ana. 7 - Tramaras. 8 - Aero. Asso. 9 - MAR. DE. Ao. 10 - Par. FEL. 11 - Ecaras. Tara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 675

HORIZONTAIS: 1 - Queimadela. 2 - Única. Ceco. 3 - Ita. Recolha. 4 - Ao. CI. AAA. 5 - Isolados. Dá. 6 - Cá. Ósseos. 7 - Suamos. El. 8 - Ísara. Medi. 9 - Évora. Van. 10 - Cá. Arcara. 11 - Arrombarias.
VERTICIAS: 1 - Quiaios. Eça. 2 - Untos. Uivar. 3 - Eia! Ocaso. 4 - CI. Clamarão. 5 - Maria. Ora. 6 - Dosa. Ab. 7 - Os. Cra. 8 - Ecoassem. Cr. 9 - Lela. Elevai. 10 - Achado. Dará. 11 - Ao. Assinas.

PROVÉRBIO: UMA GOTA DE MEL ADOÇA UM MAR DE FEL.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB
Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496
CORAÇÕES DE AÇO
Filme de Brian de Palma, c/Michael J.Fox e Sean Penn
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2
FOGO MALDITO
Filme de Clive Barker, c/Andrew Robison e Clare Higgins
Maiores de 18 anos
Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Filme de Euzhan Palcy, c/Donald Sutherland e Janet Suzman
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Filme de Peter Weir c/Robin Williams
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa
Telef. 691275
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 3
CHUVA NEGRA
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 4
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 5
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 6
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 8
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões ás 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas..

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A
Telef. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10
Telef. 776098
NÃO ME IMPORTO
Filme de Shmuel Imberman
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.00, 18.00, 21.30 horas

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15
Telef. 324194
SARILHO NO FAR-WEST
Filme de Sérgio Corbucci
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO
Parque Mayer
A MAGIA DO PRAZER
Hard-core-1º escalão (porno)
Maiores de 18 anos
Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27
Telef. 573407
FUROR SEXUAL DE VANESSA
Hard-core-1ºescalão (porno)
Maiores de 18 anos.
Sessões às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30.

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37
Telef. 533253
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Filme de Wes Craven, c/Michael Murphy
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.
PINK FLOYD - THE WALL
Com Bob Geldof
Maiores de 18 anos
Às 24.00 horas

CINE PORTELA
ESTÚDIO SHEZA
Telef. 9434762
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 17.15 e 21.15 horas.

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34
Telef. 549999
NOVE SEMANAS E MEIA
Filme de Adrian Lyne
Maires de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES
Av. da Liberdade, 2
Telef. 322523

UM MUNDO À PARTE
EM EXIBIÇÃO — SALA 3 — QUARTETO
PUB
MAIORES 12 ANOS

CORRUPÇÃO NA CIDADE
Filme de Harel Reisz
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

ESTÚDIO
Alameda D. Afonso Henriques, 35
Telef. 555134
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F
Telef. 8487255
DOIS DETECTIVES EM APUROS!
Com Lorin Dreyjuss
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FONTE NOVA 1
Estrada de Benfica 503
Tel 7145088
OS REIS DA NOITE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 horas.

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037
AUDITÓRIO 1
O BANDO DAS QUATRO
Filme de Jacques Rivette
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.00, 15.45, 18.30 e 21.30 horas.

FORUM PICOAS
AUDITÓRIO 2
O PROCESSO DO REI
Filme de qualidade de João Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO
Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134
HANNA D.
Filme de Axel Berger
Maiores de 18 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes
Telef. 8480808
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1
Rua Bulhão Pato, 1-C
Telef. 8480808
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara
Telf. 3631162
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES
Av. de Roma, 7-A
Telef. 801313
VALMONT
Filme de qualidade de Milos Forman, c/Colin Firth e Annette Bening
Maiores de 16 anos
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão
Telef. 538743
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2
ASSASSINATO SOB CUSTÓDIA
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3
ENTRE PRIMOS
Maiores de 12 anos

COFRE DE PREVIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS E AGENTES DO ESTADO

(ANTERIORMENTE DENOMINADO COFRE DE PREVIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS)

ASSEMBLEIA GERAL

(Sessão Ordinária)

Nos termos do Art.º 86.º do Estatuto, vai reunir pelas 21 horas do dia 29 de Março p.f., no Hotel Altis na R. Castilho, n.º 11, em Lisboa, a Assembleia Geral, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciação e votação do relatório e contas da gerância de 1989;
2 — Protostas da direcção:
 2.1 — Nos termos do Decreto-lei n.º 236/79 de 25 de Julho, para alteração do n.º 1 do art.º 18.º dos estatutos do cofre, no que se refere ao limite mínimo de subsídio por morte a subscrever no acto da inscrição;
 2.2 — Alteração do limite máximo do subsídio por morte, nos termos do art.º 18.º dos estatutos;
 2.3 — Medidas alternativas ao actual sistema de inscrição para aquisição de casa, nos termos da deliberação da última assembleia geral.
3 — Informações.

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1990.

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
Jorge Frias Lourenço da Gamá.

SOCIEDADE AGRÍCOLA QUINTA DA PRINCESA, SA

Sociedade anónima com o capital de Esc: — 20 000 000$00 inteiramente realizado
Sede: Rua das Amoreiras, n.º 72-E, 3.º Dto — Lisboa
Matriculada sob o n.º 34 326 na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa
Pessoa colectiva n.º 500 263 868

CONVOCATÓRIA

Ficam os Senhores Accionistas convocados por este meio, nos termos da lei, para a reunião anual da Assembleia Geral da SOCIEDADE AGRÍCOLA QUINTA DA PRINCESA, SA a qual terá lugar na sede social no próximo dia 29 de Março de 1990 pelas 11.30 com a seguinte ordem de trabalhos:

a) Deliberar sobre o relatório de gestão, as contas do exercício e demais documentos de prestação de contas, apresentadas pelo Conselho de Administração com referência ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1989;
b) Deliberar sobre a proposta da aplicação dos resultados;
c) Proceder à apreciação geral da administração e fiscalização da sociedade;
d) Deliberar sobre qualquer outro assunto de interesse para a sociedade.

De harmonia com o artigo 13.º dos estatutos sociais só serão admitidos a participar e votar na reunião da assembleia geral os Senhores Accionistas cujas acções se achem registadas nos livros da sociedade ou depositadas na sede social até 15 de Março de 1990.

Na sede da sociedade estarão patentes para exame pelos Senhores Accionistas, nos termos da lei e pelo prazo desta convocatória, todos os dias úteis, das 15 às 18 horas, os elementos de informação especificados no artigo 289.º do Código das Sociedade Comerciais.

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1990

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Fernando de Castro Van Zeller Pereira Palha

CARTAZ

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B
Telef. 574362
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON
R. dos Condes, 4
Telef. 326283
O POLICIA DE MIAMI
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.30, 16.45, 18.00 e 21.30 horas.

OLIMPIA
R. dos Condes, 13
Telef. 325309
COMPETIÇÃO SEXUAL
Filme porno
Maiores de 18 anos
Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2
CORRUPÇÃO NA CIDADE
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA
R. Portas de Stº Antão
Telef. 326305
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16
Telef. 771378
ARIEL
Filme de Aki Kaurismaki
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00, 16.45, 18.00, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3
UM MUNDO À PARTE
Filme de Chris Menges, c/ Barbara Hershey
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00 horas.

QUARTETO 4
QUE FIZ EU PARA MERECER ISTO?
Filme de Pedro Almodovar
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00 e 22.00 horas.

SÃO JORGE 1
Avenida da Liberdade, 175
Telef. 579144
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

SÃO JORGE 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3
LAR, DOCE LAR... ÀS VEZES
Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

7ª ARTE
Av. da República
Telef. 730715
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Telef. 804210
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERMINAL
Estação do Rossio
Telef. 371573
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 6 anos
Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30 horas.

TURIM
Estrada de Benfica, 723-A
Telef. 706666
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.00, 17.30 e 21.30 horas.

XENON
Av. da Liberdade, 9
Telef. 3468446
SHOKER-CEM MIL VOLTS DE TERROR
Maiores de 18 anos
Sessões às 12.00, 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

«Querida eu Encolhi os Miúdos», um filme para todos em exibição em várias salas de cinema

SINTRA

AMADORA BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia
Telef. 4934871
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

CACÉM ESTÚDIO FLORES
Telef. 9247570
REGRESSO AO FUTURO II
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.00 e 21.30 horas.

QUELUZ KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
SALA 1
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Mairoes de 12 anos
Sessões às 15.00, 18.00 e 21.15 horas.
SALA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30 horas.
SALA 3
CORAÇÕES DE AÇO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.45 horas.

CASCAIS

OEIRAS ALTO DA BARRA 1
Av. das Descobertas - Telef. 4439759
SORTILÉGIO
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

ALTO DA BARRA 2
VEREDICTO FINAL
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS CINE PALMEIRAS 1
Telef. 2479144
VALMONT
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

CINE PALMEIRAS 2
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS MIRAMAR 1
Telef. 2841744
BRIGADA ASSASSINA
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2
CLUBE DOS POETAS MORTOS
Maiores de 12 anos
Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD
Avb. 25 de Abril - Telef. 2865027
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
Maiores de 6 anos
Sessões às 16.00 e 21.30 horas.

ALMADA

ALMADA ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
Maiores de 6 anos
Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DE CAPARICA CINEMA PESCADOR
Telef. 2905350
GENTE GIRA É OUTRA COISA
Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 21.45 horas.

TEATRO

LISBOA

TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha - Telef. 7260818
Sala 1 às 21.30 horas.
Descanso na 4ª feira
A PÉCORA
De Natália Correia.

TEATRO DA CORNUCÓPIA
R. Tenente Raul Cascais, 1-A
Telef. 661515/669205
Hoje e amanhã às 21.30 horas. Descanso na 4ªfeira
SALADA
De Tristan Rémy

INFANTIL

TEATRO INFANTIL TIL
R. Leão de Oliveira, 1 - Telef. 3639974
Hoje às 16.00, amanhã às 15.00 e 17.00 horas
FELIZ ANIVERSÁRIO
Texto e encenação de Fernando Gomes.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA (R. das Janelas Verdes): a exposição "Arte Namban - os portugueses no Japão"
MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo, das 10 às 12,30 e das 14 às 17, uma exposição permanente que integra centenas de milhares de peças, entre as quais um conjunto pré-histórico de 300 peças de ouro.
MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março (Dia Mundial do Teatro), "Amália, 50 Anos" com entrada gratuita aos domingos de manhã.
MUSEU NACIONAL DO TRAJE: Até Abril, as exposições "A Lançadeira - tecelãs de Cachopo", "Tramas e Sortil´rgios" de Teresa Segurado Pavão, "Bonecas com Traje da Índia" e "Joias" de Ana Campos; Em exposição permanente "Técnicas de Fiação e Tecelagem"; e ainda "A s Bandeiras do Mês"
BIBLIOTECA NACIONAL: até 10 de Março, a exposição de desenho "Retratos", de Miguel Pereira Coutinho. Exposição de Francisco Rocha.
GULBENKIAN (Galerias das Exposições Temporárias): organizada pelo Museu Stedelijk de Amesterdão em colaboração com a Fundação Gulbenkian, uma exposição de Pintura, Escultura e Fotografia do Uruguai, Argentina, Brasil e Chile; nas galerias do Centro de Arte Moderna, a exposição "Panorama da Cerâmmica Espanhola Contemporânea" e "Página Dupla" de Raymundo Sesma.
GALERIA EUROARTE (R. Rodrigo da Fonseca, 107 C): até 5 de Março, de segunda a sexta das 10.30 às 19, sábados das 10.30 às 13 e das 16 às 19 e domingos das 16 às 18 horas, óleos de Nydia Lozano.

ANÚNCIO
2.° JUÍZO — 1.ª SECÇÃO

O Doutor NATALINO BOLAS Juiz de Direito da Comarca do Seixal:

Faço saber que no dia 3 do mês de MAIO 1990 pelas 10 horas, no Tribunal desta Comarca, nos autos de C.P. N.° 266/89 — do 2.° Juízo — 1.ª Secção vinda do 3.° Juízo — 2.ª Secção do Tribunal Judical de OVAR — Proc.° 143/B/85 — que o exequente ESTOFOLAR — INDÚSTRIA DE ESTOFOS — Ld.ª — com sede em ESMORIZ — move ao executado JOSÉ ALBERTO DOS SANTOS AMADOR — Quinta da Vinha — lote 21 — CRUZ DE PAU-SEIXAL — que corre seu termos por este Tribunal e 1.ª secção de processos, há-de ser posto em praça pela segunda vez, para ser arrematado ao maior laço oferecido acima do valor que adiante se indica os seguintes móveis penhorados àquele executado:

MÓVEIS

— Uma mobília de sala de jantar, folheada a nogueira — composta de um móvel com 2 elementos; uma mesa oval, 6 cadeiras com estofo em napel cor castanha, no valor de 150 000$00

VERBA N.° 2

Dois jogos de sofás, com cama francesa, de cor castanha em napa italiana, no valor de 200 000$00.

VERBA N.° 3

Uma sapateira em mogno, com 3 portas e tampo em mármore no valor de 12 500$00.

— É fiel depositário o Sr. José Alberto dos Santos Amador — residente na Quinta da Vinha — lote 21 — CRUZ DE PAU-SEIXAL QUANTIA EXEQUENDA: — 665 000$00.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.

Seixal, 13 de FEVEREIRO de 1990.

O JUIZ,
a) Natalino Bolas
Pel'O ESCRIVÃO DE DIREITO,
a) Odília Cordeiro

TANI

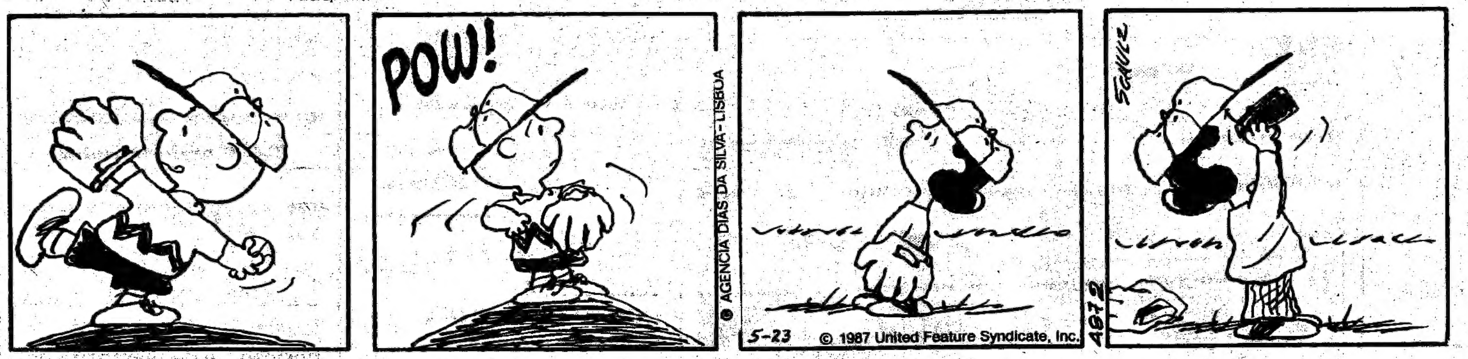
5 anos de eterna saudade de sua irmã e demais família.

DENIS GABRIEL VALLE CINTRA

Sua família agradece reconhecidamente a todas as pessoas que manifestaram a sua solidariedade e amizade.

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA
NO ESPAÇO DO CAFÉ-TEATRO
CARNAVAL
2.ª FEIRA-21.30H
FESTIVAL DA OTITE!
BAILE — MÚSICA AO VIVO C/A BANDA «DI LÁ» — BRASIL
Marcações T. 726 08 18

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.40 - HOSPITAL CENTRAL
113º episódio
17.25 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - RUA SÉSAMO
81º episódio: o monstro das bolachas ensina-nos uma canção sobre a auto-estima, antes de sabermos mais alguma coisa àcerca do significado da palavra rua. Como se fazem brinquedos com arame é a última "lição" da emissão de hoje.
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.08 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
57º episódio
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.40 - CASINO ROYAL
6º programa: Hitler, de visita a Portugal, «brinda» com a sua presença o Casino Royal, para grande excitação dos seus adeptos, espiões e contra-espiões. Enquanto isso, o proprietário deste antro de conspiradores, sr. Royal, continua a disfarçar-se de Mary Carmen Por Supuesto, procurando descobrir onde se escondem os seus inimigos e provocando «calores» em Zé Alverca. Também o Trafaria continua muito apaixonado por Maribel, apesar das investidas sempre audaciosas de Yvette Carina. Como convidado especial, além do Fhürer, o Casino Royal contará com a presença de Carlos Guilherme.
22.45 - QUASE ADULTOS
6º episódio
23.35 - 24 HORAS
00.05 - REMATE

No 1º Canal às 21.40, Herman José e o seu Casino Royal

Mais uma aventura de «Os Cinco», às 16.55 no 2º Canal

RTP-2

16.55 - OS CINCO
24º episódio: ma encantadora de serpentes chamada Miss Slither e um perito em engolir fogo, Alfredo, são apenas dois dos estranhos e novos amigos que os Cinco irão fazer durante umas férias de roulote.
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
3º episódio
17.50- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
48º episódio
18.30 - PAIXONETAS
A jovem Ann Cassidy, uma aluna de liceu, não se interessa pelos rapazes nem pelo amor. A chegada de um novo professor de inglês irá no entanto mudar radicalmente a sua atitude.
19.30 - MAX FOLLIES
19.45 - CLÁSSICOS NA TV
8º episódio de «Estrada 66»
20.35 - HÁ PINTORES QUE...
1º episódio
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - TEATRO ESTRANGEIRO
«O Pato Bravo»: Da autoria de Henrik Ibsen, esta peça é considerada uma das suas melhores obras. Uma viagem às «profundezas´ inconsoláveis da alma humana, «O Pato Bravo foi encenado, em estúdio, pelo sueco Bo Widerberg, o realizador de «Elvira Madigan» Duração: 180 minutos

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - FERA RADICAL
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA
13.30 - DALLAS
14.15 - VILA FAIA
15.05 - MATINÉE
16.55 - HOSPITAL CENTRAL
17.45 - BRINCA BRINCANDO
18.30 - RUA SÉSAMO
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.08 - HALE AND PACE
22.25 - CARNAVAL NO RIO
00.30 - 24 HORAS
01.00 - REMATE

RTP-2

15.01 - FILHOS E FILHAS
15.25 - AGORA, ESCOLHA
16.55 - OS NOVOS CAÇA FANTASMAS
17.20 - HISTÓRIA DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
18.25 - MUSIC BOX
19.25 - MAX FOLLIES
19.40 - CLÁSSICOS DA TV
20.30 - CINE MAGAZINE
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«O Falhado Amoroso» ou «Por favor não mexam nas Velhinhas»

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

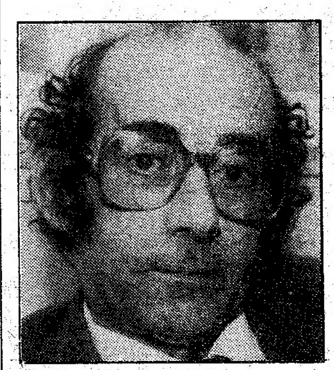
BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA
MÉDICO-DENTÁRIA REPÚBLICA
(Doenças da boca e dentes)
– Assistência exclusivamente médica
– Urgências sem marcação
– Odontopediatria (Tratamentos dentários para crianças)
– Preços acessíveis
ACORDO COM A ADSE
• Av. República N.º 99 - 5.º Esq. (ao Campo Pequeno) – Tel. 76 05 69
• R. de Arroios N.º 58 - 1.º Esq. (aos Anjos) Tel. 57 58 61

«A Igreja pensa que o CDS vive debaixo das saias das beatas ou que não passa de papa-hóstias. Mas está redondamente enganada.»

Manuel Monteiro, «O Jornal», 23.02.90

A PERGUNTA DO DIA



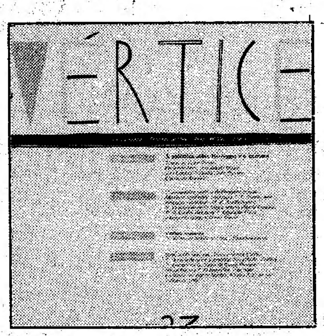
Moisés Espírito Santo
sociólogo

Qual a origem da festa do Carnaval?

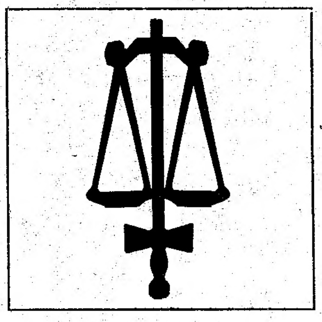
«Os fenómenos sociais não têm origem em momento nenhum, são produções e reproduções sucessivas. Nas sociedades mediterrânicas temos conhecimento destas festas no século VIII aC através da Bíblia, 'Livro de Ester'. Em Babilónia, onde foi adoptada pela liturgia hebraica, tinha lugar nesta época, e já era tal e qual como o actual Entrudo português: julgamento das más personagens, condenação da autoridade, crítica dos costumes, mudança de papéis sociais, glorificação dos interditos, comezainas, etc. Era e é uma festa agrária, de regozijo pelo fim do Inverno, que é a morte da vegetação, e pela chegada da Primavera, que é a sua ressureição. É um ritual de rebelião e de desejo de mudança, em simbiose com a terra. Assim como as sementes germinam neste momento, assim as sociedades desejam estruturar-se de nova forma. Por isso, o seu traço genuíno é a troca de papeis sociais e simulacros de mudança, fazer tudo ao contrário do tempo normal.

Falo do Entrudo, da festa milenária mediterrânica que podemos viver em qualquer aldeia de Portugal, não do Carnaval português, espectáculo camarário, saloio, sensaborão e frustrante que os urbanos adoptaram por falta de imaginação para mais. O Entrudo é um ritual regenerador e criativo. O Carnaval é uma pilhéria que não dá para sonhar; incita apenas ao sono. Frustrado.»

APLAUSOS A...



Vértice, uma revista nascida em Coimbra, em 1942. É uma das mais antigas publicações de cultura portuguesa, tendo marcado o período áureo do neo-realismo. Em 1987, após uma pausa na sua publicação, a Editorial Caminho adquiriu o título e revitalizou o projecto. O coordenador editorial é Manuel Gusmão, um professor universitário e dirigente comunista que tem tido o mérito de ter transformado a revista num espaço de debate vivo e de grande actualidade. Foi o que aconteceu no número de Janeiro com uma detalhada análise da questão comunicacional e neste mês com a polémica sobre Heidegger e o nazismo.



Tribunal de Coruche, pela sentença que proferiu a propósito do chamado «caso das cegonhas brancas». O caso relaciona-se com o abate de três pinheiros onde estavam instalados 23 ninhos de cegonhas. Quase um ano depois do ocorrido, o Tribunal decidiu obrigar a ré, além da multa, a repor a situação anterior, isto é, a colocar na mesma propriedade suportes que possibilitem a nidificação das saudosas cegonhas. Uma atitude pedagógica que se sauda!

& PATEADAS A...

Carlos Melancia, o governador de Macau, que mais uma vez anda nas bocas do mundo. Por diversas vezes, vieram a público denúncias de corrupção naquele território e que nunca chegaram a ser esclarecidas. Agora é mais um caso que, alegadamente, o envolve directamente em negócios ilícitos. O sentido de oportunidade que o levantamento deste caso indicia não é decerto inocente. De qualquer modo, tal não deve significar que o governador responda a tão graves acusações apenas com ameaças de processos e com a devolução de acusações sobre a quem aproveita este caso.

Oliveira Martins, o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações que, contra a Comissão de Coordenação do Algarve, contra autarcas, contra o parecer da CEE, contra técnicos e responsáveis pelo desenvolvimento regional, teima em manter o traçado da via longitudinal do Algarve, a chamada Via do Infante. A teimosia significa para o País desprezar dez milhões de contos de um fundo comunitário. Que interesses moverão esta obstinação?

À MARGEM

A nostalgia do mergulho poderia ser o estado de espírito de Marcelo Rebelo de Sousa, na passada quarta-feira, numa esplanada do Cais do Sodré, à beira do Tejo. O olhar ausente por certo lhe trouxe à memória a euforia da campanha para os Paços do Concelho e o sonho de outros paços ali para os lados de S. Bento. Mergulhos!

Vernissage

Não há pior ocasião para ver os quadros do que a inauguração da exposição de pintura. É como se numa estreia teatral o público não tomasse o seu lugar para ver o espectáculo, mas ficasse no *foyer* a conversar entre si com uma vivacidade que ninguém ousaria interromper, comentando coisas e loisas, a suposta carta a Melancia, a lambada do sábado passado, a Ordem de Malta, a reconversão têxtil, o jogo do Amadora em Braga, a retirada cubana, os professores que não querem ser o que são, «et cetera», «et cetera». Para animar os animados, circulariam por entre os convidados, o director, os actores, os figurantes, sobretudo os do sexo fraco, oferecendo bebidas alcoólicas e outras, enquanto o feliz autor nacional do espectáculo era muito felicitado pela obra, que ninguém tinha tido nem oportunidade nem, provavelmente, desejo de ver. Para os sete especialistas, o catálogo-programa estaria à disposição, numa mesinha do canto.

Um *vernissage*, falemos francamente, se é bem organizado, constitui um encontro mundano de pessoas, que se encontram noutros *vernissages* e de outros, gatos-pingados intrusos, que raramente saem de casa e que são tranquilizados pelos habituados de que são bem vindos e justamente queriam telefonar-lhes para se assegurarem de sua saúde.

Um *vernissage* ideal limita-se ao tempo de um jogo de futebol, sem intervalo, com intensidade máxima no meio aritmético do tempo prescrito.

Um *vernissage* que se preza, antes de começar tem já algumas obras sinalizadas vendidas, e outras com o sinal de apalavradas. O resto virá por acréscimo, mas não durante a festa.

Se, porventura, o leitor estiver mesmo interessado num *vernissage*, aconselho-o a participar nel 24 horas depois. Pode ver os quadros.

Jorge Listopad

Amanhã, feriado de terça-feira de Carnaval, estão encerrados todos os nossos serviços, não se publicando o «Diário de Lisboa».

Quarta-feira no
Diário de Lisboa

Mentira desportiva cerca os estádios

Vai reabrir o Teatro Maria Vitória

Democracia e Desarmamento - por António E. Sacchetti

A.M.A.® Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75